

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

CAMILA MACIEL CAMPOLINA ALVES MANTOVANI

**NARRATIVAS DA MOBILIDADE: COMUNICAÇÃO, CULTURA E
PRODUÇÃO EM ESPAÇOS INFORMACIONAIS**

BELO HORIZONTE

2011

CAMILA MACIEL CAMPOLINA ALVES MANTOVANI

**NARRATIVAS DA MOBILIDADE: COMUNICAÇÃO, CULTURA E
PRODUÇÃO EM ESPAÇOS INFORMACIONAIS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais para obtenção do grau de Doutor em Ciência da Informação.

Linha de Pesquisa: Informação, Cultura e Sociedade

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida Moura

BELO HORIZONTE

2011

M293n Mantovani, Camila Maciel Campolina Alves.
Narrativas da mobilidade [manuscrito]: comunicação, cultura e produção em espaços informacionais / Camila Maciel Campolina Alves Mantovani. - 2011.
234 f. : il. color.

Anexos: f.231-234

Orientadora: Maria Aparecida Moura
Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação.
Referências: f. 223-230

1. Ciência da informação – Teses. 2. Tecnologia da informação – Teses. 3. Telecomunicações – Teses. 4. Telefonia celular – Teses. 5. Mobilidade social – Teses. 6. Cultura e Globalização – Teses. I. Título. II. Moura, Maria Aparecida. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação.

CDU: 654



UFMG

Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Ciência da Informação
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

FOLHA DE APROVAÇÃO

"NARRATIVAS DA MOBILIDADE: COMUNICAÇÃO, CULTURA E PRODUÇÃO EM ESPAÇOS INFORMACIONAIS"

Camila Maciel Campolina Alves Mantovani

Tese submetida à Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos à obtenção do título de "**Doutora em Ciência da Informação**", Linha de Pesquisa "**Informação, Cultura e Sociedade - ICS**".

Tese aprovada em: 21 de novembro de 2011.

Por:

Profa. Dra. Maria Aparecida Moura - ECI/UFMG (Orientadora)

Prof. Dr. Marco Antônio de Almeida - USP

Profa. Dra. Ana Maria Pereira Cardoso - PUC/MG

Profa. Dra. Geane Carvalho Alzamora - FAFICH/UFMG

Profa. Dra. Alcenir Soares dos Reis - ECI/UFMG

Prof. Dr. Carlos Frederico de Brito D' Andréa - Universidade Federal de Viçosa

Aprovada pelo Colegiado do PPGCI

Versão final Aprovada por

Profa. Gercina Ângela B. O. Lima
Coordenadora

Profa. Maria Aparecida Moura
Orientadora



UFMG

Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Ciência da Informação
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

ATA DA DEFESA DE TESE DE **CAMILA MACIEL CAMPOLINA ALVES MANTOVANI**, matrícula: 2007655963

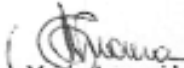
Às 14:00 horas do dia 21 de novembro de 2011, reuniu-se na Escola de Ciência da Informação da UFMG a Comissão Examinadora aprovada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação em 31/10/2011, para julgar, em exame final, o trabalho intitulado **Narrativas da mobilidade: comunicação, cultura e produção em espaços informacionais**, requisito final para obtenção do Grau de DOUTORA em CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, Área de Concentração: Produção, Organização e Utilização da Informação, Linha de Pesquisa: Informação, Cultura e Sociedade - ICS. Abrindo a sessão, a Presidente da Comissão, Profa. Dra. Maria Aparecida Moura, após dar conhecimento aos presentes do teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra à candidata para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a Comissão se reuniu sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

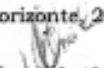
Profa. Dra. Maria Aparecida Moura - Orientadora	APROVADA
Prof. Dr. Marco Antônio de Almeida	APROVADA
Profa. Dra. Ana Maria Pereira Cardoso	APROVADA
Profa. Dra. Geane Carvalho Alzamora	APROVADA
Profa. Dra. Alcenir Soares dos Reis	APROVADA
Prof. Dr. Carlos Frederico de Brito D' Andréa	APROVADA


Pelas indicações, a candidata foi considerada APROVADA.


A Banca destaca os aportes metodológicos da pesquisa e recomenda a publicação de seus resultados em publicações acadêmicas pertinentes. O resultado final foi comunicado publicamente à candidata pela Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar, a Presidente encerrou a sessão, da qual foi lavrada a presente ATA que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 21 de novembro de 2011

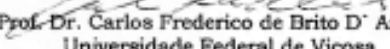

Profa. Dra. Maria Aparecida Moura
ECI/UFMG (orientadora)


Prof. Dr. Marco Antônio de Almeida
USP



Profa. Dra. Ana Maria Pereira Cardoso
PUC/MG


Profa. Dra. Geane Carvalho Alzamora
PAPICH/UFMG


Profa. Dra. Alcenir Soares dos Reis
ECI/UFMG


Prof. Dr. Carlos Frederico de Brito D' Andréa
Universidade Federal de Viçosa

Obs: Este documento não terá validade sem a assinatura e carimbo da Coordenadora.


Prof.ª Geane Aparecida Barão de O.
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação
em Ciência da Informação - ECI/UFMG

Para Rafael, Francisco e Pedro,
por darem sentido e beleza a tudo.

AGRADECIMENTOS

Ao movimento primeiro, de energia indecifrável, que criou o mundo, que nos deu a vida e que trança nossos destinos.

Àqueles de onde venho. Minha mãe, Eliana e meu pai, Francisco, por terem me ajudado a construir meus primeiros caminhos e por trilhá-los comigo até o momento em que pudesse caminhar sozinha.

Àquele com quem fiz o encontro e que escolhi para caminhar ao meu lado. Rafael, sem o seu amor, eu não poderia ir tão longe. Obrigada por me acompanhar lado a lado e, por muitas vezes, levar-me no seu colo. Amo você.

Àqueles para onde vou. Francisco e Pedro, meus amores, vocês são a razão para não parar, para querer sempre o melhor da vida. Obrigada por me fazerem enxergar o quão grandiosas são as pequenas coisas.

Àquela que, neste processo, foi meu ponto de apoio para que movesse o mundo. Cida, encontrar você fez toda a diferença na minha vida profissional. Obrigada por me fazer descobrir o gosto pela pesquisa, por ter me ensinado coisas que vão muito além de métodos, técnicas e teorias, mas que envolvem respeito, generosidade, amizade, ética e brilho nos olhos. Obrigada por ter me apoiado não só como orientadora, mas também como amiga e por dividir comigo esse momento tão especial. Espero que nossa parceria, que começou em 1999, na iniciação científica, perpetue-se por muitos anos. Obrigada, obrigada, muito obrigada!

Àqueles do movimento constante, do corre-corre da vida, sempre presentes:

- Loli e Nena, as melhores irmãs do mundo. Juju, minha afilhada, e Bernardo, meu querido sobrinho. Vô Gláucio, Paulinho e Felipe. Tia Lua, Tia Marília, Gabi e Nina. Evandro, Lucas e Matê: família do coração!

- Angela e Marina, pelos encontros mensais regados a bom vinho e a boa prosa, obrigada por manterem minha sanidade mental. Carol, por ser minha companheira nessa jornada e por me ajudar a não desistir. Amy, por me mostrar que é possível encontrar o equilíbrio entre a maternidade e a profissão. Maria Fernanda, por me oferecer um cantinho especial para estudar com tranquilidade. Letícia, por me fazer companhia na biblioteca em pleno janeiro e pelas conversas madrugada adentro. Joana Ziller, pela presença serena e generosa, obrigada pelas caronas, pelos chás, pela amizade e, principalmente, por me fazer acreditar que era possível! Grazi, por ser minha amiga mais mirabolante e por me levar ao meu objeto! Obrigada por ter me apresentado a Take.Net e o mundo da mobilidade!

- Maurício, Rennan, H.Milen, Nikolas, Sérgio Vargas, Valéria Diaz e Laís, vocês têm participação especial nessa história.

Agradeço também,

Aos colegas do Núcleo de Estudos das Mediações e Usos Sociais dos Saberes e Informações em Ambientes Digitais (NEMUSAD), por compartilharem temas, inquietações e por acreditarem que conhecimento se constrói colaborativamente.

À Joana Andrade e ao Ricardo, pela confiança e pelos projetos incríveis da fhios.br. Obrigada em especial à Joana, por compartilhar seus

conhecimentos comigo e por me ajudar a entender o usuário e suas demandas informacionais a partir dos estudos de usabilidade.

Ao pessoal da DM&P, em especial Bruno, Fátima, Fábio, Filipe, Hermann e Marina, aprendi muitas coisas com vocês. Obrigada pela oportunidade.

Aos professores da ECI, em especial Alcenir e Guiomar, e também aos colegas, por estabelecerem diálogos múltiplos e nos permitirem vivenciar a riqueza do debate interdisciplinar da Ciência da Informação. À Gisele, à Nely e ao Célio por ajudarem a todos nós.

Aos alunos dos cursos de Design de Interação e Produção em Mídias Digitais da PUC-MG, com os quais tive a honra de compartilhar conhecimentos e dúvidas. Obrigada por serem interlocutores tão especiais durante esse processo.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e à Fundação de Amparo à Pesquisa do estado de Minas Gerais (FAPEMIG) pelo auxílio que me foi concedido.

Ao Helemar, à Tânia, ao Mario Alberto, à Maria José Marinho, ao Guilherme e a toda a turma do All Love por me fazerem enxergar além do que se vê!

Obrigada.

“Nós precisamos de utopia, não para sonhar realizá-la, mas para tê-la conosco e nos dar assim os meios de reinventar o cotidiano. A educação deve inicialmente ensinar a todos a mudar o tempo para sair do eterno presente fixado pelas imagens em círculo, e fazer mudar o espaço, isto é, a mudar no espaço, a sempre ir ver mais de perto e a não se nutrir exclusivamente de imagens e mensagens. É preciso aprender a sair de si, a sair de seu entorno, a compreender que é a exigência do universal que relativiza as culturas e não o inverso. É preciso sair do cerco culturalista e promover o indivíduo transcultural, aquele que, adquirindo o interesse por todas as culturas do mundo, não se aliena em relação a nenhuma delas. É chegado o tempo da nova mobilidade planetária e de uma nova utopia da educação. Mas só estamos no começo dessa nova história que será longa e, como sempre, dolorosa.”¹

“Attraversiamo!”²

¹ AUGÉ, Marc. Por uma antropologia da mobilidade. Maceió: EDUFAL : UNESP, 2010. p.108-9.

² O termo italiano significa um convite para se deslocar com o outro.

RESUMO

Esta pesquisa tem como ponto de partida a problematização do fenômeno da mobilidade, através da trajetória de sujeitos premidos pela necessidade de conexão e acesso a fluxos informacionais ininterruptos. Nesse contexto informacional, cultural e tecnológico, destaca-se a presença dos dispositivos móveis, em especial, os telefones celulares. Tais artefatos, que agregam, além dos serviços de voz, informações textuais e conexão com a Internet, estão cada vez mais presentes na paisagem urbana, modificando o acesso, a produção e a disseminação de informações. Assim, tendo por base o paradigma da mobilidade e suas conexões com as teorias da globalização e sociedade da informação, a pesquisa teve por objetivo apreender o papel da informação e das tecnologias móveis na constituição do padrão de mobilidade contemporâneo. Para tanto, buscou identificar e caracterizar os elementos definidores da era da mobilidade por fluxos informacionais a partir de três instâncias principais: o discurso acadêmico em torno do fenômeno, o dispositivo e suas dimensões técnicas, culturais e econômicas, e as narrativas dos sujeitos que utilizam tais dispositivos. Dentre os resultados, destaca-se a força do construto simbólico de uma sociedade sempre conectada e disponível para ingressar em processos interativos. Nesse sentido, os sujeitos que fazem uso das tecnologias móveis, incorporando-as a diferentes atividades distribuídas ao longo de sua rotina, acabam por estabelecer novas maneiras de “estar no mundo”, situando-se entre o movimento real e o virtual. No entanto, apesar de terem distintas motivações para o movimento e transitarem em contextos de mobilidade específicos, há regularidades nesses comportamentos e na própria percepção da mobilidade. Viu-se que a conexão possibilitada pelo uso de tecnologias móveis torna-se um dos aspectos mais significativos da mobilidade por fluxos informacionais: são estabelecidas conexões para o lazer, para o trabalho, para o estudo, para se localizar, para consumir, para expressar sentimentos. Os processos informacionais, a partir das possibilidades de interação e mobilidade implementadas pelas tecnologias móveis, tornam-se cada vez mais complexos e estabelecem novos paradigmas para produção, acesso e disseminação de informações na contemporaneidade. Isso exige uma visão mais abrangente do que vem a ser a era da mobilidade e da conexão e suas demandas por fluxos contínuos de informação.

Palavras-chave: mobilidade, paradigma da mobilidade, dispositivos móveis, fluxos informacionais, teorias da globalização.

ABSTRACT

This research stems from the issue of the mobility phenomenon, through the pathway tread by subjects in need of connection and access to uninterrupted information flow. In this informational, cultural and technological context, the presence of mobile dispositives stands out, especially cell phones. Such artifacts, which contain not only voice services, but texting information, and Internet connections, are increasingly present in urban settings, changing access, production, and dissemination of information. Therefore, with the paradigm of mobility and its connections to globalization theories and information societies, the research aimed to capture the role of information and mobile technologies in the constitution of the contemporary mobility pattern. Therefore, the study sought to identify and characterize the defining elements of the mobility era through information flows from three main instances: the academic discourse surrounding the phenomenon, the dispositive and its technical, cultural and economic dimensions, and narratives of subjects who make use of such dispositives. The strength of the symbolic construction of a connected society that is available for interactive processes stands out among the results. Therefore, those who make use of mobile, incorporating it to the different activities inherent in their routine, establish new ways of “being in the world”, situated between the real and the virtual movement. However, despite distinct motivations for the movement and transit within specific mobility contexts, there are regularities in these behaviors and in the perception of mobility. The connection made possible with the use of mobile technologies becomes one of the most significant aspects of mobility for informational flows: connections are established for entertainment, work, study, location, retail, and expression of feelings. The information processes resulting from the interaction possibilities and mobility implemented by mobile technology become increasingly complex and establish new paradigms for production, access, and dissemination of current information. This demands a broader view of what the era of mobility and connection is and what its demands are for continuous flow of information.

Key-words: mobility, mobility paradigm, mobile devices, information flow, globalization theories.

RESUMEN

Esta investigación tiene como punto de arranque la problemática del fenómeno de la movilidad, a través de la trayectoria de sujetos presionados por la necesidad de conexión y acceso a flujos de información ininterrumpidos. En ese contexto, informacional, cultural y tecnológico, se destaca la presencia de los dispositivos móviles, en particular, los teléfonos. Tales artefactos, que añaden, además de servicios de voz, informaciones textuales y conexión con Internet, están cada vez más presentes en el paisaje urbano, cambiando el acceso, la producción y la diseminación de informaciones. Así, teniendo en cuenta el paradigma de la movilidad y sus conexiones con las teorías de la globalización y la sociedad de información, la investigación ha tenido como objetivo aprehender el papel de la información y de las tecnologías móviles en la constitución del patrón de movilidad contemporáneo. Por ello, fue necesario identificar y caracterizar los elementos definidores de la era de la movilidad por flujos de información desde tres instancias principales: el discurso académico alrededor del fenómeno, el dispositivo y sus dimensiones técnicas, culturales y económicas, y las narrativas de los sujetos que los utilizan. En los resultados, se destaca la fuerza del constructo simbólico de una sociedad siempre conectada y disponible para ingresar en procesos interactivos. En consecuencia, los sujetos que hacen uso de las tecnologías móviles, las incorporando a diferentes actividades distribuidas a lo largo de su rutina, acaban por establecer nuevas maneras de “estar en el mundo”, quedándose entre el movimiento real y el virtual. No obstante, a pesar de tener distintas motivaciones para el movimiento y transitar en contextos de movilidad específicos, hay regularidades en esos comportamientos y en la propia percepción de la movilidad. Se ha visto que la conexión posibilitada por el uso de tecnologías móviles se torna uno de los aspectos más significativos de la movilidad por flujos de información: son establecidas conexiones para el ocio, para el trabajo, para el estudio, para ubicar, para consumir, para expresar sentimientos. Los procesos de información, a partir de las posibilidades de interacción y movilidad implementadas por las tecnologías móviles, se tornan cada vez más complejos y establecen nuevos paradigmas para producción, acceso y diseminación de informaciones en la contemporaneidad. Eso exige una visión más exhaustiva de lo que viene a ser la era de la movilidad y de la conexión y sus demandas por flujos continuos de información.

Palabras clave: movilidad, paradigma de la movilidad, dispositivos móviles, flujos de información, teorías de la globalización.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1_Nokia Morph.	116
Figura 2_Evolução na aparência dos aparelhos de telefonia celular por Kyle Bean.....	133
Figura 3_Evolução do número de celulares no mundo (Fonte: www.teleco.com.br).	135
Figura 4_Página inicial de "Aplicativos para Impressionar" para iPhones.	143
Figura 5_Página inicial dos aplicativos para Android.	144
Figura 6_Página inicial dos aplicativos Nokia.	144
Figura 7_Imagens extraídas da propaganda da Telesp, 1994.	150
Figura 8_Imagens extraídas da campanha desenvolvida pela operadora Vivo para o Dia dos Namorados, 2011.....	152
Figura 9_O FaceTime representa uma evolução nas chamadas via celular. Através desse tipo de ligação, pode-se não só conversar como também ver quem está do outro lado.....	160
Figura 10_O SMS também evoluiu sua interface, principalmente no que se refere ao armazenamento da informação. Hoje é possível ter a visualização do agrupamento de mensagens recebidas por e enviadas a um mesmo contato, criando uma estrutura que se assemelha a um bate-papo.	161
Figura 11_Nuvem de tags: funcionalidades desejadas_Grupo 2007.....	168
Figura 12_Nuvem de tags: tuncionalidades desejadas_Grupos de discussão 2010 e 2011.....	168
Figura 13_Parte do mapa da cidade de Moscou, Rússia, com fotos postadas pelos usuários do Google Earth.....	178
Figura 14_Parte do mapa da cidade de Campinas, São Paulo, com fotos postadas pelos usuários do Google Earth.	183
Figura 15_Parte do mapa da cidade de Mineápolis, Estados Unidos, com fotos postadas por usuários do Google Earth.	188
Figura 16_Parte do mapa da Austrália, próximo a Sidney, com fotos postadas por usuários do Google Earth.....	193
Figura 17_Parte do mapa da cidade de São Paulo, capital, com fotos postadas por usuários do Google Earth.....	196
Figura 18_Parte do mapa da cidade de Maputo, Moçambique, com fotos postadas por usuários do Google Earth.	202
Figura 19_Mapas síntese da localização dos entrevistados	205

LISTA DE QUADROS

Quadro 1_ Caracterização da amostra - Pesquisa 2007.....	51
Quadro 2_ Caracterização da amostra - Pesquisa 2010.....	52
Quadro 3_ Perfil dos entrevistados.	55
Quadro 4_ Síntese Paradigma da Mobilidade, Urry (2007).....	87
Quadro 5_ Elementos constituintes da mobilidade contemporânea.....	102
Quadro 6_ Principais características da mobilidade por fluxos informacionais na perspectiva dos entrevistados	210
Quadro 7_ Mobilidade por fluxos informacionais.....	219

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

3G: Redes de telefonia móvel digital de terceira geração

ARS: Análise de Redes Sociais

CI: Ciência da Informação

GPS: Global Positioning System

IHC: Interação Homem-Computador

MMS: Multimedia Message Service

NRC: National Research Council

PDA: Palm *Tops*

SMS: Short Message Service

STS: Estudos em Ciência e Tecnologia

SVA: Serviços de Valor Agregado

WAP: Wireless Application Protocol

Wi-Fi: Wireless Fidelity

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA.....	19
1.1	Do paradigma informacional ao paradigma da mobilidade.....	30
1.2	Estrutura da tese.....	37
2	METODOLOGIA DE UMA PESQUISA EM MOVIMENTO	41
2.1	Etapas da pesquisa.....	48
3	A CONSTRUÇÃO DA MOBILIDADE CONTEMPORÂNEA.....	60
3.1	Nômades no espaço digital.....	64
3.2	O paradigma da mobilidade	71
3.3	Mobilidade e globalização	88
4	INFORMAÇÃO, INTERAÇÃO E MOBILIDADE	104
4.1	Deslocamento do receptor	106
4.2	Da participação à ubiquidade	113
4.2.1	Comportamento multitarefa e atenção parcial contínua	119
5	SUJEITOS, MERCADOS E DISPOSITIVOS MÓVEIS.....	126
5.1	Ícone da mobilidade: dos celulares aos smartphones	130
5.2	Produção de conteúdo para celular: tudo o que é sólido se desmancha no ar.....	141
5.3	Múltiplos usuários, dispositivos e usos	154
6	Narrativas da mobilidade: relatos e práticas em movimento.....	173
6.1	“Eu só queria sair do Brasil”	178
6.2	“Eu preciso de mobilidade”	182
6.3	“It goes with me everywhere”	186

6.4	“Ya hace tiempo que no llevo una rutina fija”	192
6.5	“A última viagem que eu fiz, boa pergunta...”	194
6.6	“Nem que seja por sinal de fumaça, você vai conseguir falar com alguém.”	200
6.7	Narrativas em perspectiva.....	204
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	213
	REFERÊNCIAS.....	223
	ANEXO I - GUIA DE DISCUSSÃO GRUPO-FOCO.....	231
	ANEXO II – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS	233

1 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Belo Horizonte, 18 de janeiro de 1991.

São 7:00 da manhã. Sofia desperta ao som estridente de seu radiorrelógio e custa a acreditar que já é hora de pôr-se de pé para mais um dia de trabalho. É uma sexta-feira e, no dia anterior, ela teve dificuldade para dormir, pois havia assistido à sua primeira guerra televisionada: a operação “Tempestade no Deserto”, comandada pelos Estados Unidos, havia se iniciado no Golfo Pérsico.

Ela se levanta e vai correndo interfonar para a portaria do prédio, ansiosa por saber dos desdobramentos da guerra no seu jornal matinal. Mas, por algum motivo, ele ainda não tinha sido entregue.

Sai de casa e pega o ônibus como de costume. Precisa chegar no horário, pois um potencial fornecedor irá à agência para uma pequena reunião. No entanto, um acidente na Avenida Amazonas faz com que ela se atrase e, ao chegar a sua sala, recebe o recado da secretária de que o fornecedor, depois de esperar 30 minutos, foi embora, dizendo que entraria novamente em contato. Ela custa a acreditar: demorou quase um mês para conseguir agendar aquele encontro e provavelmente levará quase o mesmo tempo para marcar o próximo.

No horário do almoço, opta por um restaurante perto do shopping. Não gosta muito de almoçar sozinha, mas, naquele dia, não teve tempo de combinar com os amigos que trabalham ali perto um encontro (mal sabia ela que a Joana almoçava no restaurante que fica no segundo andar, também sozinha).

Chegando em casa, liga a TV no Jornal Nacional e o âncora, em tom grave, anuncia os números do conflito no Golfo. Após o noticiário, Sofia pega o

telefone e disca para uma amiga com quem compartilha seus medos de que isso tudo resulte numa 3ª Guerra Mundial. Vai dormir tarde. Bom, pelo menos amanhã é sábado e Sofia poderá demorar-se um pouco mais na cama.

Belo Horizonte, 4 de fevereiro de 2011.

São 7:00 da manhã. Sofia desperta ao som de Shiny Happy People, toque escolhido no seu celular para configurar o alarme. Antes mesmo de colocar os pés para fora da cama, seu smartphone já sinaliza alguns e-mails recebidos durante a noite e, nas suas redes sociais, novos contatos já estão à espera para serem adicionados. Ela custa a se levantar. Ontem à noite, ficou até tarde postando em seu blog sobre as manifestações no Egito.

Ainda pela Internet móvel, ela se informa de que os egípcios voltaram a ter acesso à rede e que Hosni Mubarak está sendo cada vez mais pressionado a renunciar. Em seu twitter, ela posta mensagens de apoio aos manifestantes na praça Tahrir, todas elas acompanhadas da hashtag #FreeEgypt, que já figura entre as primeiras no Trend Topics.

Sai de casa e pega o ônibus como de costume. Precisa chegar no horário ao trabalho, pois um potencial fornecedor irá à agência para uma pequena reunião. No entanto, um acidente na Avenida Amazonas complica o trânsito. Ela então envia um SMS informando o atraso e já solicita a remarcação do encontro para o final do dia. Em menos de um minuto, Sofia recebe a confirmação da proposta de reunião em novo horário. Ufa! Ela vem tentando um contato com esse fornecedor há um mês e não gostaria de adiar mais a conversa.

No horário do almoço, opta por um restaurante perto do shopping. Através do foursquare, informa sua localização e logo recebe um SMS da Joana, sua amiga,

dizendo que também está por lá. As duas almoçam juntas, e até tentam colocar a conversa em dia, mas, quando não é o telefone de Sofia é o da Joana que toca quase sem parar: namorados, chefes, amigos, pais. Há sempre um terceiro ou quarto “intrometendo-se” na conversa.

Chegando em casa, Sofia liga seu computador e percorre portais, e-mails, blogs e redes sociais em busca de novidades sobre a situação no Cairo. Posta mais um texto em seu blog com reflexões sobre o movimento e já dissemina entre seus contatos na rede. Vai dormir tarde. Bom, pelo menos amanhã é sábado e Sofia poderá demorar-se um pouco mais na cama.

Essas breves narrativas são uma pequena amostra de como o mundo em que vivemos foi transformado pelas tecnologias de informação e comunicação e, mais recentemente, pela mobilidade informacional.

Nos últimos 20 anos, as tecnologias eletrônicas e digitais revolucionaram a maneira como produzimos, disseminamos e acessamos informação. A Internet, símbolo máximo dessas transformações, recria virtualmente um mundo onde as forças econômicas, políticas, culturais e sociais se manifestam a partir de diferentes indivíduos em diferentes contextos.

No entanto, o início do século XXI viu surgir mais um elemento que comporia o cenário informacional contemporâneo: **a mobilidade**. Nesse sentido, se antes havia tempo e lugar para informação (busca e acesso), agora a maioria de nossas ações parece se articular em torno de palavras-chave seguidas do clique no botão “buscar”.

Podemos até arriscar dizer que nosso modo de estar no mundo hoje se assemelha à atitude do sujeito quando adentra uma biblioteca em busca de

determinada informação. A sensação experimentada é de que o mundo, assim como a biblioteca, é um lugar repleto de informação a ser acessada a partir do fornecimento de determinadas coordenadas³. E, para tanto, estamos munidos de nossos dispositivos móveis, mergulhados em ambientes Wi-Fi⁴, que são criados pelos próprios aparatos tecnológicos que nos acompanham ou que se encontram distribuídos pelos espaços através dos quais nos deslocamos. Em certos aspectos, tais espaços e dispositivos da mobilidade informacional acabam por fazer com que os sujeitos assumam características de usuários da informação ao demandar deles a capacidade de decodificar e operar sistemas informacionais e, assim, transitar por esses ambientes da maneira mais fluida possível.

Dentre os artefatos que implementam a mobilidade informacional, destacamos os telefones celulares, hoje convertidos em smartphones⁵. Esses dispositivos móveis que agregam, além dos serviços de voz, informações textuais e conexão com a Internet, estão cada vez mais presentes na paisagem urbana. Computadores portáteis, palm tops, tablets, redes Wi-Fi, sistemas Bluetooth⁶,

³ Importa destacar que temos a consciência de que o processo informacional diz respeito à produção de sentido, indo além do simples acesso à informação.

⁴ Wi-Fi é a abreviatura de Wireless Fidelity e refere-se à tecnologia de rede sem fio que permite que computadores e outros dispositivos se comuniquem através de um sinal sem fio.

⁵ Os smartphones, ou telefones inteligentes, em linhas gerais, são dispositivos que combinam as funções dos telefones celulares com as dos palm tops (PDAs). Inicialmente, os telefones celulares eram primordialmente utilizados para realizar chamadas, enquanto os PDAs eram utilizados como organizadores portáteis. Assim como os celulares foram ganhando mais recursos, os palm tops também foram sendo incrementados com funcionalidades que os assemelhavam cada vez mais aos computadores: desenvolvimento de sistemas operacionais e acesso à Internet. O resultado final dessa imbricação foram os smartphones, que ainda apresentam as funcionalidades de reprodutores de mídia portáteis, câmera e GPS.

⁶ O Bluetooth é uma tecnologia de comunicação de curto alcance (em média 10 metros). As conexões entre dispositivos equipados com a tecnologia possibilitam que estabeleçam uma comunicação sem fio através de redes *ad hoc* conhecidas como piconets (as piconets são estabelecidas dinamicamente e automaticamente na medida em que os dispositivos ingressam numa frequência de rádio próxima). O sistema opera na frequência não licenciada (2.4 a 2.485 GHz). A tecnologia foi desenvolvida pela fabricante de celulares Ericsson, em

entre outros, também se tornaram mais difundidos, sendo incorporados não só ao cotidiano de grandes executivos ansiosos em manter sua força de trabalho disponível e conectada, enquanto estão em movimento, como também por sujeitos que, em certa medida, demandam um acesso constante a informações, sejam elas de cunho profissional, ou pessoal.

A produção e a disseminação de informações em movimento alteraram de forma significativa a maneira como as pessoas se informam e se relacionam. Ao ampliar a capacidade de interação, tanto entre os sujeitos quanto entre eles e as informações, tais dispositivos acabam por engendrar uma sociedade potencialmente sempre conectada e disponível para ingressar em processos interativos, atuando como próteses de interação, extensões do corpo humano.

Confirmando algumas tendências, os dispositivos móveis, e mais especificamente os celulares, tornaram-se uma espécie de central móvel de gerenciamento de informações em múltiplos formatos, o que implica maior flexibilidade para o usuário lidar com informações presentes em seu universo pessoal e profissional.

A combinação entre a mobilidade e a conectividade experimentadas na contemporaneidade é também acompanhada de uma flexibilização do canal emissor que passa a abrigar outras vozes e discursos que são mais facilmente disseminados na rede. Se antes tais informações, para serem publicizadas, precisavam passar pela edição dos meios de comunicação de massa, hoje, uma série de ferramentas digitais tornou possível a disseminação de mensagens pelos

1994, e o nome *Bluetooth* vem do rei viking Harald Bluetooth, responsável pela unificação da Dinamarca e Noruega. Fonte: <http://www.bluetooth.com>

sujeitos comuns. Sendo assim, transformamos nossas experiências cotidianas em produtos midiáticos, passíveis de armazenamento e recuperação e ainda disponíveis a qualquer hora e lugar. (CASTELLS, 2006)

No que concerne às características das informações que circulam nessas redes sociotécnicas⁷, há uma grande variedade de conteúdos e motivações para sua produção e disseminação. A elaboração dessas mensagens pode ser motivada por acontecimentos circunscritos à esfera privada dos sujeitos (nascimento de um filho, casamento, viagem, relacionamentos), como também pode partir de fatos que dizem respeito à sociedade em geral, por exemplo, eleições, guerras, informações veiculadas pelas mídias tradicionais e que são reelaboradas e retransmitidas.

Para Lemos (2005), este seria um fenômeno da cibercultura. Nesse contexto, os sujeitos são estimulados a dar a sua contribuição ao processo informacional, por meio da produção e/ou reciclagem de conteúdos veiculados em suportes digitais, de natureza diversa, promovendo também a sua disseminação.

No entanto, as questões que se apresentam na era da mobilidade, apesar de terem como ponto de partida o conjunto de fenômenos anteriormente citados, vão além da descentralização das mídias e da ampliação da participação dos sujeitos “tradicionalmente” situados na esfera da recepção. Elas apontam

⁷ As redes sociotécnicas correspondem ao entrelaçamento de atores humanos e não-humanos em contextos nos quais estabelecem relações de troca. Tais redes são sociotécnicas na medida em que os distintos elementos que elas conectam relacionam-se entre si trazendo a todo o momento novas oportunidades para a rede via negociações estabelecidas. O conceito, desenvolvido no contexto dos Estudos em Ciência e Tecnologia (STS), busca mostrar como os diversos elementos envolvidos na prática científica (pesquisadores, máquinas, procedimentos, reagentes) se articulam em redes sociotécnicas que atuam na construção do conhecimento científico. (LATOUR, 1994, 2000a; LATOUR; WOOLGAR, 1997.)

para a emergência de uma nova textura social alinhavada por informações, dispositivos de conexão, sujeitos e lugares.

Mais que assinalar as diversas possibilidades de produção e recepção de conteúdo pelos sujeitos, buscamos destacar, em nossa análise, o entrelaçamento entre esse fenômeno e a questão da mobilidade física e virtual. Ao se deslocarem pelo espaço, os sujeitos, contemporaneamente, podem lançar mão de determinados dispositivos que os permitem acessar e receber informações em movimento. Portanto, mais que compreender a infraestrutura tecnológica que possibilita a conformação desse novo ambiente informacional, cabe também buscar apreender a mudança cultural e social latente a esse processo:

- Como se dá a mobilidade por fluxos informacionais?
- Que processos de sociabilidade são inaugurados no movimento e nos fluxos informacionais que acionam essas redes móveis?
- Quais as características dos fluxos informacionais que circulam pelas redes móveis?
- O que representa para os sujeitos produzir, disseminar e acessar informações em movimento?

A partir desses questionamentos se desenvolve a argumentação deste estudo. A presente pesquisa disserta sobre como a informação e as tecnologias móveis (os celulares em destaque) atuam na implementação do padrão de mobilidade atual, que tem suas origens na revolução tecnológica⁸ que explodiu em meados do século XX.

⁸ A revolução tecnológica que mencionamos aqui é também conhecida por Terceira Revolução Industrial (KUMAR, 1997). No cerne dessas mudanças está o desenvolvimento das

Tal análise se baseia na identificação e caracterização dos elementos definidores da era da mobilidade por fluxos informacionais via tecnologias de informação e comunicação, bem como na descrição e análise das características dos fluxos que circulam pelas redes móveis. Na tentativa de apreender o que representa para os sujeitos produzir, disseminar e acessar informações em movimento, esperamos obter uma maior compreensão dos processos de sociabilidade, inaugurados pelo movimento - físico e virtual (fluxos informacionais) -, que acionam as redes móveis.

Cabe destacar que este estudo estabelece diálogo com trabalho anterior desenvolvido no mestrado do programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFMG. O estudo, “Info-entretenimento na telefonia celular: informação, mobilidade e interação social em um novo espaço de fluxos”, concluído em março de 2006, teve por objetivo apresentar o cenário da telefonia móvel celular no Brasil, chamando a atenção para o fato de se configurar aí um novo espaço por onde passavam a circular fluxos informacionais e interacionais.

Naquele estudo, buscamos apresentar o estágio em que se encontravam a organização da produção e a disseminação de informações para a telefonia celular, bem como a forma como os sujeitos lidavam com a informação difundida nesse suporte. Na proposição atual, avançamos nossa análise com o objetivo de compreender o fenômeno da mobilidade de maneira mais ampla na sociedade.

tecnologias de informação e comunicação, com destaque para os computadores, tornando a informação elemento estratégico e transformador da sociedade e seus processos produtivos.

Esse movimento reflete um amadurecimento da própria temática da mobilidade, principalmente, nos estudos desenvolvidos no campo das ciências sociais e humanas. Na visão da pesquisadora italiana, Leopoldina Fortunati (2006), os estudos sobre o fenômeno da mobilidade - expressos principalmente nos usos dos telefones celulares - “começaram de maneira incerta”, mas cresceram significativamente, em especial, nas pesquisas que analisam como o uso de tais dispositivos altera vários aspectos relativos à vida individual e comunitária dos sujeitos.

No entanto, mais que dizer de uma prática social específica, Pellegrino (2011) destaca que a mobilidade se torna hoje “um poderoso termo usado para unir recursos interpretativos com o objetivo de compreender as mudanças globais que ocorrem na sociedade contemporânea.”⁹ (PELLEGRINO, 2011)

Para a autora, o fenômeno da mobilidade pode ser mais bem compreendido a partir da prática discursiva contemporânea de três grupos sociais, a saber: o dos acadêmicos e teóricos, o da mídia e o do design. “A mobilidade não é somente mediada, mas também midiaticizada, tornando-se tópico de múltiplos discursos proferidos por diferentes grupos sociais.”¹⁰ (PELLEGRINO, 2007, p.60)

Nesse sentido, o primeiro ambiente discursivo analisado pela autora é aquele que advém do universo acadêmico e se relaciona com as teorias da

⁹ As traduções dos trechos citados nesta tese foram feitas pela autora e estão acompanhadas por seu correspondente da obra de origem, inserido em nota de rodapé, para que se possa acessar a construção da forma como foi feita pelo autor. “In this sense, mobility is a powerful keyword used to assemble interpretive resources in order to understand the global changes occurring in contemporary society.”

¹⁰ “Mobility is not only mediated but also mediatized, being the topic of multiple discourses performed by different social groups.”

globalização. No caso, a metáfora do fluxo é bastante evocativa quando se trata das discussões em torno da globalização, devido à ênfase dada à mudança e à mobilidade - de onde derivam, na visão de Pellegrino (2007), conceitos correlatos como redes, fluxos, paisagens.

A segunda prática discursiva se localiza, na visão da autora, nos meios de comunicação de massa, que promovem uma midiatização da ideia de mobilidade. "Os meios de comunicação desempenham um papel fundamental na seleção e criação de estruturas discursivas para ajudar seu público a compreender as inovações tecnológicas e os artefatos."¹¹ (PELLEGRINO, 2007, p. 64). Assim, o estar em movimento torna-se algo tão forte no imaginário contemporâneo que a mobilidade passa a ser vista como um "direito do cidadão".

O terceiro ambiente discursivo é aquele ligado ao design e que se faz compreender a partir de três configurações, a saber, a computação ubíqua e a realidade aumentada, o próprio desenvolvimento dos smartphones e da Internet móvel e os softwares de geolocalização social.

Tais perspectivas, de acordo com Pellegrino (2007), podem auxiliar no entendimento de como as tecnologias de informação e comunicação atuam na construção do imaginário das sociedades globalizadas, através de representações e dispositivos caracterizados como móveis que, ao fim e ao cabo, tornam possível a interação a qualquer hora e lugar (observadas aí questões vinculadas à infraestrutura tecnológica como: disponibilidade do sinal da antena, duração da bateria e até mesmo políticas públicas de informação).

¹¹ "The mass media perform a crucial role in selecting and setting up discursive frames to help their audiences to make sense of technological innovations and artifacts."

A análise que empreendemos neste estudo traça um percurso parecido ao proposto por Pellegrino (2007) para compreender os aspectos sociais, culturais e técnicos da mobilidade. Nossa análise se desloca em relação a três eixos principais: o da infraestrutura técnica, que compreende não somente os artefatos, mas também os ambientes de conexão; o ambiente sociocultural e histórico, que abarca as teorias sobre globalização e sociedade da informação; e os sujeitos, com suas percepções e vivências em movimento (físico e virtual).

O que se destaca a respeito da era da mobilidade, quando esta é analisada tendo como pano de fundo a era da informação, é o entrelaçamento entre o movimento físico e os fluxos informacionais. Se na era da informação não se enfatizava tanto o movimento dos corpos físicos, chamando justamente a atenção para o fato de que a informação poderia viajar independente dos seus sujeitos-produtores. Na era da mobilidade, ainda que a informação continue a se deslocar independente dos sujeitos que a produzem, o estado de conexão generalizado em que se encontra a sociedade faz com que os deslocamentos informacionais e físicos coincidam, modificando a paisagem contemporânea.

Portanto, se no estudo anterior, o paradigma informacional (CASTELLS, 2007) nos fornecia um enquadramento a partir do qual buscávamos compreender os fenômenos que se apresentavam, na pesquisa atual, soma-se a ele o quadro teórico e metodológico proposto pelo paradigma da mobilidade (URRY, 2007).

1.1 Do paradigma informacional ao paradigma da mobilidade

As possibilidades técnicas ampliadas pelas telecomunicações e pelas tecnologias da informação contribuíram de forma significativa para a aceleração dos processos de produção e disseminação de informação e conhecimento em novos suportes. A velocidade e a intensidade dessas mudanças colocaram em evidência uma série de discussões relativas à geração, coleta, organização, interpretação, ao armazenamento, à recuperação, disseminação, transformação e ao uso da informação.

Há que se dizer que a questão informacional sempre esteve presente nas sociedades, porém, a sua problematização, gerando uma série de estudos acerca do papel da informação ou mesmo das transformações e impactos dos processos informacionais nas relações sociais, ganha relevância a partir da segunda metade do século XX. Segundo Castells (2007), a sociedade da informação, ou a sociedade em rede, representa uma nova estrutura social que se manifesta diferentemente “conforme a diversidade de culturas e instituições em todo o planeta” e tal estrutura vincula-se a uma nova forma de desenvolvimento que advém da reconfiguração do modo de produção capitalista (final do século XX): o informacionalismo.

Sendo assim, o termo sociedade da informação buscava estruturar um conjunto de processos que estava, de certa forma, relacionado aos fluxos informacionais. Para Castells (2007), esse novo modelo social, pós-sociedade industrial, agrega uma série de características que podem ser agrupadas sob conceito de **paradigma da tecnologia da informação**. Segundo Castells,

O conceito de paradigma tecnológico [...] ajuda a organizar a essência da transformação tecnológica atual à medida que ela interage com a economia e a sociedade. Em vez de apenas aperfeiçoar a definição de modo a incluir os processos sociais além da economia, penso que seria útil destacar os aspectos centrais do paradigma da tecnologia da informação para que sirvam de guia em nossa futura jornada pelos caminhos da transformação social. No conjunto esses aspectos representam a base material da sociedade da informação. (CASTELLS, p. 108, 2007)

A primeira característica desse paradigma, explica o autor, refere-se à **informação como matéria-prima**, diferenciando-se das revoluções tecnológicas anteriores pelo fato de que, nesse contexto, é a “tecnologia que age sobre a informação e não o contrário”.

A segunda característica vincula-se ao desenvolvimento das novas tecnologias, com a **ampliação da presença delas na sociedade**. O que nos leva ao terceiro aspecto do paradigma, relativo à **lógica de rede**, que promove a interconexão entre sujeitos, informações e produtos.

A quarta característica diz respeito à **flexibilização dos processos**, conferindo às estruturas organizacionais uma alta capacidade de reconfiguração, tendo em vista a fluidez de seus elementos constitutivos. Por último, Castells (2007) destaca a **convergência das tecnologias**, conformando um “sistema altamente integrado”.

Em última instância, podemos dizer que a sociedade da informação encerra o conceito do mundo globalizado. “Até meados do século XIX, a fraqueza dos laços econômicos, a falta de relações diplomáticas e as distâncias impediam a emergência de um mundo singular.” (ORTIZ, 1994, p. 37). Porém, o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação permitiu à

globalização se realizar plenamente no século XX. A estruturação dessa malha tecnológica seguiu uma evolução em ritmo acelerado, principalmente nas últimas décadas.

Ao se percorrer a trajetória evolutiva dos meios, percebe-se um movimento dinâmico: da oralidade para a escrita, da escrita para a imprensa, desta para as mídias eletrônicas (o rádio e a televisão), até chegar-se às tecnologias digitais, que promoveram a desmaterialização e a hibridação dos suportes.

Dos personal computers aos “computadores coletivos” - conectados ao ciberespaço (LEMOS, 2005), no século XXI, chega o momento das tecnologias móveis exemplificadas nas redes Wi-Fi, palmtops e celulares. A informação que já transitava pela rede, percorrendo distâncias até chegar aos sujeitos que se localizam em pontos específicos, passa agora a mover-se junto com esses sujeitos.

Essa situação de mobilidade generalizada, onde corpos, informações, produtos e capital põem-se em circulação, insere-se, contemporaneamente, no contexto que alguns teóricos do campo das ciências sociais definiram como o **paradigma da mobilidade**. Tal paradigma extrapola a questão informacional e situa a ideia do movimento como peça-chave para melhor compreensão dos fenômenos sociais contemporâneos. Dentre as diversas acepções deste paradigma (que serão analisadas nos capítulos seguintes), interessa-nos destacar, neste contexto de problematização, o aspecto referente à mobilidade por fluxos informacionais.

Segundo Urry (2007), o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação proporcionou o que se convencionou chamar de mobilidade produtiva. Nesse contexto, além de atividades típicas do estar em movimento, o autor destaca o fato de que as tecnologias móveis permitiram a realização de várias outras atividades, principalmente aquelas ligadas ao trabalho e às interações mais íntimas.

Os espaços de interação criados nesse movimento são nomeados por Urry (2007) de *interespaços (interspaces)*. “Esses são lugares de movimento intermitente onde grupos se reúnem, envolvendo o uso de telefones móveis, laptops, mensagens SMS, comunicações sem fio e assim por diante, muitas vezes para fazer arranjos em movimento.”¹² (URRY, 2007, p. 12)

As potencialidades que as tecnologias móveis fornecem para se efetuar a micro-coordenação da vida cotidiana já foram discutidas por outros pesquisadores, como Ling (2004), Katz e Aakhus (2002), e são frequentemente utilizadas nas campanhas publicitárias em torno dos dispositivos móveis. Já que o ritmo da vida moderna impõe uma rotina acelerada aos sujeitos, para uma parcela da população adulta, urbana e economicamente ativa, os dispositivos móveis ampliaram a possibilidade de se coordenar à distância atividades rotineiras.

Para além dessas questões, há autores, como Molz (2010), que afirmam que a mobilidade se coloca contemporaneamente não apenas como um objeto do conhecimento, mas como uma forma de se conhecer.

¹² “These are places of intermittent movement where groups come together, involving the use of phones, mobiles, laptops, SMS messaging, wireless communication and so on, often to make arrangements ‘on the move’.”

Centrais para mover, conhecer e fazer o mundo são as diversas tecnologias que mobilizam pessoas, objetos e ideias, atuam na mediação da vida social em movimento e, ao mesmo tempo, possibilitam novas técnicas de pesquisa para investigar o fenômeno móvel emergente. Como a mobilidade, essas novas tecnologias constituem ao mesmo tempo objetos de conhecimento e formas de conhecer que constroem, de maneira peculiar, o mundo. Que tipo de mundo a mobilidade cria e torna cognoscível? (MOLZ, 2010, p. 88)¹³

Nesse sentido, os sujeitos que fazem uso das tecnologias móveis, incorporando-as a diferentes atividades distribuídas ao longo de sua rotina diária, acabam por estabelecer novas maneiras de “estar no mundo”, situando-se entre o movimento real e o virtual, tendo em vista os fluxos informacionais que produzem, acessam e disseminam.

E para compreender esse sujeito da mobilidade, Molz (2010) recorre à imagem do turista contemporâneo que tem nas tecnologias móveis um artefato praticamente indispensável - assim como os guias de bolso ou mapas - para a vivência plena de sua aventura. Tais tecnologias permitem o registro do movimento (visando sua disseminação em blogs, fotologs e redes sociais), o contato com aqueles que ficaram para trás (sujeitos e informações), o acesso a opções de lazer e entretenimento, além do mapeamento do novo território a ser explorado.

A partir dessa perspectiva, podemos, então, afirmar que o sujeito da mobilidade é, antes de tudo, um sujeito que se movimenta por redes de interações sociais e de conhecimento (informação). E, nesse caso, a

¹³ “Central to moving, knowing and making the world are the various technologies that mobilize people, objects and ideas, mediate social lives on the move, and at the same time enable new research techniques for investigating these emerging mobile phenomena. Like mobility, these new technologies constitute both an object of knowledge and a way of knowing that ‘makes the world’ in particular ways. What kind of world does the mobility make and make knowable?”

conectividade, a **colaboração** e a **busca** são importantes formas através das quais se produz conhecimento na era da mobilidade (MOLZ, 2010).

Nesse sentido, o foco na mobilidade por fluxos informacionais elucidada não somente aspectos relativos aos processos informacionais contemporâneos, mas também se configura como um aporte interessante para compreender questões que se apresentam ao próprio campo das ciências sociais e humanas.

Retomando o paradigma da mobilidade, na visão de Büscher e Urry (2009), essa incorporação do movimento às análises desenvolvidas no campo das ciências sociais traz ganhos não apenas teóricos, mas também metodológicos.

Sabemos que não há pesquisa, nem ciência social sem teoria, mas, ao mesmo tempo, defendemos que a virada da mobilidade envolve uma análise empírica de tal maneira que acaba por descortinar novas maneiras de se compreender a relação entre teoria, observação e participação. Ela engendra novos tipos de entidades pesquisáveis e um novo ou redescoberto campo empírico, além disso, abre novos caminhos para a análise crítica.¹⁴ (BÜSCHER, URRY, 2009, p. 99)

Os autores destacam que, além de retificar os estudos, até certo ponto negligenciados, do movimento diverso de pessoas, objetos, informação e ideias, o paradigma da mobilidade transforma a teoria social ao propor um cenário teórico e metodológico que nos permite compreender tais fenômenos.

¹⁴ “We take it that there is no research and no social science without theory, but at the same time we argue that the mobilities turn folds analysis into the empirical in ways that open up new ways of understanding the relationship between theory, observation, and engagement. It engenders new kinds of researchable entities and a new or rediscovered realm of the empirical, and it opens up new avenues for critique.”

Nesse sentido, o que se percebe é que esse novo cenário - em que se apresentam os fenômenos da mobilidade informacional - nos permite revisitar teorias e metodologias que possuem um forte poder explicativo, mas que não é completo, e assim sendo, vão sendo introduzidos novos elementos em busca de uma compreensão mais ampla desses fenômenos.

O desafio proposto está em perceber a mobilidade não apenas como um fenômeno, mas também como uma oportunidade para se remodelar as metodologias e as técnicas de pesquisa para lidar com aquilo que é “fugaz, fragmentado, múltiplo, não-causal, sensorial, emocional e sinestésico”. (BÜSCHER; URRY, 2009)

Tendo por base esse contexto sociocultural, delineado a partir da mobilidade física e virtual de sujeitos e informações, esta pesquisa busca compreender o status assumido pela informação na contemporaneidade, identificando e analisando as relações que se estabelecem entre os sujeitos, a informação e o movimento.

O fato de as tecnologias sem fio alterarem a forma como os sujeitos e os sistemas lidam com a disseminação e a recuperação de informações na contemporaneidade, apresenta questões desafiadoras para o campo da Ciência da Informação. Soma-se a isso o fato de tais processos ainda estarem em andamento na sociedade, impondo uma série de limitações à análise, por não haver um distanciamento temporal entre os fenômenos em movimento e o desenrolar deste estudo.

No entanto, o que pode parecer um problema, tendo em vista determinados preceitos que compõem e estruturam o fazer científico, é também

visto por alguns autores como uma oportunidade de se construir uma ciência mais transparente e viva.

Para Büscher e Urry (2009), os estudos da mobilidade, além de trazer importantes apontamentos a respeito do fenômeno, também abrem espaço para novas formas de se conhecer. Tais estudos teriam seu valor na medida em que se apresentam como relatos que permitem ao “simples coexistir com o complexo, ao descrever o mundo, mas mantê-lo aberto”. Nesse aspecto, os estudos sobre globalização, assim como a perspectiva da mobilidade evidenciam o fato de que a mudança social é inescapável, sutil e incontrollável.

Não é apenas sobre como as pessoas tomam conhecimento do mundo, mas como tais sujeitos constroem o mundo, tanto fisicamente quanto socialmente, através das maneiras como se movem e também mobilizam pessoas, objetos, informações e ideias. Através do engajamento crítico e dos estudos sobre a mobilidade, os pesquisadores estão fazendo a diferença no que concerne às formas como as (im) mobilidades são concebidas em pesquisa, design e políticas públicas.¹⁵ (BÜSCHER; URRY, 2009, p.112)

1.2 Estrutura da tese

Após a contextualização de nosso problema de pesquisa, bem como a apresentação dos procedimentos metodológicos que guiaram este estudo, iniciamos as discussões em torno do paradigma da mobilidade e suas conexões com as teorias da globalização e da sociedade da informação. No capítulo “A

¹⁵ “It is not just about how people make knowledge of the world, but how they physically and socially make the world through the ways they move and mobilize people, objects, information and ideas. Through critical engagement in and through mobilities studies, researchers are making a difference to the ways in which (im) mobilities are conceived of in research, design, and many areas of public policy.”

construção da mobilidade contemporânea”, apresentamos os principais conceitos que permeiam a discussão em torno do fenômeno da mobilidade, assim como o caminho que escolhemos trilhar para elucidar nosso objeto de pesquisa.

Tendo por base o paradigma da mobilidade, desenvolvido por John Urry (2007), buscamos traçar as conexões existentes entre a proposta teórica e metodológica apresentada pelo autor com estudos que se fazem presentes no campo da Ciência da Informação. Nosso ponto de partida foram as teorias da globalização e da sociedade da informação que, no nosso entendimento, apresentam conceituações fundamentais para a compreensão da mobilidade por fluxos informacionais.

Os autores-chave trabalhados nesse capítulo foram Manuel Castells, Milton Santos e Zigmunt Bauman. Outros autores também se fizeram presentes na discussão de conceitos importantes como nomadismo (Michel Maffesoli e Joshua Meyrowitz) e compressão espaço-tempo (David Harvey). Nosso objetivo foi mostrar a multiplicidade de olhares que se voltam ao fenômeno da mobilidade, buscando sempre destacar as questões vinculadas à mobilidade por fluxos informacionais.

No capítulo “Informação, interação e mobilidade”, focamos as relações sociais e os processos de sociabilidade inaugurados no movimento físico e, principalmente, no movimento mediado pelas tecnologias. Nesse momento, discutimos as implicações da crescente interpenetração das tecnologias móveis em rede na vida social e as mudanças provocadas nas interações entre os sujeitos e entre sujeitos e informações. Questões vinculadas à produção e

consumo de informação e à ideia de ubiquidade são apresentadas e discutidas nessa seção.

O capítulo “Sujeitos, mercados e dispositivos móveis” coloca em destaque o telefone celular - dispositivo apontado como o mais emblemático da era da mobilidade - e seus usuários. Nesse capítulo, além de uma breve análise da evolução dos dispositivos móveis, em termos de interface, funcionalidades e números, apresentamos também as alterações que incidiram sobre o mercado voltado à produção de conteúdo para a telefonia móvel. Tendo por base a pesquisa realizada em 2004-2006, revisitamos a empresa analisada naquele estudo para compreender as principais mudanças ocorridas e vislumbrar algumas tendências.

Após apresentar o cenário que envolve fabricantes, empresas de conteúdo, plataforma e sistemas e operadoras de telefonia celular, trouxemos para a cena os sujeitos e suas demandas em relação ao dispositivo, a partir dos grupos de discussão realizados em 2007, 2010 e 2011. Com o foco na utilização do dispositivo e nas necessidades em termos de funcionalidades requeridas, buscamos compreender o papel dos telefones celulares na vida dos sujeitos que deles fazem uso.

No capítulo “Narrativas da mobilidade: relatos e práticas em movimento”, selecionamos sujeitos cuja mobilidade física faz parte de seu estilo de vida e os entrevistamos com o objetivo de perceber como vem sendo construído o ideal de mobilidade contemporâneo. A opção pela apresentação da fala desses sujeitos em formato de narrativas teve por objetivo dar conta do dinamismo presente nos relatos de nossos nômades do mundo contemporâneo.

Após ter sido narrado o movimento físico e o informacional, procuramos apresentar os pontos de contato dessas diferentes mobilidades, buscando perceber o que há de mais marcante no discurso que se constrói em torno do fenômeno da mobilidade, a partir de distintos lugares e perspectivas.

Nas “Considerações finais”, retomamos o que o fenômeno da mobilidade por fluxos informacionais tem de específico, procurando trazer as diferentes visões e perspectivas que compõem a discussão em relação a essa temática, retomando, assim, os principais pontos apresentados. Nessa seção, apontamos ainda estudos e pesquisas que podem ser desenvolvidos futuramente a partir da temática da mobilidade.

2 METODOLOGIA DE UMA PESQUISA EM MOVIMENTO

Produzir um trabalho científico supõe um investimento importante, na medida em que a difusão do conhecimento visa contribuir, na maioria das vezes, para o desenvolvimento social, econômico e cultural da sociedade. A escolha de um tema pode ter motivações diversas, mas em geral a pesquisa busca atender a critérios de originalidade e relevância para determinada área do conhecimento, além da viabilidade de execução.

Esta pesquisa tem como ponto de partida a problematização do fenômeno da mobilidade, através da trajetória de sujeitos premidos pela necessidade de conexão e acesso a fluxos informacionais contínuos. As mudanças decorrentes do acesso rápido e especializado interferem nas relações sociais e nas formas de lidar com a informação. Daí a importância da proposição de estudos que tragam uma nova dimensão para as questões informacionais, diante dos fenômenos que se apresentam. No entanto, não somente os objetos de estudo se tornam híbridos, mas também o fazer científico se altera diante das possibilidades trazidas pela presença das tecnologias de informação e comunicação.

Nesse contexto, a prática científica contemporânea tem sido marcada pela crescente presença de mediações tecnológicas em rede. Tal fato pode ser confirmado pelo fluxo dinâmico de trocas informacionais no contexto digital que se tornou um território livre para o intercâmbio científico. Podemos dizer que, nos últimos anos, o exercício da ciência vem sendo construído, cada vez mais, com base na possibilidade - técnica, cognitiva, motivacional, econômica e cultural - de

os pesquisadores lidarem com dados, informações e interações em ambientes digitais, fazendo convergir diferentes contextos disciplinares e até geográficos.

Seja na busca de um artigo científico ou na interação entre equipes de pesquisadores, as tecnologias têm desempenhado um papel cada vez mais relevante. Termos como 'e-Science', 'e-Research', 'Ciberinfraestrutura', 'Grid-computacional', 'e-Social Science' e 'e-Humanities' referem-se, todos eles, a atividades de pesquisa que se efetivam por meio do uso intenso de informações e dados distribuídos e acessados colaborativamente em ambientes digitais.

Dentro dessa perspectiva, a infraestrutura tecnológica parece ser preponderante para a definição e a caracterização das ditas e-Sciences. No entanto, alguns pesquisadores postulam que ela vai muito além de uma infraestrutura computacional robusta. A questão não é somente perceber esta estrutura, e as práticas que ela potencializa, mas sim buscar apreender o que significa essa imbricação. No caso, pensar a introdução das tecnologias de informação e comunicação, em sua versão colaborativa, móvel e em rede, nos abre a possibilidade de vislumbrar as mudanças ocorridas na produção de conhecimento.

Nesse sentido, alguns autores vêm adotando o termo e-Research no intuito de incorporar não somente a dimensão computacional, mas também as questões de fundo metodológico e epistemológico. O elemento "e" não denotaria, portanto, eletrônico, mas sim "enhanced" (melhorado, reforçado).

Sob esse aspecto, a adoção do termo e-Research abarcaria pesquisas realizadas nas Ciências Sociais e Humanas que, mesmo não lidando com a estrutura do *grid* computacional, por exemplo, apresentam as demais

características definidoras dessa nova prática científica, ou seja, a forte presença das tecnologias de informação e comunicação para criar um espaço de colaboração e troca para onde convergem informações, dados e interações. Assim, a visão subjacente é de que as tecnologias digitais intensificam, melhoram e, por vezes, tornam mais complexas as pesquisas científicas.

Apesar de as ciências sociais e humanas não serem protagonistas nesse cenário, elas também não se encontram marginalmente inseridas no contexto da e-Research. Tal afirmação pode ser demonstrada pelo pioneirismo em iniciativas nas áreas de digitalização de arquivos e repositórios Web, pela criação de bibliotecas digitais, e a existência dos “colaboratórios”¹⁶.

Segundo Wouters (2006), um grande número de áreas do conhecimento passou por transformações radicais através da utilização de novas técnicas analíticas e de mudanças nas formas de se fazer pesquisa. Porém, as principais alterações recaem na figura do pesquisador e do que se entende por colaboração e produção científica.

O e-cientista do futuro não é um ser individual, nem um ciborgue, mas um nó em uma rede de seres humanos e máquinas. [...] Colaboração aqui significa coisas diferentes que, de certa maneira, desafiam modos tradicionais de se trabalhar existentes em muitos campos. Colaboração significa a partilha de dados de pesquisa, no lugar de guardá-los

¹⁶ O termo colaboratório (collaboratory) foi utilizado por Willian Wulf no ano de 1989 em relatório divulgado pelo National Research Council (NRC), nos Estados Unidos, e retomado no artigo "The collaboratory oportunity", divulgado na revista Science em agosto de 1993. Por colaboratório o autor se referia a um "centro de pesquisa sem paredes, no qual pesquisadores pudessem realizar suas pesquisas sem as restrições de localização física, interagindo com colegas, acessando ferramentas, compartilhando dados e recursos computacionais, e acessando informações disponíveis em bibliotecas digitais" (WULF, 1993). Nesse sentido, podemos dizer que o termo colaboratório busca representar a ideia da colaboração científica promovida em ambientes digitais. No caso, o laboratório apresenta-se como uma metáfora evocativa do clássico ambiente de pesquisa que, no contexto digital, torna-se ampliado na medida em que, em princípio, não haveria restrições geográficas para interação entre pesquisadores e dados de pesquisa distribuídos geograficamente.

ciosamente para si. Significa submeter-se a formas padronizadas de trabalho ao invés do comportamento idiossincrático que muitos pesquisadores têm. Significa investir tempo e energia em constante comunicação, em vez de se fechar para poder, por exemplo, escrever um livro.¹⁷ (WOUTERS, 2006)

Sendo assim, podemos dizer que a e-Research representa um conjunto de mudanças que vão desde a forma como os pesquisadores estabelecem suas rotinas de estudo e pesquisa, até processos complexos envolvendo parcerias interinstitucionais, que ultrapassam os limites do território nacional.

No que concerne às tecnologias móveis em rede, incluindo-se aí notebooks, smartphones, palmtops e os recentes tablets, podemos dizer que, em certa medida, essas tecnologias enriqueceram ou até ampliaram as pesquisas de campo, tanto nas ciências ditas naturais, quanto nas ciências humanas e sociais.

Atualmente, o que se percebe é que, sem as tecnologias digitais em rede, que permitem o movimento dos dados e também dos pesquisadores, a coordenação das ações da pesquisa estaria extremamente prejudicada. E esse aspecto envolve o empreendimento científico como um todo. Desde os processos de coleta e monitoramento feito pelas equipes, a comunicação entre os pesquisadores e os coordenadores, até a busca por pesquisadores que detêm determinadas habilidades para integrar a equipe do projeto em momentos específicos.

¹⁷ “The e-scientist of the future is no individual human, nor an individual cyborg, but a node in a network of humans and machines. [...] Collaboration here means different things that challenge deep-rooted ways of working in many fields. It means sharing of research data instead of jealously guarding them. It means submitting oneself to standardized ways of working instead of the idiosyncratic behavior many researchers have now. It means putting time and energy in constant communication instead of closing oneself off to be able, for example, to write a book.”

Mas, e quando pensamos especificamente no campo das ciências sociais e humanas, como se dá a presença desses dispositivos? Responder a essa pergunta implica trazer à tona questões importantes que, de certa forma, estão vinculadas ao modo como esses campos constroem seus objetos de pesquisa.

A ciência, enquanto fenômeno humano, pode ser abordada a partir de sua dimensão sociológica, filosófica ou história. E o que se vê nos últimos anos é um debate acerca daquilo que se compreende por ciência. No que concerne ao seu *modus operandi*, vemos que o pensamento científico se fundamenta na relação entre os fenômenos naturais e ou sociais e na capacidade lógica e racional do homem - a razão - para apreendê-los, compreendê-los, explicá-los, derivando-se daí um conjunto de regras, leis, modelos explicativos, relatos científicos, que objetivam alcançar a verdade dos fatos.

Cabe aqui ressaltar que não pretendemos, com esta breve definição, ignorar o debate contemporâneo acerca do papel da ciência e do cientista; do que se entende por método científico; do seja a verdade. Não pretendemos também sublimar as diferenças fundamentais entre as ciências sociais e humanas e as ciências naturais.

No caso, entendemos que tais diferenciações se originam na distinta maneira com que os pesquisadores de cada um desses campos lançam-se ao empreendimento científico. Em linhas gerais, enquanto a relação estabelecida pelas ciências naturais e os fenômenos por ela estudados são da ordem das explicações causais, nas ciências sociais há o exercício da compreensão. É preciso compreender a experiência humana que se dá a partir de processos

vivos, mutáveis, que precisam ser interpretados com vistas a apreender seu sentido. (DOMINGUES, 2004)

Atualmente, as tecnologias de informação e comunicação são um dos principais mediadores da experiência humana. Sendo assim, grande parte dos sujeitos tem seus comportamentos, pensamentos, impressões e reflexões mediados. E esse processo que nomeamos por mediação das experiências cotidianas acaba por modificar a forma de apreensão, pelos pesquisadores, das maneiras de ser, estar e conviver dos sujeitos contemporâneos.

Isso porque grande parte das interações informacionais e comunicacionais e, por conseguinte, dos processos de sociabilidade, desenvolvidos, anteriormente, nos espaços reais, passam agora a se efetivar nos ambientes digitais, gerando nos pesquisadores sociais a necessidade de pensar novos modelos para observação desses sujeitos em interação.

A possibilidade de os sujeitos se apropriarem das tecnologias de informação e comunicação, incorporando-as às suas maneiras de se expressar contemporaneamente, pode ser conceituada sob termos como “cultura da convergência” (JENKINS, 2006), “liberação do pólo de emissão” (LEMOS, 2005), “*mass self communication*” (CASTELLS, 2006). Todas essas definições têm por base a disseminação ativa de ideias e sentimentos vivenciados pelos sujeitos, que compartilham em formatos visuais, sonoros e textuais, temas que englobam as mais distintas esferas de suas vidas.

A diversidade de suportes disponíveis é imensa, porém o crescimento do uso de dispositivos móveis é algo que vem ocorrendo nos últimos anos. Números expressivos corroboram essa afirmativa. O Brasil, por exemplo,

terminou o primeiro semestre de 2011 com mais de 220 milhões¹⁸ de celulares habilitados em funcionamento e estima-se que quase sete milhões deles fazem uso da tecnologia 3G¹⁹.

No que se refere à midiatização das experiências cotidianas, as tecnologias móveis facilitam esse processo não só pelo fato de acompanharem o sujeito a qualquer hora e lugar, mas também por permitirem um registro quase imediato das situações vivenciadas.

Nesse sentido, as pesquisas sociais em contextos digitais têm se constituído em um desafio para diversos campos de estudo, especialmente, o campo da Ciência da Informação, que tem nos processos informacionais, voltados à cognição e à comunicação humanas (Le Coadic, 2004), seu principal interesse. Objetos fluidos, sujeitos moventes, teorias e conceitos em constante mutação: esse é o cenário encontrado por aqueles que se aventuram pelas tramas do digital.

No nosso caso, acrescentamos ainda as questões relativas aos estudos englobados pelo no contexto teórico-metodológico do paradigma da mobilidade que, em linhas gerais, diz de uma forma diferenciada - pautada pelo reconhecimento e análise do movimento - de se pensar as características das relações econômicas, sociais e políticas, nas ciências sociais. (URRY, 2007)

Sendo assim, ao nos focarmos na mobilidade por fluxos informacionais, buscamos contextualizar as discussões referentes às teorias da globalização e ao conceito de sociedade da informação no campo da Ciência da Informação. Nesse

¹⁸ Dados divulgados pela Anatel relativos ao primeiro semestre de 2011. Fonte: <http://www.teleco.com.br/ncel.asp>.

¹⁹ Fonte: http://www.teleco.com.br/3g_brasil.asp

sentido, a revisão bibliográfica deste trabalho procurou mostrar como se dá a constituição da mobilidade enquanto construto teórico e objeto de estudos no campo das ciências sociais e humanas. A partir de teóricos que discutem a temática, sob a perspectiva dos estudos sobre globalização, procuramos apresentar o status assumido pela mobilidade na contemporaneidade e seus desdobramentos a partir das tecnologias móveis e dos sujeitos moventes.

2.1 Etapas da pesquisa

Com o objetivo de caracterizar e compreender a vivência da mobilidade, elegemos os dispositivos móveis, em particular os telefones celulares, e seus usuários, como os principais representantes do estar em movimento via fluxos informacionais.

No que concerne ao dispositivo e aos arranjos mercadológicos em torno da comercialização não só dos aparelhos, mas, principalmente, de uma série de serviços, conteúdos e produtos voltados para o universo “*mobile*”, realizamos duas entrevistas, em 2011, com o objetivo de compreender as mudanças ocorridas nesse cenário. Conforme mencionado anteriormente, ao revisitarmos a Take.Net²⁰, empresa produtora de conteúdo e serviços para telefonia móvel, entrevistamos seu diretor de Tecnologia e cofundador. Dentre os objetivos principais, estava apreender suas percepções em relação à produção de conteúdos e serviços para o mercado de telefonia móvel nos últimos 10 anos e

²⁰ A empresa foi objeto de estudo da pesquisa de mestrado realizada entre 2004-2006. Na publicação da dissertação, em 2006, o nome da empresa está grafado TakeNET, no entanto, atualmente, a empresa adotou a grafia Take.Net. Para a tese, adotaremos a grafia atual ainda que estejamos nos remetendo à empresa já referida anteriormente em nossos textos.

vislumbrar cenários futuros. O outro entrevistado foi um ex-funcionário e hoje sócio da empresa MobRádio²¹, com quem conversamos sobre as novas oportunidades e modelos de negócio que se abriram ao mercado de telefonia móvel com o surgimento dos smartphones.

Do ponto de vista dos usuários, foram trabalhados os dados de duas pesquisas, uma realizada em 2007 e outra em 2010. A primeira fez parte de um estudo amplo realizado em diferentes países com o intuito de coletar as percepções dos usuários em relação aos dispositivos móveis. O Brasil, mais especificamente São Paulo, era um dos representantes dos países da América Latina. No caso, uma fabricante de aparelhos celulares desejava conhecer os usuários, seus hábitos e suas expectativas em relação ao uso dos dispositivos móveis. O público brasileiro foi representado por 33 participantes, residentes na cidade de São Paulo, e divididos em quatro grupos de discussão. O acesso aos dados do estudo foi possível devido ao fato de a autora da pesquisa acompanhar, desde janeiro de 2007 - como voluntária e, a partir de 2009, como consultora - os trabalhos do instituto de pesquisa responsável pela coleta e análise de dados na América Latina.

Em 2010, foi realizado um segundo estudo, dessa vez a demanda partiu de uma operadora de telefonia celular que, assim como o estudo feito em 2007, desejava conhecer os usuários, seus hábitos e suas expectativas em relação ao uso dos dispositivos móveis. O segundo estudo (2010) foi realizado apenas com usuários brasileiros, moradores das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo. Ao integrar a equipe responsável pela elaboração da pesquisa,

²¹ Atualmente, a MobRádio é um dos maiores publicadores da App Store brasileira, com mais de 120 aplicações postadas. Em junho de 2011, foi lançado o serviço para o mercado Android.

tivemos a oportunidade de estruturar o conjunto de questões e objetivos da pesquisa em diálogo com o estudo anterior, o que nos permitiu traçar um comparativo entre perfis de usuários e usos que se alteram e se sobrepõem na era da mobilidade.

Ambas as pesquisas, buscavam, como objetivo final, endereçar algumas questões relativas à usabilidade e às percepções de marcas e aparelhos de telefonia móvel. Porém, apesar de os estudos terem um objetivo claro em termos de análise de mercado, foi preciso aprofundar os questionamentos no que concerne à relação entre os sujeitos e os dispositivos em aspectos simbólicos e culturais. Em linhas gerais, as pesquisas buscaram identificar as necessidades dos usuários em relação aos dispositivos móveis, suas características técnicas e funcionalidades, bem como apreender suas atitudes e comportamentos em relação aos telefones celulares.

A amostra participante dos estudos foi composta com base nas seguintes características principais:

Pesquisa 2007				
Classificação em relação ao uso			Classificação demográfica	
	Perfil usuário	Principais atividades	Idade	Gênero
Grupo 1 9 participantes	<i>Low tier</i> – usuário básico de telefonia celular	Realização/recebimento de chamadas e envio de SMS	<25: 4 participantes 26-45: 5 participantes	7: F 2: M
Grupo 2 8 participantes	<i>Low tier</i> – usuário básico de telefonia celular	Realização/recebimento de chamadas e envio de SMS	<25: 3 participantes 26-45: 4 participantes >46: 1 participante	5: F 3: M
Grupo 3 8 participantes	<i>Middle tier</i> – usuário moderado de telefonia celular	Realização/recebimento de chamadas, envio de SMS e MMS, uso de câmera e <i>Bluetooth</i>	<25: 3 participantes 26-45: 4 participantes >46: 1 participante	3: F 5: M
Grupo 4 8 participantes	<i>Middle tier</i> – usuário moderado de telefonia celular	Realização/recebimento de chamadas, envio de SMS e MMS, uso de câmera e <i>Bluetooth</i>	<25: 3 participantes 26-45: 4 participantes >46: 1 participante	5: F 3: M

Quadro 1_ Caracterização da amostra - Pesquisa 2007.

Pesquisa 2010				
Classificação em relação ao uso			Classificação demográfica	
	Perfil usuário	Principais atividades	Idade	Gênero
Grupo 1- RJ 4 participantes	<i>High tier – usuário avançado de telefonia celular (Perfil Executivo)</i>	Usa o celular para ler/enviar e-mails de trabalho, estar sempre conectado às atividades relacionadas ao trabalho	26-45: 4 participantes	2: H 2: M
Grupo 2A-RJ 4 participantes	<i>High tier – usuário avançado de telefonia celular (Perfil Jovem Conectado)</i>	Envios de SMS, acesso a redes sociais, e-mails e notícias através do celular	<25: 4 participantes	2: H 2: M
Grupo 2B-RJ 4 participantes	<i>High tier – usuário avançado de telefonia celular (Perfil Adulto Conectado)</i>	Envios de SMS, acesso a redes sociais, e-mails e notícias através do celular	26-45: 4 participantes	2: H 2: M
Grupo 3- SP 4 participantes	<i>High tier – usuário avançado de telefonia celular (Perfil Executivo)</i>	Usa o celular para ler/enviar e-mails de trabalho, estar sempre conectado às atividades relacionadas ao trabalho	26-45: 4 participantes	2: H 2: M
Grupo 4A-SP 4 participantes	<i>High tier – usuário avançado de telefonia celular (Perfil Jovem Conectado)</i>	Envios de SMS, acesso a redes sociais, e-mails e notícias através do celular	<25: 4 participantes	2: H 2: M
Grupo 4B-SP 4 participantes	<i>High tier – usuário avançado de telefonia celular (Perfil Adulto Conectado)</i>	Envios de SMS, acesso a redes sociais, e-mails e notícias através do celular	26-45: 4 participantes	3: H 1: M

Quadro 2_ Caracterização da amostra - Pesquisa 2010.

Em ambos os grupos, o roteiro de discussão²² foi dividido em dois momentos: o primeiro tinha o objetivo de caracterizar o uso dos dispositivos a partir da descrição das atividades realizadas através dos telefones celulares, assim como das percepções dos sujeitos participantes em relação à importância e papel do dispositivo na vida de cada um. Já o segundo grupo de questões explorou os aspectos valorizados pelos usuários no momento de adquirir um novo aparelho: funcionalidades, design, preço e marca.

²² Ver Anexo I.

Tendo por base esses grupos, foi realizado, em 2011, um novo grupo de discussão com oito jovens moradores da cidade de Belo Horizonte, com idade entre 22 e 28 anos, todos possuíam smartphones com diferentes sistemas operacionais²³. O objetivo do grupo também era levantar questões relativas ao uso do dispositivo, tais como frequência, ambientes e contextos de interação e tipo de atividades realizadas. Além disso, exploramos com os participantes suas expectativas em relação a funcionalidades bem como ao desenvolvimento dos dispositivos móveis e cenários futuros.

Feito isso, partimos para a verticalização de nossa análise. Lançando olhar para a mobilidade por fluxos informacionais, buscamos compreender como a informação e a tecnologia móvel auxiliam na articulação e/ou na implementação do padrão de mobilidade atual. Segundo Urry, (2007), existem vários tipos de movimentos que estão interligados e ditam o ritmo da vida atual. Dentre os citados pelo autor destacamos: o **movimento compulsório** dos exilados, dos refugiados, dos sem-teto, dos migrantes; o **movimento do trabalho**, que se refere às viagens profissionais em busca de conhecimento, aos executivos globais, às viagens relacionadas ao trabalho diário (migração pendular), ao movimento dos trabalhadores em busca de melhores oportunidades através do planeta e especialmente para cidades globais; o **movimento do lazer e da aventura**, que engloba desde os jovens mochileiros e *aupairs* em busca de experiências além-mar, às viagens turísticas oferecidas em pacotes, às viagens para visitar familiares e amigos (laços fortes em movimento).

²³ Android (sistema desenvolvido pela Google e disponível em celulares Samsung, Motorola, HTC e outros), Symbian (sistema disponível em celulares Nokia) e iOS (sistema desenvolvido pela Apple para o iPhone).

Nesse contexto, tendo por base os tipos de movimento caracterizados por Urry e os perfis de usos e usuários de tecnologias móveis identificados na etapa anterior da pesquisa, procuramos selecionar alguns sujeitos cuja mobilidade é parte de seu estilo de vida e os entrevistamos. No caso, optamos por buscar sujeitos que se movimentam impulsionados pelo trabalho e também pelo lazer e desejo de aventura, o que, em certa medida, caracterizaria uma mobilidade mais autônoma e não tanto compulsória como veremos mais adiante (Ver Capítulos 3 e 6). No que concerne à abordagem de sujeitos que possuíam tais características, adotamos estratégia parecida a do sociólogo Stanley Milgram, que, na década de 1960, realizou um experimento cujo objetivo era perceber os graus de separação existentes entre os sujeitos. (Kadushin, 2004; Recuero, 2004.)

Naquele experimento, pessoas foram convidadas a tentar entrar em contato com outras previamente indicadas pelo pesquisador. Nesse sentido, caberia ao primeiro nó estabelecer outras tantas conexões necessárias para tentar chegar à pessoa que lhe foi indicada. Tudo isso foi realizado através de cartas e, ao final, Milgram pode constatar que, dos contatos bem sucedidos, o número de conexões realizadas para se chegar ao objetivo final era pequeno, ou seja, havia poucos graus de separação entre os sujeitos, daí o modelo de mundos pequenos (*small world*) presente nas análises de redes sociais (ARS) ²⁴.

²⁴ Os estudos sobre as redes se desenvolveram dentro de duas tradições, a primeira é a Análise de Redes Sociais (ARS), com fortes raízes entre sociólogos voltados para o emprego de métodos quantitativos, enquanto que a segunda vertente reflete sobre as questões antropológicas dessas redes. Atualmente, vários estudos conduzidos no campo da Ciência da Informação privilegiam as duas abordagens. Apesar de muitas vezes as pesquisas serem conduzidas a partir da metodologia de Análise de Redes Sociais, a introdução da perspectiva qualitativa as aproximam também do viés da antropologia social. O fenômeno das redes sociais, sob a ótica da Ciência da Informação, comporta análises relativas aos fluxos

No contexto desta pesquisa, as cartas foram substituídas pelos contatos presentes nas redes sociais. Numa complexa rede formada por “amigos, de amigos de amigos”, selecionados seis sujeitos, que atendiam aos perfis acima delineados, e que se dispuseram a contribuir com a pesquisa.

Das entrevistas realizadas, cinco foram feitas via Skype. Apenas a do Entrevistado 5 foi realizada via e-mail devido à dificuldade em conciliar horário e boa conexão de Internet para promover uma conversa completa via voz. As entrevistas foram gravadas e tiveram duração média de 35-40 minutos.

Entrevistas em Profundidade					
	País de origem	Local onde vive	Idade	Dispositivos móveis	Gênero
Entrevistado 1	Brasil	Moscú, Rússia	26 anos	iPhone4 e Notebook	M
Entrevistada 2	Brasil	Campinas, Brasil	Não informada	iPhone4, Tablet e Notebook	F
Entrevistado 3	Inglaterra	Minneapolis, EUA	78 anos	Palm-Treo e Notebook	M
Entrevistado 4	Argentina	Em algum lugar da Austrália	25 anos	Nokia e Notebook	M
Entrevistado 5	Brasil	São Paulo, Brasil	31 anos	iPhone4 e iPad2	M
Entrevistada 6	Brasil	Maputo, Moçambique	28 anos	BlackBerry e Notebook	F

Quadro 3_Perfil dos entrevistados.

As perguntas elaboradas tiveram por objetivo descrever e caracterizar o movimento e ainda perceber como as tecnologias móveis se inter-relacionam com essa mobilidade em termos do acesso a informações e às interações

informacionais, aos processos interpretativos e cognitivos e às ações dos sujeitos em distintos espaços. A metáfora e a metodologia das redes estão presentes em estudos sobre os movimentos sociais, as comunidades científicas, os ambientes organizacionais, os espaços de fluxos criados pelas tecnologias da comunicação e da informação, entre outros.

peçoais e profissionais. Para análise da fala dos participantes, optamos pela apresentação das entrevistas como pequenas narrativas da mobilidade estruturadas em terceira e primeira pessoa. Assim, nesta pesquisa, tomamos o conceito de narrativa como o próprio ato de contar, explicar e analisar o comportamento ou a forma como os sujeitos lidam com a mobilidade por fluxos informacionais.

Não apenas a nossa forma de analisar esse movimento pode ser caracterizada como uma narração, mas também nossos nômades contemporâneos, ao fazerem uso de seus dispositivos móveis, distribuem seus relatos multimídia através de suas redes de contato, numa interação guiada pelo ritmo de seu cotidiano. Assim, ao falarmos desses sujeitos moventes em interação, nosso olhar sobre eles sempre nos leva a uma narrativa ou história daquele sujeito.

Nossa análise guiou-se pelos seguintes questionamentos: O que é mesmo “mobilidade” quando associamos essas várias visões? O que é regular para esses perfis, e o que é discrepante? Buscando, assim, resgatar o lugar da tecnologia e da informação na situação de mobilidade (mobilidade por fluxos informacionais). O que nos interessa é mostrar que, apesar de os sujeitos serem distintos e terem uma mobilidade peculiar, há regularidades nesses comportamentos e nessa percepção da mobilidade. O sujeito é móvel porque ele mobiliza a si próprio na forma de informação. Seus processos sociais e culturais tornam-se fluxos informacionais.

Nesse sentido, podemos dizer que este trabalho possui um caráter teórico-metodológico, na medida em que revisita determinadas teorias e quadros

de referência do campo das Ciências Sociais, com vistas a criar condições que nos permitam compreender a realidade movente que se apresenta. Acrescente-se a isso o fato de que a realização de pesquisas sociais em contextos digitais é fenômeno contemporâneo e, portanto, a consolidação e a sistematização de parâmetros metodológicos se fazem na medida em que são realizadas as pesquisas. Ao tomar tais ferramentas como recursos para o exercício da prática científica, abre-se aos pesquisadores uma série de possibilidades e também de desafios que englobam questões éticas e epistemológicas

Em torno do fenômeno da mobilidade aprofundam-se as reflexões em busca de compreendê-lo e explicá-lo em suas múltiplas dimensões. Nesse sentido, como pôde ser observado, o caminho escolhido para abordar a temática da mobilidade se constitui a partir de uma abordagem teórica que se origina de diferentes disciplinas do campo das ciências sociais e humanas e da combinação de diferentes técnicas de coletas de dados que possibilitam a apreensão de uma realidade complexa, contraditória, e em constante transformação.

Tal abordagem vem sendo caracterizada, por alguns autores, a partir do conceito de triangulação. De acordo com Denzin (1970, 1989, apud Flick, 2009), existem várias formas de triangulação: de dados, de investigadores, de teorias, e, por fim, de métodos. Tais perspectivas trazem consigo a constatação de que, diante da complexidade dos fenômenos sociais, faz-se necessária a construção de uma abordagem que não se encerre em si mesma, mas que, por se constituir a partir de diferentes lugares, possa apresentar, com maior riqueza, os fenômenos que busca analisar.

A triangulação implica que os pesquisadores assumam diferentes perspectivas sobre uma questão em estudo ou, de forma mais geral, ao responder às perguntas de pesquisa. Essas perspectivas podem ser substanciadas pelo emprego de vários métodos e/ou em várias abordagens teóricas. Ambas estão e devem estar ligadas. Além disso, refere-se à combinação de diferentes tipos de dados no contexto das perspectivas teóricas que são aplicadas aos dados. Essas perspectivas devem ser tratadas e aplicadas, ao máximo possível, em pé de igualdade e de forma igualmente consequente. Ao mesmo tempo, a triangulação (de diferentes métodos e tipos de dados) deve possibilitar um excedente principal de conhecimento. Por exemplo, a triangulação deve produzir conhecimento em diferentes níveis, o que significa que eles vão além daquele possibilitado por uma abordagem e, assim, contribuem para promover a qualidade na pesquisa. (FLICK, 2009, p. 62)

As colocações deste estudo se inserem nesse contexto, onde os processos de produção do conhecimento, diante da crescente inserção das tecnologias de informação e comunicação, tornaram-se mais complexos. O conhecimento, como produto do fazer científico, carrega suas peculiaridades referentes a áreas de pesquisas, pesquisadores, métodos utilizados, teorias, paradigmas. No entanto, independentemente da área de conhecimento em que o sujeito se encontre, é inegável que as tecnologias de informação e comunicação fazem parte de seu dia a dia como pesquisador.

Sendo assim, além das considerações e apontamentos inerentes aos objetivos explícitos deste estudo, buscamos também apresentar o debate recente a respeito da constatação de que as múltiplas possibilidades de acesso à informação e recursos, as trocas efetuadas no ambiente digital e, principalmente, o uso da tecnologia como um ferramental metodológico para a realização das

pesquisas estão trazendo novas e desafiadoras possibilidades para o fazer científico.

3 A CONSTRUÇÃO DA MOBILIDADE CONTEMPORÂNEA

*“Enquanto isso
 anoitece em certas regiões.
 E se pudéssemos
 ter a velocidade para ver tudo,
 assistiríamos tudo.
 A madrugada perto
 da noite escurecendo
 ao lado do entardecer
 a tarde inteira
 logo após o almoço.
 O meio-dia acontecendo em pleno sol
 seguido da manhã que correu
 desde muito cedo
 e que só viram
 os que levantaram para trabalhar
 no alvorecer que foi surgindo.”*

Marisa Monte e Nando Reis²⁵

O século XXI vem presenciando uma aceleração do movimento: pessoas, imagens, informações, mercadorias, tudo parece mover-se de forma mais dinâmica e complexa. Nesse sentido, diversas foram as alterações que permitiram essa nova conformação da mobilidade. Mudanças tecnológicas, culturais e sociais nos sistemas de transporte, nos dispositivos móveis de comunicação, na demarcação das fronteiras e seus mecanismos de controle, e em outros sistemas e artefatos da mobilidade estão rapidamente modificando as condições e as possibilidades do movimento no século XXI e incidindo cada vez mais sobre os sujeitos.

No entanto, cabe ressaltar que a mobilidade é percebida e vivenciada de diferentes maneiras. Enquanto para alguns sujeitos o movimento é mais rápido e frequente, permitindo que percorram distâncias cada vez mais extensas, para outros, mover-se é algo turbulento, tendo em vista as “rugosidades” - as

²⁵ "Enquanto isso", faixa do álbum "Verde, Anil, Amarelo, Cor-de-Rosa e Carvão", lançado pela cantora e compositora Marisa Monte, em 1994.

condições preexistentes em cada lugar (recursos materiais, organização social, econômica e cultural) - que se interpõem a esse espaço de fluxos²⁶, como bem nos lembra Santos (2003).

Hoje, vivemos um mundo da rapidez e da fluidez. Trata-se de uma fluidez virtual, possível pela presença dos novos sistemas técnicos, sobretudo os sistemas da informação, e de uma fluidez efetiva, realizada quando essa fluidez potencial é utilizada no exercício da ação, pelas empresas e instituições hegemônicas. A fluidez potencial aparece no imaginário e na ideologia como se fosse um bem comum, uma fluidez para todos, quando, na verdade, apenas alguns agentes têm a possibilidade de utilizá-la, tornando-se, desse modo, os detentores efetivos da velocidade. (SANTOS, 2003, p.83)

A ideia de que há uma elite que detém as condições e as possibilidades do movimento é compartilhada por Elliott e Urry (2010). No livro “Mobile Lives”, publicado em 2010, os autores nos falam de uma elite - a quem nomeiam “*rich north*” - que tem no movimento o principal traço de seu estilo de vida. O impulso inicial para o movimento desses sujeitos é o trabalho, que os leva a estar em diferentes lugares ao longo de sua jornada produtiva.

Porém, essa mobilidade incide também sobre as horas não dedicadas ao trabalho, ou seja, sobre a vida privada dos sujeitos, pois, em muitos casos, a distância percorrida não permite estar em casa para o jantar. Sendo assim, na visão de Elliott e Urry (2010), os sujeitos em movimento passam a lançar mão de diversas estratégias na tentativa de resgatar os laços que os fazem se sentir em casa, mesmo estando num quarto de hotel ou nas salas de embarque. Tais

²⁶ O espaço de fluxos é um conceito formulado no contexto dos estudos sobre globalização e sociedade em rede. Refere-se a um espaço criado pelas tecnologias de informação e comunicação no qual se configuram “práticas compartilhadas de tempo”.

estratégias se implementam, principalmente, por meio das tecnologias de informação e comunicação.

A vida 'em movimento' é o tipo de vida em que a capacidade de estar em 'outro lugar' num momento diferente dos outros é central. E-mail, mensagens SMS, dispositivos MP3, gravadores de DVD portáteis, serviços telefônicos na Internet, e assim por diante, permitem às pessoas escapar das limitações de tradições pré-existentes_ou de formas tradicionais de vida cultural, sob padrões e práticas de vida mais fluidos. Essa vida em movimento demanda flexibilidade, adaptabilidade, reflexividade - estar pronto para o inesperado, para abraçar a novidade, já que até mesmo os outros sujeitos significativos estão fazendo coisas diferentes e em momentos diferentes. As experiências das pessoas são dessincronizadas entre si, de modo que os sistemas e os sujeitos têm que estar disponíveis 'just in time'.²⁷ (ELLIOTT; URRY, 2010, p.4)

Esse movimento, narrado por Elliott e Urry (2010) e atribuído a uma determinada elite global, foi caracterizado por Bauman (1999) no paradigma do turista, tendo como contraponto, o do vagabundo. O turista é aquele que se move por escolha, e essa escolha pode ser efeito da "sedução operada pela mítica do movimento" ou estar baseada em uma racionalidade estratégica, tendo em vista as "circunstâncias" que se apresentam.

Porém, o autor ressalta que nem todos os andarilhos estão em movimento por escolha, talvez muitos preferissem levar uma vida menos nômade ou ir para outros lugares. "Se estão se movendo é porque 'ficar em casa' num

²⁷ "Life 'on the move' is the kind of life in which the capacity to be 'elsewhere' at a different time from others is central. Email, SMS texting, MP3 audio, personal DVD recorders, internet telephonic services and so on enable people to seek escape from the constraints of pre-existing traditions or traditional forms of cultural life, under more fluid patterns and practices. Such mobile lives demand flexibility, adaptability, reflexivity – to be ready for the unexpected, to embrace novelty, as even one's significant others are doing different things and at different times. People's experiences are de-synchronized from each other, so that systems and people have to be available 'just in time'."

mundo feito sob medida para o turista, parece humilhante e enfadonho e, de qualquer modo, em longo prazo não parece uma proposta factível.” (BAUMAN, 1999, p. 101). Movem-se porque foram empurrados e desenraizados – são os vagabundos.

Nesse sentido, turistas e vagabundos habitam mundos diferentes. Para os primeiros, a experiência da mobilidade é uma experiência temporal, já que o espaço pouco importa. Não há fronteiras ou muros que impeçam seu movimento pelo território, assim como as mercadorias e o capital, tornaram-se fluxo. Já o mundo dos vagabundos é denso. A dificuldade do movimento ou mesmo a imobilidade são combinadas ao movimento compulsório que, muitas vezes, os força a se moverem de um determinado território que não lhes foi autorizado habitar.

Por fim, Bauman (1999) pontua a relação existente entre a vida do turista e a vida do vagabundo.

Os turistas têm horror dos vagabundos pela mesmíssima razão que os vagabundos encaram os turistas como gurus e ídolos: na sociedade dos viajantes, na sociedade viajante, o turismo e a vagabundagem são as duas faces da mesma moeda. (BAUMAN, 1999, p.105)

Para o autor, a caracterização do movimento contemporâneo nas figuras do turista e do vagabundo tem ainda a importante função de dissipar o efeito homogeneizante que o termo “nômade” parece produzir quando aplicado a todos os “contemporâneos da era pós-moderna”. E para conhecer melhor esse efeito ou mesmo identificar as facetas do nômade contemporâneo, iremos nos deter um pouco no conceito de nomadismo.

3.1 Nômades no espaço digital²⁸

A relação humana com o movimento é ancestral, tanto que o próprio conceito de nomadismo, adotado contemporaneamente para dar conta dos processos que se configuram no contexto da mobilidade, tem sua origem na prática dos povos nômades que não fixavam uma habitação, movendo-se permanentemente de um lugar para outro. Nesse processo de locomoção pelo espaço, esses povos utilizavam os recursos oferecidos pelo ambiente até que os mesmos se esgotassem, iniciando assim um novo deslocamento em busca de outra região que propiciasse condições de sobrevivência.

Durante o Paleolítico e parte do Neolítico, o nomadismo foi uma prática comum entre as primeiras agrupações humanas. No entanto, as mudanças climáticas e o desenvolvimento das primeiras técnicas agrícolas fizeram com que o nomadismo cedesse espaço ao aparecimento de comunidades sedentárias originárias das primeiras civilizações da Antiguidade.

No entanto, Maffesoli (2001), em seu texto intitulado “Sobre o Nomadismo”, chama-nos a atenção para o fato de que esse desejo ancestral de movimento vem se manifestando, de diferentes maneiras, ao longo da evolução humana. Para o autor, o termo errância foi domesticado sob o termo mobilidade, referindo-se, portanto, aos constantes movimentos dos sujeitos contemporâneos, que seriam: os movimentos das migrações diárias (trabalho, consumo), das

²⁸ Referência ao título do artigo publicado por Joshua Meyrowitz: Global Nomads in the digital veldt. Revista Famecos, Porto Alegre, n° 24, julho de 2004, p. 23 – 30.

migrações sazonais (turismos, viagens) e, por fim, o movimento gerado pela mobilidade social, provocado pelas disparidades econômicas.

Segundo Maffesoli, esses deslocamentos são a forma encontrada pelo homem moderno para fazer reviver a “aventura” dos tempos nômades. Esse desejo, que subjaz ao desejo de errância, pode sim, na perspectiva do autor, ser satisfeito pelas experiências proporcionadas pelas tecnologias da mobilidade, incluindo-se aí não somente as tecnologias de comunicação e informação, mas também as de transporte.

O minitel, o avião, a ‘internet’ e as diferentes redes eletrônicas, a televisão e as auto-estradas da informação, tudo isso, para o bem ou para o mal permite viver, em tempo real e sobretudo coletivamente, experiências culturais, científicas, sexuais e religiosas que são, justamente, o próprio da aventura existencial. As potencialidades do ciberespaço estão longe de se esgotar, mas já testemunham o enriquecimento cultural que está sempre ligado à mobilidade, à circulação, quer sejam as do espírito, dos devaneios e até das fantasias, que tudo não deixa de induzir. (MAFFESOLI, 2001, p.30)

No trecho anterior, Maffesoli (2001) ainda se referia ao ciberespaço para dizer da mobilidade por fluxos informacionais. Atualmente, as tecnologias móveis potencializaram esse tipo de movimento na medida em que ampliaram os pontos de conexão na rede.

Porém, a mobilidade contemporânea instaura uma contradição, pois ao mesmo tempo em que as tecnologias permitem o movimento, exercem também uma ação de regulação e controle. Estamos livres para nos mover, porém, nosso movimento via tecnologias é registrado, mapeado, monitorado.

Para Manovich (2006), esse seria um dos pontos principais da noção de espaço aumentado (*augmented space*): a relação tênue entre vigilância/controle e assistência/adição de informações. Na perspectiva do autor, Quando o espaço físico torna-se um espaço informacional, os sujeitos passam a vivenciar uma dupla situação: tem-se a possibilidade de usar dispositivos (móveis ou não) que extraem informações do espaço - contribuindo para ações de vigilância, rastreamento e monitoramento - assim como de ampliar o espaço a partir da inserção de camadas de informação que podem ser acionadas a partir de dispositivos diversos.

Urry (2007) já trabalha com a ideia de *frisk society* (sociedade revistada): na medida em que há um maior número de pessoas em movimento, esses traços permitem que as mesmas se tornem objetos de sistemas de regulação invasiva. Sendo assim, “os lugares, cada vez mais, tornam-se como os aeroportos, utilizando sistemas de monitoramento, vigilância e regulação para controlar esses corpos em movimento”²⁹ (URRY, 2007, p.15).

No entanto, importa destacar que a relação da mobilidade atual com o nomadismo vai além da simples vivência do movimento em si, mas se refere, principalmente, a uma série de características que envolviam a vida dos membros das sociedades nômades e que agora são reavivadas na mobilidade contemporânea.

Um primeiro aspecto a ser ressaltado refere-se à proximidade física que havia entre membros do grupo o que impossibilitava uma separação entre os

²⁹ “[...] places are increasingly like airports using novel systems of monitoring, surveillance and regulation to control those mobile bodies.”

diferentes sujeitos, bem como entre os distintos papéis e atividades a serem desempenhados nessas sociedades. De acordo com Meyrowtiz (2004), não havia distinções entre os sexos na tomada de decisão, assim como não havia separação entre o ambiente de trabalho e o ambiente privado. Outra questão importante relacionava-se às crianças e ao moderno conceito de infância. No caso, diante da dificuldade de se promover uma separação física entre adultos e crianças, temas como sexo e morte não eram desconhecidos entre os jovens e muitas das “brincadeiras” refletiam atividades desenvolvidas pelos adultos, preparando as crianças para o exercício futuro dessas atividades no grupo.

Nesse sentido, o autor destaca que o processo de evolução da humanidade se baseou, em grande parte, na separação e distinção crescente entre papéis e atividades, sendo a passagem da sociedade oral para a escrita um marco nesse processo.

As divisões de funções e atividades que se desenvolveram nas sociedades fixadas cresceram geometricamente com a difusão da alfabetização, especialmente após a invenção da imprensa, uma das primeiras formas de produção e distribuição em massa. Ler e escrever não são tão naturais como ouvir e falar, e não são tão facilmente aprendidos. Com algumas variações entre diferentes culturas (com base, em parte, nas diferenças existentes nos sistemas de escrita, tais como fonética versus pictográfica), as classes alfabetizadas tornaram-se diferentes das classes analfabetas. A alfabetização incentivou a fragmentação das identidades baseadas nos níveis de habilidade de leitura e nos conjuntos e subconjuntos das literaturas.³⁰ (MEYROWITZ, 2004, p.24)

³⁰ “The divisions in roles and activities that developed in settled societies grew geometrically with the spread of literacy, particularly after the invention of printing, one of the earliest forms of mass production and mass distribution. Reading and writing are not as natural as hearing and speaking, and they are not as easily learned. With some variation in different cultures (based in part on differences in writing systems, such as phonetic vs. pictographic), literate classes became distinct from illiterate classes. Literacy further encouraged the splintering of identities based on levels of reading ability and sets and subsets of literatures.”

Assim como havia uma divisão em termos do tipo de informação a ser acessado por cada sujeito, dependendo da posição que ocupava na sociedade, as atividades sociais também se tornaram cada vez mais segregadas e diferenciadas, gerando, uma série de regras e papéis a serem desempenhados. No entanto, o advento das tecnologias de informação e comunicação, com suas práticas de tempo e espaço compartilhadas, transformaram (e continuam a transformar) esse cenário.

Ao olhar para as sociedades do século XXI, o autor destaca que, ainda que guardadas as diferenças existentes entre países desenvolvidos e emergentes e entre sujeitos dentro de uma mesma sociedade, podemos perceber alguns “ecos marcantes” das sociedades nômades. Tais ecos não se referem, obviamente, ao fato de caminharmos mundo afora restritos ao universo de possibilidades de interações entre membros de um mesmo grupo (família, por exemplo), pelo contrário, de acordo com Meyrowitz (2004), nossas interações estão cada vez mais individualizadas e variáveis. E, apesar de nossos processos e padrões de acesso aos recursos que podemos obter na sociedade serem limitados por uma série de organizações políticas e econômicas,

num nível básico de comportamento, voltamos, de muitas maneiras, às experiências e aos papéis que se sobrepõem, típicos das sociedades nômades. Mais uma vez, temos dificuldade em ficar longe uns dos outros.³¹
(MEYROWITZ, 2004, p. 25)

Na perspectiva do autor, torna-se cada vez mais difícil operar separações e distinções entre esferas sociais, entre uma série de atividades e até

³¹ “On a basic behavioral level, however, we have returned in many ways to the overlapping experiences and role blurrings of nomads. Once again, we have a hard time getting away from each other.”

mesmo entre conhecimentos e experiências de vida. Como exemplo, Meyrowitz (2004) nos apresenta algumas situações. Uma delas é a referente ao conjunto de informações considerado adequado para cada faixa etária. No caso, cita as crianças e as dificuldades que os pais enfrentam, já há algum tempo, para controlar o acesso a determinadas informações.

Outro exemplo dado é o fato de homens e mulheres poderem desempenhar atividades antes consideradas estritamente masculinas ou femininas. O autor menciona também o fato de não haver mais uma separação rígida entre os líderes e os cidadãos comuns, cabendo aos primeiros a tentativa de se aproximarem cada vez mais dos últimos, ainda que por vias questionáveis como a exposição de sua vida privada. Por último, tem-se a imbricação entre as esferas pública e privada, seja pela ramificação das atividades do trabalho nos momentos privados, seja pela invasão das interações íntimas (via dispositivos móveis de comunicação e redes sociais) no ambiente de trabalho.

O autor ainda assinala que, como cada vez mais nos pautamos nas tecnologias digitais para informação, consumo e interações sociais, cada vez menos nossas atividades e nossas identidades baseiam-se em locais específicos ou papéis fixos. Tal colocação é respaldada por Bauman (2008) ao analisar a conformação da identidade no mundo “globalizante”.

Segundo o autor, o próprio “discurso da identidade”, a sua problematização nos diz muito do mundo e da realidade em que vivemos. Nesse sentido, trata a questão da identidade a partir do momento em que ela não se torna mais algo “dado”, mas sim uma “tarefa”. Essa, então, seria uma característica da vida moderna: a necessidade de se transformar no que somos,

em suas palavras, “a predestinação foi substituída pelo projeto de vida”. No entanto, Bauman identifica na modernidade líquida uma nova questão para os processos de “individualização”, a saber:

[...] o problema da identidade, que assombra homens e mulheres desde o advento dos tempos modernos, mudou de forma e conteúdo. Costumava ser o tipo de problema que os peregrinos enfrentavam e lutavam para resolver: uma questão de ‘como chegar lá’. Hoje, é um problema mais parecido com aquele que os errantes, pessoas sem domicílio fixo e *sans papiers*, enfrentam todos os dias: ‘Aonde eu poderia ou deveria ir? E aonde esta estrada que peguei me levará?’. (BAUMAN, 2008, p.187)

Para o autor, o problema da modernidade líquida em relação à identidade não é mais aquele vinculado ao reconhecimento de identidades, mas sim à escolha. E esse processo torna-se problemático não só pela diversidade de opções que nos são colocadas, mas também pela “fragilidade dos pontos de referência”. Assim, pontua que talvez seja melhor referenciar a identidade como identificação: “uma atividade que nunca termina, sempre incompleta, na qual todos nós, por necessidade ou escolha, estamos engajados” (BAUMAN, 2008, p. 193).

Assim, na visão de Bauman (2008), a mobilidade dos sujeitos contemporâneos se assemelha menos a dos viajantes ou dos migrantes - que tinham como objetivo chegar a algum lugar - e mais com a dos errantes, que têm no estar em movimento o seu objetivo principal.

Ao movimento, soma-se a questão do consumo que, na perspectiva do autor, torna-se a principal exigência contemporânea. “A maneira como a

sociedade atual molda seus membros é ditada primeiro e acima de tudo pelo dever de desempenhar o papel de consumidor.” (BAUMAN, 1999, p. 88).

Não que antes não consumíssemos, mas o que o autor deseja destacar é essa ênfase atual no consumo e, nesse sentido, a ideia do movimento é extremamente pertinente, pois coloca o sujeito sempre em busca de alguma coisa. E essa busca incessante, no lugar de provocar desconforto, diz de uma nova forma de estar neste mundo, de participar e se integrar socialmente. Ter sempre novos desejos a serem satisfeitos, buscar sempre algo mais significa estar vivo. Nas palavras do autor: a imobilidade, ao fim, significa a morte.

De um movimento que se vivencia no indivíduo e que dali se irradia (ou nele se reflete), caracterizando, por assim dizer, a sociedade, podemos perceber que as discussões e análises que derivam da problematização da mobilidade contemporânea têm como ponto de partida diferentes abordagens disciplinares. E, mais que constatar essa diversidade, alguns autores postulam que é preciso compreendê-la como condição necessária para que se possa chegar a um entendimento maior desse fenômeno complexo.

3.2 O paradigma da mobilidade

Neste estudo, o olhar que lançamos para a mobilidade se origina do campo das ciências sociais, tendo como marco teórico e metodológico o paradigma da mobilidade, desenvolvido por John Urry³² (2007). A partir do

³² John Urry é Professor Emérito do Departamento de Sociologia da Universidade de Lancaster onde também atua como diretor do Centre for Mobilities Research (CeMoRe). Seus interesses

desenvolvimento teórico e das crescentes análises empíricas a respeito do fenômeno da mobilidade nos mais distintos aspectos da vida, surge, na perspectiva do autor, uma forma diferenciada de se pensar as características das relações econômicas, sociais e políticas, que apontariam para uma “virada da mobilidade” (*mobility turn*) nas ciências sociais. (URRY, 2007).

Essa virada espalha-se pelas ciências sociais mobilizando análises que têm sido historicamente estáticas, fixas, preocupadas predominantemente com estruturas sociais não-espaciais. As contribuições dos estudos culturais, feminismo, geografia, estudos sobre migração, política, estudos da ciência, sociologia, estudos sobre transporte e turismo e tantos outros transformam, de maneira hesitante, as ciências sociais e especialmente revigoram as conexões, as sobreposições e as apropriações tanto entre as ciências naturais e físicas quanto entre os estudos literários e históricos. A virada da mobilidade é pós-disciplinar. (URRY, 2007, p. 6)³³

John Urry (2007), ao desenvolver o paradigma da mobilidade, reconhece e assinala a diversidade de “olhares” que se voltam à temática. Para o autor, questões ligadas ao movimento estão no centro das atenções de diversos setores da sociedade, haja vista as ações e as atividades que buscam incrementar, controlar ou mesmo realizar-se pelo movimento. Sendo assim, chega a afirmar que a noção de mobilidade está no ar, dizendo mesmo de uma nova forma de se pensar e perceber o mundo e as coisas.

de pesquisa no campo das ciências sociais são: mobilidade, teoria da complexidade, turismo, transporte, capitalismo contemporâneo, mudanças climáticas e política. <http://www.lancs.ac.uk/fass/centres/cemore/profiles/John-Urry/Sociology/>

³³ “Such a turn is spreading in and through the social sciences, mobilizing analyses that have been historically static, fixed and concerned with predominantly a-spatial ‘social structures’. Contributions from cultural studies, feminism, geography, migration studies, politics, science studies, sociology, transport and tourism studies and so on are hesitatingly transforming social science and especially invigorating the connections, overlaps and borrowings with both physical science and with literary and historical studies. The mobility turn is post-disciplinary.”

No campo das ciências sociais, o autor assinala a existência de teorias e conceitos que se conectam e servem de base para a construção de seu paradigma da mobilidade. Autores como Georg Simmel, Walter Benjamin, Gilles Deleuze, Henri Lefebvre, Michel de Certeau e Erving Goffman são identificados por Urry como precursores das noções iniciais sobre a mobilidade. Atualmente, vê na Dromologia³⁴ de Virilo (1997), nos “Anjos”³⁵ de Serres (1995), na Modernidade Líquida de Bauman³⁶ (2001), na “*spacial turn*” de Nigel Thrift³⁷ e nas visões sobre a sociedade contemporânea (*Empire*) de Hardt e Negri³⁸ (2000), um desenvolvimento teórico bem-sucedido em direção a uma “virada da mobilidade” nas ciências sociais.

Isso porque, para o autor, o movimento vem sendo minimizado ou negligenciado pelo campo. Nesse sentido, ao propor uma análise pautada pelo paradigma da mobilidade, Urry (2007) pretende resgatar e compreender a significância “política, econômica, cultural e social” do movimento para os sujeitos e a sociedade. Assim sendo, reconhece que uma análise das mobilidades que se

³⁴ Dromologia: ciência ou lógica da velocidade e da aceleração (entender o sujeito da atualidade como um sujeito cinético, constituído pela condição de movimentação no plano cognitivo, emocional, afetivo e no do relacionamento com os outros).

³⁵ Para Serres, a sociedade se constrói pela comunicação, sendo assim reconhece que, hoje em dia, o laço social está cada vez mais fundado na circulação da informação. Usa os anjos como metáforas para redes e fluxos informacionais. SERRES, Michel. *A Lenda dos Anjos*. São Paulo, Aleph, 1995. 304p.

³⁶ Ao citar a fluidez, a leveza e a mobilidade como características dos líquidos, Bauman, então, as toma como metáforas capazes de captar a essência da nova fase da modernidade.

³⁷ THRIFT, Nigel. Movement-space: the changing domain of thinking resulting from the development of new kinds of spatial awareness. *Economy and Society* 33:4 (November 2004): 582-604.

³⁸ “O texto propõe uma reflexão em torno da articulação existente entre fenômenos contemporâneos como as novas tecnologias de informação, os desenvolvimentos da genética, a crise dos estados nacionais, a organização social em redes, os fluxos financeiros, os conflitos ecológicos, etc. Tais fenômenos são abordados em suas interconexões caracterizando, assim, uma nova forma de poder conceituada pelos autores como “Império”. HARDT, M and NEGRI, A. *Empire*, Cambridge, Mass, Harvard University Press, 2000, 478 pp.

apresentam transformam as ciências sociais não apenas por ser inserido (ou destacado) o movimento a análises estáticas ou estruturais, mas por “requerer uma revisão indiscriminada das maneiras pelas quais o fenômeno social vem sendo historicamente analisado.”³⁹ (URRY, 2007, p. 44)

Antes de desenvolver o seu argumento em torno do paradigma da mobilidade, o autor inicia sua análise terminologicamente, avaliando os possíveis significados e usos do termo “móvel” no âmbito das ciências sociais. Sendo assim, identifica algumas noções a que se tem o costume de empregar os termos “móvel” ou “mobilidade”: a primeira refere-se a uma característica, ou seja, emprega-se o termo móvel para indicar o movimento de determinado sujeito/objeto ou mesmo para indicar a sua capacidade de se movimentar.

Uma segunda noção é aquela atrelada ao termo “mob” que, em inglês, tem o significado de multidão, turba, um agrupamento desordenado que necessita monitoramento, regulação. A terceira noção refere-se à mobilidade social ascendente e descendente e é destacada pelo autor como a mais bem desenvolvida nas ciências sociais. No caso, diz do posicionamento dos indivíduos uns em relação aos outros ou em relação a posições ocupadas anteriormente. Uma quarta noção é aquela que vincula a mobilidade à migração ou outros tipos de “movimento geográfico semipermanente”. (URRY, 2007)

O autor nos adianta que, ao se ocupar dessas diversas formas de movimento, acaba por incluir modalidades e temporalidades distintas de mobilidade física que podem ou não ser ampliadas pelos sistemas. Urry (2007)

³⁹ “They require a wholesale revision of the ways in which social phenomena have been historically examined.” (URRY, 2007, p. 44)

também procura deixar claro que são incluídos, nesse espectro de análise, os movimentos de imagens e informações em múltiplas mídias, bem como os movimentos virtuais, na medida em que as comunicações são cada vez mais mediadas por sistemas que se disseminam em arranjos um-para-um, um-para-muitos, muitos-para-muitos através dos computadores em rede e dos dispositivos portáteis.

Sendo assim, ao buscar delinear o paradigma da mobilidade, apresenta algumas diretrizes⁴⁰ que seriam indicativas da tentativa de se inserir o movimento no método sociológico. As “*mobile rules*”, como ele as nomeia, foram primeiramente apresentadas no livro *Sociology Beyond Societies*, publicado por Urry no ano 2000. Segundo o autor (2007), o livro *Mobilities* pode ser considerado uma extensão daquele.

No que concerne às diretrizes, a primeira delas seria o desenvolvimento de uma análise sociológica focada “no movimento, na mobilidade e no ordenamento contingencial”. Para tanto, sugere o desenvolvimento de metáforas “apropriadas” que ajudem a mover o ponto de vista sociológico do estático, da estrutura e da ordem social.

A segunda proposição sugere a verificação dos diversos impactos da mobilidade “corpórea, imaginada e virtual” que se dão a partir do deslocamento dos sujeitos por razões as mais diversas (trabalho, lazer, fuga, entre outros).

A terceira diretriz citada pelo autor propõe que enxerguemos sujeitos e objetos em relação mútua, assim sendo, não se privilegia nenhum ator em detrimento do outro, o que interessa é perceber como determinado problema de

⁴⁰ URRY, 2007, p. 9-10.

ação se constitui a partir das mediações entre esses diversos atores. A quarta proposição, em relação direta com esta última, pede que, na análise dos sujeitos e dos objetos, seja incluída a investigação da “constituição sensória/sensual” desses mesmos elementos.

A quinta diretriz busca dar conta da diversidade de contextos em que se efetiva a mobilidade. Ao propor a investigação do alcance dos fluxos e das redes que engendram o movimento, busca perceber e reconhecer a existência de fronteiras sociais e a forma como se dá a interconexão espaço-tempo desses mesmos fluxos e redes sociotécnicas.

Em seguida, o autor sugere examinar como “classe, gênero, etnicidade e nacionalidade são constituídos através de poderosos e inter-relacionados regimes temporais e modos de se estabelecer e viajar”⁴¹. Assim sendo, como uma consequência da sétima diretriz, torna-se importante, do ponto de vista da mobilidade, buscar apreender como os sujeitos desenvolvem a capacidade de se estabelecer/habitar/vivenciar determinado lugar (*dwell*), tendo por base o fato de esta ação estar calcada na mobilidade de pessoas, presentes, fotografias, imagens, informações e outros.

Em oitavo lugar, o autor estabelece a necessidade de se compreender “o caráter mutável” da cidadania na medida em que direitos e deveres são cada vez mais pertencentes ou derivados de entidades cujas topologias se entrecruzam com aquelas da sociedade.

⁴¹ “[...] how class, gender, ethnicity and nationhood are constituted through powerful and intersecting temporal regimes and modes of dwelling and traveling.”

A próxima diretriz delineada pelo autor coloca a necessidade de se perceber a midiatização da experiência cotidiana na medida em que o fluxo de imagens que permeiam as redes torna-se cada vez maior, incidindo sobre a conformação do imaginário social.

As outras duas diretrizes que se seguem estão bastante correlacionadas. A primeira, diz da necessidade de se observar a crescente interdependência entre as questões locais e globais e como vem se reduzindo a importância dos meios de coerção física para se determinar o poder dos Estados. Dessa última colocação, o autor pontua a necessidade de se explicar a preocupação cada vez maior dos Estados com questões relativas à regulamentação da mobilidade, seja a cotidiana, ou aquela que se relaciona aos movimentos migratórios.

Nesse sentido, Urry (2007) destaca a importância de se perceber como os fatos sociais e, principalmente, seus desdobramentos podem ser caóticos, não-intencionais, não-lineares e distantes no tempo e/ou no espaço de onde se originaram, assumindo, assim, características um tanto distintas daquelas iniciais.

Por fim, Urry (2007) pede que nos atentemos para a questão do 'global' que, presente em objetos, identidades, instituições e práticas sociais, apresenta uma dimensão recursiva⁴², alimentando-se dos *inputs* e *outputs* que gera/produz naqueles mesmos sistemas.

Tendo por base essas diretrizes, Urry (2007) sinaliza que, há algum tempo, vem buscando seguir esse direcionamento na sua análise dos fenômenos

⁴² A recursividade diz de um processo no qual os resultados obtidos, ou os efeitos, são, ao mesmo tempo, causas daquele mesmo processo que os produziu.

sociais, no entanto, pontua que não foi bem-sucedido, até então, na tentativa de mostrar como e por que a mobilidade faz tanta diferença na análise das relações sociais. Uma das justificativas apontadas refere-se ao fato de o autor não ter se ocupado de uma distinção clara entre tipos de sistemas de mobilidade, bem como entre tipos de movimento, tratando todos como similares uns aos outros.

Sendo assim, tendo em vista operar essa distinção, Urry (2007) sugere a existência de 12 principais formas de mobilidade no mundo contemporâneo, que seriam⁴³:

- “asilo, refugiados, desabrigados e migrantes;
- viagens profissionais e a trabalho;
- viagens de ‘descoberta’ de estudantes, *au pairs* e outros jovens em suas experiências ‘além mar’ que podem se constituir num rito de passagem e envolvem, tipicamente, viagens a grandes centros;
- viagens médicas a spas, hospitais, dentistas e assim por diante;
- mobilidade militar de armas, tanques, helicópteros, mísseis, aeronaves, satélites, e que podem se desdobrar em usos civis (p.ex. Google Earth);
- viagem pós-emprego e a formação de estilos de vida transnacionais na aposentadoria;
- viagens domésticas (pais, filhos, babás, etc.);

⁴³ URRY, 2007, p. 10-11

- viagem e migrações através de determinados pontos, tendo em vista determinados movimentos diaspóricos;
- viagens de trabalhadores através do planeta e especialmente para cidades globais (incluído aí o tráfico de pessoas);
- viagens turísticas a lugares e eventos sob a perspectiva do olhar do turista;
- visitar familiares e amigos (redes de amizade também em movimento);
- viagem (quase sempre diária) relacionada a trabalho (migração pendular).⁴⁴

Dentre as mobilidades citadas pelo autor, podemos identificar nuances entre mobilidades compulsórias, mobilidades autorizadas (vistos, passaportes, fronteiras), mobilidades clandestinas e mobilidades necessárias. E as motivações também se distinguem e se complementam: movemo-nos em busca de conhecimentos, experiências, para manter ou reavivar laços, para nos esquecer de algo ou mesmo reformular uma nova vida.

Nesse contexto, John Urry (2007) procura delinear o paradigma da mobilidade apontando algumas de suas características centrais. Conforme poderá ser percebido, essas características estão em relação umas com as outras e com as diretrizes anteriormente apresentadas. A sua separação em tópicos distintos tem efeito didático.

⁴⁴ "Asylum and refugee travel; business and professional travel; discovery travel; medical travel; military mobility; post-employment travel; 'trailing travel'; travel across diasporas; travel of service workers; tourist travel; the visiting of friends and relatives; work-related travel."

A primeira característica do paradigma da mobilidade descrita por Urry (2007) refere-se às relações sociais e suas conexões com o movimento. Num sentido mais geral, o autor pontua que, dentro da perspectiva da mobilidade, as relações sociais devem ser vistas na contraposição permanente entre presença e ausência, proximidade e distância, ou seja, envolvem ou derivam de conexões que, em última medida, buscam efetivar uma presença física. E essa presença física, de onde se originam as interações face a face, tem por vezes uma preponderância nas análises sobre as relações sociais. O que Urry (2007) procura esclarecer é o fato de que “a vida social envolve processos contínuos de mudança entre estar presente com uns (no trabalho, em casa, no lazer, e assim por diante) e distante de outros.”⁴⁵ (URRY, 2007, p.47) Assim, as conexões entre as pessoas e os grupos sociais não se baseiam unicamente em uma questão de proximidade. Há múltiplas presenças imaginárias que ocorrem entre os objetos, pessoas e informações.

Nesse sentido, já que as relações sociais devem ser percebidas em relação a esse movimento, uma segunda característica do paradigma seria o reconhecimento de que nessas relações subjazem diferentes formas de mobilidade⁴⁶, que atuam de maneira interdependente, produzindo e organizando vida social. São elas:

- a mobilidade corpórea dos sujeitos realizada com diferentes objetivos (trabalho, lazer, vida cotidiana, migrações, fugas) ;

⁴⁵ “Social life involves continual process of shifting between being present with others (at work, home, leisure and so on) and being distant from others.”

⁴⁶ URRY, 2007, p. 47.

- a mobilidade física dos objetos, seja aquela referente à produção, consumo e venda de bens (legal ou clandestina), seja a referente a presentes e souvenirs;
- a mobilidade imaginativa que se dá por meio de imagens de lugares e pessoas em múltiplas mídias;
- a mobilidade virtual que se realiza em tempo real, transcendendo distâncias geográficas e sociais;
- a mobilidade comunicativa que se dá através de mensagens pessoa a pessoa, via textos, cartas, telégrafo, telefone, fax e celulares.

A partir da constatação de que o movimento funda as relações sociais, tendo por base diferentes tipos de mobilidade, apresenta-se a questão da mediação e, nesse caso, o reconhecimento do corpo como instância primeira de mediação no movimento físico. Nesse contexto, o autor ressalta a fragilidade e as características intrínsecas desse corpo que se move em direção ao outro e, mais que significar um movimento corpóreo e discursivo, destacam-se aí as sensações e os sentidos. Sobre esse aspecto, o autor pontua a atuação das tecnologias e de outros objetos na mobilidade desses corpos, funcionando como extensões do corpo humano.

Deste modo, apesar de a presença física ter sido substituída pela presença mediada para a realização de uma série de atividades, há a constatação de que, assim como era no passado, o movimento é necessário para as interações face a face. Portanto, mais que o reconhecimento do movimento, Urry (2007) nos chama a atenção para a existência de determinadas situações

que não prescindem da presença física. Tais situações têm diferentes motivações e envolvem uma grande expectativa em torno da necessidade da presença do outro.

O que podemos perceber é que, no passado, o movimento era mais restrito e mais lento, hoje, o movimento é mais rápido e abarca distâncias maiores. Nesse contexto, podemos dizer que as condições propiciadas tanto pelo desenvolvimento do movimento físico, quanto pelo mediado fazem com que o sujeito contemporâneo passe a ter, cada vez mais, a necessidade de um movimento frequente para empreender suas interações face a face. Temos aí desde o desenvolvimento dos sistemas de transporte, até a fragmentação de empresas pelo território, o que demanda a movimentação de funcionários-chave para a manutenção do negócio.

O quinto aspecto importante, destacado por Urry (2007), relaciona-se ao fato de quanto maior o movimento, bem como a possibilidade de se movimentar, maiores os desafios para controlar e vigiar essa população movente. Daí os crescentes investimentos em mecanismos de vigilância e controle. Sendo assim, questões referentes ao mapeamento e exploração do território e ao controle do movimento são centrais no paradigma da mobilidade.

Outra proposição importante do paradigma refere-se à forma como as ciências sociais tradicionalmente tendem a compreender as relações entre os sujeitos e os objetos, no sentido de o mundo social ser, de certa maneira, analisado independentemente do mundo natural ou das coisas. No caso, o autor aponta a contribuição dos estudos em ciência e tecnologia (STS) ao postularem que a vida social é heterogênea e que parte dessa heterogeneidade é composta

por “objetos materiais (incluindo ‘natureza’ e ‘tecnologias’) que direta ou indiretamente movem ou bloqueiam o movimento de objetos, sujeitos e informações”.⁴⁷ (URRY, 2007, p.50)

A fim de concretizar a virada das ciências sociais para incorporar o mundo dos objetos, é necessário examinar as muitas maneiras em que os objetos e as pessoas são colocados e reagrupados através do espaço-tempo. Os próprios objetos percorrem distâncias, há objetos que permitem às pessoas viajarem formando híbridos complexos, há objetos que movem outros objetos, há objetos que se movem e que seu movimento pode significar que as pessoas não se movem, há objetos e pessoas que se movem juntos, há objetos que podem ser rastros de movimentos passados, e há objetos que possuem valor, levando as pessoas a percorrerem distâncias para ver esses objetos. Assim, as entidades que se combinam para produzir e realizar as práticas sociais são muito heterogêneas. Como se movimentam de forma intermitente, podem resistir ou permitir o movimento de outras entidades com as quais estão estreitamente ou ligeiramente ligadas. (URRY, 2007, p. 50)⁴⁸

A percepção dessa heterogeneidade leva a outra concepção relevante para o paradigma da mobilidade que é o conceito de *affordance*⁴⁹. Esse conceito

⁴⁷ “[...] various materials objects (including ‘nature’ and ‘technologies’) that directly or indirectly move or block the movement of objects, people and information.”

⁴⁸ “In order to concretize the social science turn toward incorporating the object world, it is necessary to examine the many ways in which objects and people are assembled and reassembled through time-space. Objects themselves travel across distance; there are objects that enable people to travel forming complex hybrids, that are objects that move other objects, that are objects that move that may mean that people do not move; that are objects and people that move together; there are objects can be reminder of past movement; and there are objects that possess value that people travel often great distances to see for themselves. So the entities that combine together to produce and perform social practices are highly heterogeneous. As they intermittently move they may resist or afford movement of other entities with which they are tightly or loosely coupled.”

⁴⁹ *Affordance* é um conceito que foi formulado pela primeira vez por James Gibson no livro “Ecological Approach to Visual Perception” (1986). Porém, o conceito tornou-se mais difundido quando Donald Norman o publicou em seu livro “Psychology of Everyday Things” (1988), introduzindo-o ao contexto da Interação Homem-Computador (IHC). No entanto, a conceituação de Norman apresenta importantes divergências em relação à de Gibson. Para o último, *affordance* se refere à possibilidade de ação de determinado ambiente ou objeto disponível ao sujeito independentemente de sua capacidade de percebê-la ou não. Já para Norman, *affordance* é justamente determinado aspecto de design de um objeto (ou característica do ambiente) que já sugere ao sujeito a forma como deve ser utilizado (explorado). Tanto que, nesse contexto, a *affordance* tornou-se uma medida para avaliar a

refere-se à qualidade de um objeto ou de um ambiente que permite ao sujeito realizar determinada ação, ou seja, diz de um conjunto de possibilidades percebidas ou não pelo sujeito que acabam por interferir no seu comportamento em determinados ambientes e situações. Na visão de Urry (2007), o conceito de affordance gera ações de codeterminação e reciprocidade que se baseiam em características biológicas, materiais, sociais e históricas. As “affordances se originam de sua reciprocidade através do movimento sinestésico dos sujeitos dentro seu mundo particular”.⁵⁰ (URRY, 2007, p.50)

Dessa combinação entre sujeitos e objetos, deriva o oitavo aspecto importante para o paradigma da mobilidade que é a relação deles com o espaço/território a partir dos sistemas que realizam sua distribuição. No caso, o autor resgata o fato de o domínio da natureza estar associado à capacidade humana de se movimentar “por fora, por dentro e através da natureza”. E, nesse sentido, pondera que, historicamente, as sociedades poderiam ser caracterizadas, por exemplo, pelo principal sistema de transporte utilizado que, mais que sua representação por si, dizia da maneira como essa mesma sociedade se estruturava economicamente. Na visão de Urry (2007), os sistemas da mobilidade estão em complexa e interdependente relação uns com os outros e com a sociedade na qual se integram.

Desse aspecto citado por Urry (2007), advém outra noção importante que é a percepção das diferenças geradas pelos sistemas da mobilidade relativos a cada sociedade. Há diferenças em relação à quantidade, efetividade e

facilidade de uso de determinada interface. Urry (2007), ao mencionar o termo, o faz em referência a Gibson.

⁵⁰ “Affordances stem from their reciprocity through people's kinaesthetic movement within their particular world.”

qualidade desses sistemas bem como no acesso dos membros de uma sociedade a eles e a forma como se dá esse acesso (mobilidades livres ou forçadas). Tais sistemas geram desigualdades entre lugares e sujeitos, já que uma efetiva participação social está atrelada a múltiplas mobilidades.

A noção de “capital de rede” (*network capital*) - outra característica importante desse paradigma - se coloca nesse contexto. Tendo em vista a maneira como se estruturam os sistemas da mobilidade em diferentes sociedades, Urry (2007) afirma que se pode inferir o valor que a “circulação” ou o “estar em movimento” assumem. Sendo assim, pondera que, apesar de a mobilidade ser um valor contemporâneo, ele não possui igual valoração nas sociedades. E a possibilidade de se ter maior ou menor mobilidade impactará positiva ou negativamente (respectivamente) no “capital de rede” das sociedades que têm na circulação um valor importante.

Outra questão importante é que os sistemas da mobilidade perduram ao longo do tempo. Portanto, há que se pensar na limitação física desses sistemas em termos de ocupação do espaço e também em relação aos sistemas que se seguem, já que precisam encontrar seu lugar ou se adaptar em meio aos que já existem. O autor ressalta ainda que, a cada novo sistema que se apresenta, tem-se a conformação de novos ambientes e práticas sociais.

O aspecto seguinte citado por Urry (2007) diz respeito ao fato de os sistemas da mobilidade se basearem cada vez mais em conhecimentos especializados, tornando seu uso mais complexo. A maioria desses sistemas está estruturada a partir das tecnologias de informação o que leva a interdependência

dos mesmos, ou seja, se um desses sistemas para de funcionar, por exemplo, provavelmente, levará outros sistemas consigo.

Um penúltimo aspecto é que, ao transitarem pelos sistemas da mobilidade, os sujeitos deixam para trás vestígios informacionais que, ao fim, acabam por reconfigurá-los através de traços informacionais dispersos. Nas palavras de Urry (2007), o “*self se faz movente*”. Por último, o autor sinaliza que o paradigma da mobilidade não pode deixar de revelar o fato de que o movimento se dá cada vez mais apoiado em estruturas fixas que acolhem e suportam os fluxos na era da mobilidade. Ou seja, para que haja o movimento, faz-se necessária a existência de uma infraestrutura imóvel, que engloba sujeitos e objetos.

Tendo em mente as características apresentadas por John Urry (2007) para delinear o paradigma da mobilidade, vemos como o movimento, quando problematizado, perpassa por diversos aspectos da sociedade. De uma maneira geral, nas palavras do autor, o paradigma da mobilidade busca “examinar como as relações sociais necessitam de movimentos intermitentes e entrecortados de pessoas, objetos, informações e imagens através de distâncias”.⁵¹ (URRY, 2007, p.54)

Para nosso estudo, o paradigma da mobilidade é importante pelo status que confere ao movimento e, por conseguinte, aos dispositivos e sistemas que o implementam. Dentre os diversos aspectos levantados pela análise proposta por Urry (2007), interessa-nos compreender de que modo se configuram os fluxos

⁵¹ “This paradigm examines how social relations necessitate the intermittent and intersecting movements of people, objects, information and images across distance.” (URRY, 2007, p. 54)

informacionais na era da mobilidade e de que maneira esses fluxos possibilitam e inscrevem novas subjetividades. Sendo assim, tomaremos o paradigma da mobilidade como pano de fundo para analisar e compreender os aspectos relativos ao movimento de pessoas, mensagens, informações, imagens que, por vezes, se sobrepõem, coincidem e convergem através da digitalização dos fluxos de informação.

Pontos principais do Paradigma da Mobilidade (Urry, 2007)	
1. O movimento e as relações sociais	1.1. Proximidade e distância; presença e ausência.
	1.2. Mobilidades organizam a vida social:
	Mobilidade física dos sujeitos e objetos. Mobilidade mediada: sujeitos, objetos e interações a partir de diversos suportes.
	1.3. Movemo-nos para nos encontrar:
	A mobilidade da informação não suprime a necessidade de determinados encontros face a face.
2. Mobilidade e sistemas heterogêneos	2.1. Corpo como mediação primeira do movimento: crescente hibridização do corpo e das tecnologias.
	2.2. Imbricação entre sujeitos e objetos na realização do movimento (heterogeneidade da vida social).
	2.3. Affordance do movimento: deslocamentos possíveis; relação entre sujeitos, objetos e contextos de interação.
	2.4. Sistemas da mobilidade caracterizam a sociedade:
	Diferentes sistemas convivem contemporaneamente.
	Saturação de sistemas; sobreposição de sistemas.
	Sistemas cada vez mais especialistas.
3. Mobilidade poder e política	3.1. Vigilância do movimento: território e poder.
	3.2. "Capital de rede": valor do movimento (liberdade de mover-se ou não).
	3.3. "Self" se faz movente: vestígios informacionais dos sujeitos em movimento.
	3.4. Convivência entre a mobilidade e a imobilidade.

Quadro 4_ Síntese Paradigma da Mobilidade, Urry (2007).

3.3 Mobilidade e globalização

Quando o autor reconhece que o paradigma da mobilidade estabelece relações com teorias desenvolvidas no campo das ciências sociais, nós também enxergamos suas conexões com análises que vêm sendo empregadas no campo da Ciência da Informação (CI), mais especificamente aquelas em torno do fenômeno da globalização.

A área vem tratando as questões vinculadas aos impactos das tecnologias de informação e comunicação na sociedade muito sob o olhar dessas teorias. A partir da constatação de que a digitalização dos fluxos informacionais tenciona as relações espaço x tempo, os estudos dedicados ao tema têm buscado compreender como os sujeitos se posicionam nesse movimento.

O tempo e o espaço constituem-se como noções básicas da existência humana. Segundo Harvey (2008), isso se comprova pelo fato de que, mesmo diante da complexidade dos conceitos, tanto nas ciências sociais e humanas como nas exatas e naturais, não deixamos de ter uma noção comum de tempo e espaço em relação à qual organizamos nossas atividades cotidianas. O tempo e o espaço adquirem significação em relação a práticas e processos materiais que servem à reprodução da vida social. Tais processos e práticas variam geográfica e historicamente, daí a constituição diferenciada dos tempos e espaços sociais.

No campo teórico, Harvey (2008) destaca a tendência observada na teoria social (a partir de autores como Marx, Weber, Adam Smith e Marshall) em se privilegiar a noção de tempo, tomando o espaço como uma categoria

contingente. O foco, segundo o autor, estava nos processos de “mudança social, de modernização e de revolução”.

O progresso é seu objeto teórico, e o tempo histórico, sua dimensão primária. Com efeito, o progresso implica a conquista do espaço, a derrubada de todas as barreiras espaciais e a aniquilação [última] do espaço através do tempo. A redução do espaço a uma categoria contingente está implícita na própria noção de progresso. Como a modernidade trata da experiência do progresso através da modernização, os textos acerca dela tendem a enfatizar a temporalidade, o processo de vir-a-ser, em vez de ser, no espaço e no lugar. (HARVEY, 2008, p. 190)

Para a teoria social o espaço representava a imobilidade, o tempo era todo movimento e vivacidade. Nesse contexto, a teoria estética, analisada por Harvey (2008) a partir da arquitetura, buscou reposicionar o conceito de espaço, tomando a representação como uma forma de “espacialização que congela automaticamente o fluxo da experiência e, ao fazê-lo, destrói o que se esforça por representar” (HARVEY, 2008, p. 191).

Nesse sentido o espaço passa a ser o lugar onde se tenta refrear o movimento avassalador do tempo, onde se busca criar uma presença sólida para se minimizar ou mesmo eliminar os efeitos da passagem do tempo. Nas palavras do autor, “O impulso de desvalorizar o tempo ressurgiu com a vontade do artista de redimir por meio da criação de uma obra forte o bastante para parar o tempo” (HARVEY, 2008, p. 191).

No entanto, o que Harvey (2008) procura destacar é o fato de os conceitos de espaço e tempo originarem-se de práticas materiais tão diversas quanto são as experiências individuais e coletivas. E, ao caracterizar essas experiências, toma o movimento como ponto de partida, nomeando as biografias

individuais de “trilhas de vida no tempo-espaço” que se configuram desde o movimento rotineiro dos sujeitos até aqueles de maior amplitude que, segundo o autor, “alcançam a duração de uma vida.” Porém, mais que promover uma análise descritiva dessas práticas de espaço e tempo, para o autor, é preciso compreender os processos que lhes atribuem sentido com o objetivo de interpretar as situações e relações sociais, econômicas, políticas e culturais.

Nesse aspecto, a atribuição de sentido ao espaço e ao tempo responde a um ordenamento social. Na visão de Harvey (2008) tal perspectiva é alcançada pelas "abordagens sociopsicológicas e fenomenológicas de tempo e do espaço formuladas por Certeau, Bachelard, Bourdieu e Foucault" (HARVEY, 2008, p.196).

Nesse contexto, o autor destaca a interpretação fornecida por Bourdieu para o fato de que a apreensão de papéis sociais se configura por meio de ordenações simbólicas do espaço e do tempo. "A noção do senso comum de que 'há um tempo e um lugar para tudo' é absorvida num conjunto de prescrições que replicam a ordem social ao atribuir sentidos sociais aos espaços e tempos" (HARVEY, 2008, p. 198).

No entanto, a preocupação do autor vai além de como os sujeitos se organizam e se reconhecem em determinadas estruturas espaço-temporais, mas está voltada para "disrupção perpétua" dos ritmos de vida cotidianos, característica da cultura capitalista contemporânea, e seus impactos sobre os sujeitos e suas relações.

No final do século XX e início do século XXI, o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação parece tornar ainda mais complexa a

relação espaço-tempo. Tendo como contraponto a sociedade industrial e o tempo linear, irreversível, mensurável e previsível do “chão de fábrica”, para Castells (2007), o advento da sociedade em rede trouxe consigo a fragmentação da noção de tempo. O que transformaria a experiência da temporalidade em algo da ordem da simultaneidade e da intemporalidade.

No caso, esses dois conceitos são percebidos em relação aos fluxos informacionais que circulam nas redes. A simultaneidade é vivenciada quando compartilhamos, por meio das tecnologias de informação e comunicação, eventos e situações distantes no espaço. Já a intemporalidade diz de uma forma de acesso à informação que não privilegia um mecanismo linear de organização e recuperação de dados, mas se relaciona aos “impulsos do consumidor ou às decisões do produtor”. Assim que, “o tempo intemporal ocorre quando as características de um dado contexto – paradigma informacional e a sociedade em rede – causam confusão sistêmica na ordem sequencial dos fenômenos sucedidos naquele contexto” (CASTELLS, 2007, p. 556).

Para Santos (2008), a percepção acelerada e simultânea do tempo gera alguns lugares comuns como as ideias de aldeia global e de supressão do espaço. No primeiro caso, o autor sugere que, em vez de trabalharmos com a ideia de aldeia, melhor seria lidarmos com o conceito de cidades globais: “cidades interligadas eletronicamente através de uma rede por onde fluem informações diversas.” Já a noção de que o tempo suprime o espaço advém de “uma interpretação delirante do encurtamento das distâncias” (SANTOS, 2008).

De acordo com o autor, resguardando-se as questões referentes às distintas possibilidades de acesso aos novos meios de circulação, mesmo os

indivíduos privilegiados não experimentariam a eliminação do espaço, mas sim a possibilidade de um “novo comando à distância”.

Voltando a Castells (2007), se o tempo intemporal pertence ao espaço de fluxos; o tempo biológico e a sequencialidade que estruturam e caracterizam os lugares em todo o mundo pertencem ao espaço de lugares, local onde o efeito desordenador do tempo, causado pelas tecnologias de informação e comunicação, é percebido e vivenciado.

Já o espaço de fluxos, formando pela unicidade da técnica,

[...] dissolve o tempo desordenando a seqüência dos eventos e tornando-os simultâneos, dessa forma instalando a sociedade na efemeridade eterna. O espaço de lugares múltiplos, espalhados, fragmentados e desconectados exhibe temporalidades diversas, desde o domínio mais primitivo dos ritmos naturais até a estrita tirania do tempo cronológico. Funções e indivíduos selecionados transcendem o tempo, ao passo que atividades depreciadas e pessoas subordinadas suportam a vida enquanto o tempo passa (CASTELLS, 2007, p. 559).

A “densidade” atribuída ao espaço na fala de Castells (2007) encontra ressonância nas palavras de Bauman (1999) ao descrever a relação estabelecida entre o vagabundo e o local que, pelo efeito desordenador das tecnologias e seus espaços de fluxos, se vê esvaziada de sentido. Habitantes do primeiro mundo (turistas) e do segundo mundo (vagabundos), assim são caracterizados os tipos que se configuram em relação à capacidade ou não de se moverem. Os primeiros, de acordo com o autor, vivem no tempo, não importando o espaço. Já os segundos vivem no espaço, “pesado, resistente e intocável”.

[...] em vez de homogeneizar a condição humana, a anulação tecnológica das distâncias temporais/espaciais tende a polarizá-la. Ela emancipa certos seres humanos das restrições territoriais e torna extraterritoriais certos significados gerados de comunidade – ao mesmo tempo que desnuda o

território, no qual outras pessoas continuam sendo confinadas, de seu significado e de sua capacidade de doar identidade. (BAUMAN, 1999, p. 25)

Em sua fala, o autor assinala a liberdade de movimento da elite econômica e política propiciada pela conformação estrutural da globalização. Segundo Bauman (1999) vivemos um processo de “reestratificação mundial – no qual se constrói uma nova hierarquia sociocultural em escala planetária”. Assim que, para ele, a globalização está vinculada à liberdade de movimento, sendo a distância um produto social cuja extensão varia dependendo da velocidade com que pode ser vencida. E, nesse contexto, sinaliza que a possibilidade de ser bem-sucedido no movimento de eliminação das distâncias está dada às elites dos mais ricos e poderosos, que, desde sempre, eram de inclinação mais cosmopolita. Segundo autor,

Com efeito, pouca coisa na experiência atual de vida da elite implica uma diferença entre ‘aqui’ e ‘acolá’, ‘dentro’ e ‘fora’, ‘perto’ e ‘longe’. Com o tempo de comunicação implodindo e encolhendo para a insignificância do instante, o espaço e os delimitadores de espaço deixam de importar, pelo menos para aqueles cujas ações podem se mover na velocidade da mensagem eletrônica (BAUMAN, 1999, p.20).

Continuando sua análise da globalização pelo movimento, ao colocar o desenvolvimento dos meios de transporte como um marco na história moderna, Bauman (1999) destaca o papel seminal dos sistemas de informação que desobrigaram os sujeitos da necessidade de mover seus corpos físicos para fazer circular informações. A informação viaja “independente dos seus produtores físicos – e independente também dos objetos sobre os quais informava: meios

que libertaram os significantes do controle dos significados” (BAUMAN, 1999, p.21).

No entanto, conforme já mencionado, cabe destacar que a diferença da era da mobilidade para a era da informação é a relação entre o movimento físico e o movimento da informação: no caso da primeira um se move com o outro, e pelo outro.

Portanto, se a mobilidade floresce nos dias atuais é porque há um sistema que serve de base para que ela possa se desenvolver. E esse sistema, como bem nos lembra Santos (2008), é forjado pela universalidade técnica que pressupõe uma convergência de momentos e da força motriz da vida econômica e social e tudo isso se impõe ou se faz perceber no espaço.

Ao analisar a globalização também pela perspectiva do movimento, definindo-a como um processo de circulação, Santos (2003) a enxerga como um fenômeno que se estrutura a partir de quatro fatores: a unicidade da técnica, a convergência dos momentos, a cognoscibilidade do planeta e a existência de um motor único (mais-valia globalizada). Vamos nos deter mais atentamente nesses fatores.

Ao falar em unicidade da técnica, Santos (2003, 2008) procurou deixar claro que não estava se referindo à existência de uma única técnica, mas, sim, destacava a capacidade que as técnicas atuais, em especial, as técnicas de informação têm de se universalizar. Segundo o autor,

No começo da história social do planeta, havia tantos sistemas técnicos quantos eram os lugares e os grupos humanos. Estes, servidos apenas pela técnica do corpo, carentes de mobilidade, eram dependentes de áreas geográficas restritas, onde os recursos de sua inteligência e os recursos

naturais combinados permitiam a emergência de modos de fazer dependentes do entorno imediato. (SANTOS, 2008, p.189-190)

Na visão de Santos, os sistemas técnicos começam a sofrer uma redução na medida em que se dava o encontro de culturas distintas e com ele os processos de “fusão, supressão e integração de técnicas”. O ápice desse processo seria precipitado pelo final da Segunda Guerra Mundial, com o fim dos impérios e o surgimento dos Estados nacionais, dos organismos supranacionais e a entrada em cena da informação e do consumo como denominador comum universal (SANTOS, 2008).

Nesse sentido, na visão do autor, o movimento de unificação da técnica tem relação direta com a evolução do capitalismo na medida em que este último deve se servir de um sistema único, hegemônico e integrado. Sendo assim, as técnicas atuais de informação - cibernética, informática, eletrônica - têm um papel importante, pois asseguram esse comércio, agindo de forma determinante sobre o uso do tempo e permitindo a convergência dos momentos, a simultaneidade das ações e a aceleração dos processos (velocidade).

Nesse sentido, o segundo fator citado por Santos (2003, 2008), a convergência de momentos vividos, dá-se pela possibilidade que se tem hoje em dia de acompanhar o acontecer do outro e assim perceber a simultaneidade dos acontecimentos.

Há quem prefira dizer que o tempo se unifica, mas não é disso que se trata. O que realmente se dá, nestes nossos dias, é a possibilidade de conhecer instantaneamente eventos longínquos e, assim, a possibilidade de perceber a sua simultaneidade. O evento é uma manifestação corpórea do tempo histórico, algo como se a flecha do tempo apontasse e pousasse num ponto

dado da superfície da terra, povoando-o com um novo acontecer. Quando, no mesmo instante, outro ponto é atingido e podemos conhecer o acontecer que ali se instalou, então estamos presenciando uma convergência dos momentos e sua unicidade se estabelece através das técnicas atuais de comunicação (SANTOS, 2008, p. 196).

O autor procura destacar que não se trata de uma homogeneização de momentos, mas, sim, de certa unicidade existente entre eles, já que passam a estar unidos por uma lógica semelhante. Outro aspecto que Santos (2008) busca ressaltar é que, por vezes, a noção de tempos convergentes leva à ideia de uma eliminação do espaço, no entanto, na sua visão, o espaço torna-se cada vez mais denso e o que há é um novo domínio das relações de proximidade e distância.

A convergência dos momentos, dada pela conexão existente entre os diversos pontos da rede, leva-nos ao terceiro fator levantado por Santos (2003, 2008), a cognoscibilidade do planeta. O processo de tornar conhecido cada ponto do globo através de um fluxo informacional praticamente instantâneo é retratado no texto de Santos (2003, 2008) pela ação dos satélites - que trabalhariam a serviço das grandes potências mundiais e seus centros de segurança - e também a partir de fotógrafos e cinegrafistas que, segundo ele, interpretariam os acontecimentos ao seu modo e os retransmitiriam pelo mundo.

Atualmente, esses atores continuam em ação, porém os satélites hoje podem ser acessados pela sociedade civil via aplicativos disponíveis na rede, como o Google Earth, e os fotógrafos e cinegrafistas se tornaram tão numerosos quanto os aparelhos celulares em funcionamento, já que a possibilidade de registro dos momentos vividos e sua disseminação em rede integram o modo de vida dos sujeitos contemporâneos.

Para Santos (2003), a possibilidade de se conhecer o planeta extensivamente e profundamente é usada pelas empresas na busca da mais-valia desejada, valorizando diferentemente cada lugar. A cognoscibilidade do planeta é um dado essencial para a operação dessas empresas.

Tal afirmação está presente na fala dos participantes das entrevistas em profundidade (Ver capítulo Narrativas da mobilidade) que tem na mobilidade uma demanda inerente de sua atuação profissional. Diante da possibilidade de fazer trafegar informações e interagir, em alguns casos, instantaneamente, torna-se possível e viável às empresas distribuir suas operações e seus funcionários pelo planeta em busca das melhores oportunidades para seus negócios.

Sob esse aspecto, o surgimento de uma mais-valia mundial, segundo Santos (2008), é representativo da existência de um motor único da vida econômica e social. Como a produção se dá em escala mundial, por intermédio das empresas mundiais, vale a regra de que quem é mais forte, sobrevive. Hoje, o motor único se tornou possível porque há um novo patamar de mundialização do produto, do dinheiro, do consumo, do crédito.

A interligação financeira entre as empresas e a capacidade que tem o capital de fluir por essas redes faz com que o mundo pareça caminhar para a homogeneização: uma vocação, um padrão único. A atual competitividade entre as empresas leva à busca por inovações seja nos processos, seja nos produtos, tudo isso visando ao aumento dos lucros.

A partir dos elementos apresentados por Santos (2003, 2008), podemos perceber claramente o papel determinante das tecnologias de informação e comunicação na implementação, dinamização, estruturação e

coordenação dos fluxos na era da mobilidade e, principalmente, a força do capital impulsionando esse movimento.

A conformação da estrutura técnica por onde circulam os fluxos informacionais é uma necessidade da nova “economia global /informacional” que se organiza a partir de “centros de controle e comando capazes de coordenar, inovar e gerenciar as atividades interligadas das redes de empresas” (CASTELLS, 2007). A exigência de fluidez demandada pelo mundo atual se dá pela digitalização, com a consequente criação de um espaço de fluxos que permite a circulação, ainda que de forma assimétrica, de mensagens, produtos e capital financeiro na sociedade.

Castells (2007) define o espaço de fluxos como a expressão material da sociedade da informação.

O espaço de fluxos é a organização material das práticas sociais de tempo compartilhado que funcionam por meio de fluxos. Por fluxos, entendo as seqüências intencionais, repetitivas e programáveis de intercâmbio e interação entre posições fisicamente desarticuladas, mantidas por atores sociais nas estruturas econômica, política e simbólica da sociedade (CASTELLS, 2007, p. 501).

Para o autor, esse espaço seria composto por, pelo menos, três camadas:

- 1) A primeira delas é constituída pelos “circuitos de impulsos eletrônicos”. É a malha tecnológica que promove a interação entre sistemas de informação e comunicação, e por onde circulam os fluxos informacionais.

2) A segunda camada é formada pelos “nós (centros de importantes funções estratégicas) e centros de comunicação”. Esses lugares são a conexão do local com a rede, e são também os espaços onde se dá a manifestação específica desses fluxos, tendo por base características sociais, culturais, físicas e funcionais.

3) A terceira camada refere-se à “organização espacial das elites gerenciais dominantes”. Essa camada ocupa posição privilegiada, que lhe permite coordenar os fluxos que circulam nas redes.

O espaço de fluxos tem influência direta sobre o tempo, agindo de forma desordenadora na sequência dos eventos. A instantaneidade da informação permite que os sujeitos experimentem os acontecimentos sociais e as expressões culturais em uma simultaneidade sem precedentes. Portanto, na sociedade da informação, a relação espaço-tempo é uma relação conflituosa. Na medida em que o espaço de fluxos promove uma temporalidade simultânea, esta tenta se impor sobre temporalidades específicas, que constituem o espaço de lugares.

E na era da mobilidade? Que novos significados adquirem as relações de espaço-tempo?

A presença ubíqua das tecnologias móveis de comunicação e informação, no local, ainda que de maneira não-uniforme, conduz os sujeitos a perceberem o espaço de fluxos e os espaços de lugares com suas temporalidades específicas. Isso porque essas tecnologias, sejam elas móveis ou não, são o suporte material dessa estrutura que promove a circulação de fluxos informacionais sob as mais diversas manifestações. Os fluxos são a expressão

dos processos que dominam nossa vida política, econômica e simbólica (CASTELLS, 2007).

Sendo assim, as tecnologias de mobilidade transformam nossa experiência com o espaço contribuindo para a formação de espaços híbridos, ou territórios informacionais. Tais termos, apresentados por diferentes autores, tratam de caracterizar a relação que se estabelece entre as tecnologias de mobilidade, o espaço de fluxos e o espaço de lugares.

Souza e Silva (2004a) define o espaço híbrido em relação às tecnologias portáteis, já Lemos (2007) caracteriza o território informacional em relação à mobilidade dos fluxos informacionais, seja através de dispositivos portáteis, seja através de pontos de contato no espaço físico.

Trata-se então de uma nova forma de mobilidade: a mobilidade por fluxos de informação, por territórios informacionais, que altera e modifica a mobilidade pelos espaços físicos da cidade, como a possibilidade de acesso, produção e circulação de informação em tempo real. Por exemplo, o uso de celulares e sistemas de localização pode mudar a prática do uso do transporte urbano. Com um telefone celular, o usuário pode se informar, em tempo real, sobre o horário da passagem de um ônibus, podendo alterar a forma de «espera», e criar novas dinâmicas de movimento no espaço físico ao redor dessa atividade social. Assim, mobilidades informacionais criam gestões fluidas do tempo e, conseqüentemente, do espaço. Não há descolamento entre os espaços e as correlatas mobilidades, mas a intersecção entre espaço eletrônico e espaço físico, criando os territórios informacionais (LEMOS, 2007, p. 130).

Para nossa discussão, interessa-nos destacar que esse espaço híbrido, constituído pela mescla do espaço real com o espaço virtual, a partir das tecnologias nômades, com seu fluxo incessante de sujeitos, informações e

interações, se transforma num campo rico para análise das manifestações da cultura da mobilidade.

Assim, tendo em vista as noções e os conceitos apresentados, sintetizamos os principais pontos discutidos no quadro a seguir.

Elementos constituintes da mobilidade contemporânea		
Caracterização dos sujeitos da mobilidade:	Rich North: O impulso inicial para o movimento desses sujeitos é o trabalho, que os leva a estar em diferentes lugares ao longo de sua jornada produtiva. Adotam padrões e práticas de vida mais fluidos (Elliot e Urry, 2010).	Turistas e vagabundos: habitam mundos diferentes e têm mobilidades distintas. Para os primeiros, o movimento é uma opção. Para os outros, o movimento é compulsório (quando muito não lhes é autorizado mover-se).
Características do movimento: Nomadismo	Desejo ancestral que, atualmente, se manifesta a partir de diferentes tipos de mobilidade. Segundo o autor, a errância foi domesticada sob o termo mobilidade, pois atende às demandas da sociedade contemporânea e suas exigências de fluidez (Maffesoli, 2001).	Outras características do nomadismo que se relacionam à ideia de mobilidade atual, Meyrowitz (2004): <ul style="list-style-type: none"> • a dificuldade em nos mantermos distantes uns dos outros; • o acesso irrestrito à informação; • a constante imbricação entre a vida pública e a privada; • conformação fluida da identidade.
Forças que impulsionam o movimento	A busca por identificação hoje é comparada por Bauman (2008) ao movimento dos errantes: “a questão não é como chegar lá, mas aonde eu poderia ir!” O movimento é também impulsionado pelo desejo de consumo: estamos sempre em busca de alguma coisa.	
Conexões entre o paradigma da mobilidade e os estudos sobre globalização		
Harvey (2008) - A preocupação do autor vai além de como os sujeitos se organizam e se reconhecem em determinadas estruturas espaço-temporais, mas está voltada para "disrupção perpétua" dos ritmos de vida cotidianos, característica da cultura capitalista contemporânea.	Castells (2007) - Tecnologias complexificam a relação de espaço-tempo. Sociedade em rede traz a fragmentação do tempo: experiência temporal torna-se da ordem da simultaneidade e da intemporalidade. Conformação do espaço de fluxos.	Santos (2006, 2008) - A noção de tempos convergentes leva à ideia de uma eliminação do espaço, no entanto, na sua visão, o espaço torna-se cada vez mais denso e o que há é um novo domínio das relações de proximidade e distância.
Globalização define-se por processos de circulação (Santos, 2008)		
		
Mobilidade por fluxos informacionais refere-se a sistemas que se configuram a partir das tecnologias de informação e comunicação. Tais sistemas promovem o encontro dos sujeitos que compartilham entre si informações diversificadas.		

Quadro 5_Elementos constituintes da mobilidade contemporânea.

A partir do quadro apresentado, podemos dizer que a relação entre globalização e mobilidade está vinculada principalmente à aceleração dos fluxos de pessoas, informações e capital. Nesse aspecto, os dispositivos móveis ganham destaque pelo fato de potencializarem essa circulação já que não é mais preciso ficar parado em um lugar para interagir além das distâncias. Na verdade, não há porquê parar: acessamos, produzimos e disseminamos informação em movimento. Cabe, então, apresentar e analisar as noções e os conceitos que buscam compreender como processos informacionais e interacionais se efetivam nos contextos da mobilidade.

4 INFORMAÇÃO, INTERAÇÃO E MOBILIDADE

Como uma evolução do estado de permanente conexão em que se encontram os sujeitos na contemporaneidade, as mídias móveis vêm se tornando um dos principais mediadores do estar em rede, associando-se a elas a ideia de interatividade. Porém, a noção de interatividade presente nas relações mediadas pelas tecnologias móveis apresenta diferenças em relação a outras mídias digitais. No caso, autores como Pellegrino (2007) destacam que a ubiquidade seria uma característica distintiva das interações em dispositivos móveis. Porém, a própria noção de ubiquidade, quando associada à ideia de interação, adquire novos significados.

A própria disponibilidade tecnológica acaba provocando alterações significativas nas formas de interação social. A questão não é nem avaliar essas mudanças em relação a aspectos positivos ou negativos, mas, sim, constatar que o uso desses dispositivos acaba por configurar novas formas de se “estar junto”.

Sob esse aspecto, acreditamos que o conceito de informação precise ser entendido para além da noção que o vincula à ação “comunicar algo a alguém”⁵², assumindo uma dimensão relacional. Portanto, para Maffesoli (2004),

⁵² Quando se examina a história da palavra informação, percebe-se que sua trajetória realmente aponta para uma perspectiva específica na qual o conceito de comunicação do conhecimento foi definido. Segundo Capurro (2003), tal perspectiva inclui características como novidade e relevância. Isto é, refere-se aos processos de transformação do conhecimento e particularmente à seleção e à interpretação dentro de um contexto específico. Ao resgatar as origens (latina e grega) do termo informação, procedendo-se a uma análise etimológica da palavra, chega-se a duas dimensões dadas ao termo: uma tangível e outra intangível. Na primeira, o prefixo “in” vincula-se à ideia de dar forma a algo. Já na dimensão intangível ou espiritual, “informar” assume significados morais e pedagógicos. (CAPURRO; HJORLAND, 2003) Na passagem da Idade Média para a Modernidade, houve uma transição no uso do conceito de informação: de “dar forma a uma matéria” para “comunicar algo a alguém”. Isso, como dito anteriormente, coloca o conceito de informação intimamente ligado às concepções de conhecimento. (CAPURRO; HJORLAND, 2003)

a informação, assemelhando-se à comunicação, diria de uma forma de estar no mundo: aquela nos coloca sempre em relação ao outro.

Comunicação e informação são etiquetas em voga. Ambas expressam conteúdos importantes da época atual. Caso se dê à palavra informação o seu verdadeiro sentido etimológico - dar forma – não haveria diferença entre informação e comunicação. Informar significa ser formado por. Trata-se da forma que forma, a forma formante. Quer dizer que numa era da informação, talvez a de hoje, não se pensa por si mesmo, mas se é pensado, formado, inserido numa comunidade de destino. Vale repetir: a forma é formante. A informação também liga, une, junta (MAFFESOLI, 2004, p. 21).

A última frase do autor nos interessa especialmente pelo fato de trazer à superfície a dimensão relacional da informação que diz da capacidade desta em “estabelecer comunhão e partilha de algo entre indivíduos e grupos.” (Maffesoli, 2004, p. 22)

Levanta-se, então, uma questão importante relativa à capacidade de universalização da informação e à característica dos fluxos informacionais que transitam pelas redes móveis. Para o autor, ainda que a informação seja apropriada e instrumentalizada temporariamente para que com isso se busque constituir uma informação global, que alcance todos ao mesmo tempo, o que realmente importa é a partilha cotidiana de sentido que se efetiva em um microcosmo. Assim,

Por mais que isso horrorize os críticos politicamente corretos, as pessoas não querem só informação na mídia, mas também e fundamentalmente ver-se, ouvir-se, participar, contar o próprio cotidiano para si mesmas e para aqueles com quem convivem. A informação serve de cimento social. Mais do que saber se Bush vai ou não invadir o Iraque, um leitor, um ouvinte, um telespectador distante da área desse conflito quer saber, com frequência, de coisas muito menos sérias, mas não menos importantes para a coesão

social. [...] A sociedade da informação, portanto, pode até fazer crer que o mais importante são os seus jornais, televisões e rádios, mas no fundo o que conta é a partilha cotidiana e segmentada de emoções e de pequenos acontecimentos. (Maffesoli, 2004, p. 23-4)

No caso, o próprio acesso à informação veiculada em dispositivos diversos pode atuar como um motivo para estar com o outro, indicando um assunto, um tema, criando o laço social. Como nos adverte Maffesoli (2004), é preciso suspeitar das categorias que associam a comunicação/informação a uma “visão iluminista, progressista, linear, pedagógica e simplesmente utilitária.”

Nesse sentido, com o intuito de analisar e compreender as novas características assumidas pelas interações que se configuram nos ambientes móveis e em rede, precisamos antes reconstruir o percurso da noção de interatividade nos estudos informacionais e comunicacionais.

4.1 Deslocamento do receptor

A interatividade pode ser discutida a partir de diferentes perspectivas. Um ponto de partida escolhido para nosso estudo é o dos estudos sobre recepção. Durante algum tempo, as pesquisas e os estudos desenvolvidos no campo da comunicação e da informação analisavam os processos comunicacionais a partir de uma compartimentação de seus elementos constitutivos, a saber: “produtores, textos e receptores – e momentos – produção, circulação e recepção/consumo” (ESCOSTEGUY, 2007). Todos esses elementos,

que integram o processo em sua totalidade, eram estudados parcialmente, gerando uma visão fragmentada e também reducionista do fenômeno.

A Teoria da Informação, desenvolvida no campo da cibernética, na década de 50, teve forte influência nos estudos sobre comunicação e informação. Sob essa perspectiva, as trocas infocomunicacionais eram percebidas como transferência de mensagens de um emissor, situado numa ponta, a um receptor, localizado em outra. A preocupação fundamental girava em torno da otimização na transmissão das mensagens (ou sinais), através da eliminação dos ruídos provocados pelo canal (sistema) em que transitava aquela informação.

No campo da Ciência da Informação (CI), a Teoria da Informação influenciou estudos que demonstravam uma forte preocupação com a materialidade da informação - o suporte - e não com o processo informacional, ou seja, o contexto de produção e recepção das informações, os interlocutores e seu mundo experiencial e subjetivo. Durante muito tempo, os profissionais da área detiveram-se em pesquisas sobre a recuperação da informação, fortemente influenciados por tais colocações teóricas.

De acordo com Capurro (2003), a Teoria da Informação pode ser lida como uma teoria do sinal ou da mensagem. Seu modelo de comunicação inclui: uma fonte, um codificador, uma mensagem, um canal, um decodificador e um receptor. A informação, nesse contexto, é entendida como as opções de escolha que o emissor tem diante de si. Essa forma de análise comporia o que Capurro denominou por paradigma físico:

Em essência esse paradigma postula que há algo, um objeto físico, que um emissor transmite a um receptor. Curiosamente a teoria de Shannon não

denomina esse objeto como informação ("information"), mas como mensagem ("message"), ou, mais precisamente, como signos ("signals") que deveriam ser em princípio reconhecidos univocamente pelo receptor sob certas condições ideais [...]. Essa teoria, tomada como modelo na ciência da informação, implica numa analogia entre a veiculação física de um sinal e a transmissão de uma mensagem, cujos aspectos semânticos e pragmáticos intimamente relacionados ao uso diário do termo informação são explicitamente descartados por Shannon (CAPURRO, 2003).

A Teoria da Informação, abordada tanto sob a perspectiva dos estudos comunicacionais quanto sob a dos estudos desenvolvidos na Ciência da Informação, supunha um movimento unidirecional da mensagem, negligenciando a capacidade participativa e interpretativa do receptor, cabendo apenas ao sistema a “responsabilidade” pelo sucesso ou fracasso na recuperação e transmissão da informação. Fica claro que a adoção de tal perspectiva se apresenta problemática por simplificar o processo, apresentando-o como um esquema linear e mecânico e operando uma clara eliminação do contexto sócio-histórico e cultural onde ele se insere.

Nesse sentido, a unilateralidade do percurso infocomunicacional apresenta-se como uma noção contrária ao conceito mais difundido de interatividade: aquele que a vê como um processo no qual o fluxo da comunicação se dá em duas direções (bidirecional), neste caso, do emissor para o receptor e vice-versa. Podendo ser que um sujeito atue mais que o outro no processo de construção da mensagem.

Tratando especificamente dos estudos de recepção, vê-se que a ideia do fluxo unidirecional se reflete na associação do receptor à ideia de passividade. O próprio termo é facilitador dessa visão. Conforme destaca Sousa,

[...] qualquer nova compreensão sobre o lugar do receptor em comunicação esbarra, desde logo, nos limites semânticos do próprio termo, como também nos pressupostos teóricos e sócio-contextuais de quando e onde foi introduzido. (SOUSA, 1995, p. 13)

O autor ainda chama a atenção para a limitação temática dos estudos e pesquisas sobre recepção, que, segundo ele, estavam restritos a estudos de audiência, de opinião pública e de consumo. Foi somente a partir da década de 80, que as análises em torno da recepção sofreram alterações. Para além do determinismo entre emissores e receptores e da relação de poder aí colocada, o espaço da recepção passa a ser visto também como um espaço de produção cultural, não só de consumo de produtos massificados e/ou supérfluos.

Porém, essa nova forma de se perceber a recepção levou a análises que davam ao receptor total e irrestrita autonomia no processo de significação da mensagem, conduzindo os estudos e pesquisas a outro extremo.

[...] o processo de recepção é um processo de interação; na expressão dos italianos, é um processo de negociação de sentido. Não há comunicação se cada um ler no jornal o que lhe der na cabeça. Dão-se outras coisas: neuroses, histerias, mas não um processo de comunicação. Nesse ponto, não podemos cair em extremos (MARTÍN-BARBERO, 1995, p. 57).

Um texto (termo aqui adotado em sentido amplo) não conhece seu receptor apenas no momento em que é disseminado. A recepção se faz presente na esfera da produção, na medida em que o emissor constrói sua noção de receptor. Fausto Neto (1995) nos fala dos contratos de leitura, conjunto de regras e de instruções construído pelo campo emissor para ser seguido pelo campo

receptor. Sendo assim, o leitor realiza “percursos” no texto, baseados nos seus próprios saberes e na estrutura apresentada pelo texto em si.

A ideia de autonomia na produção de sentido pelo receptor ganhou força com o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação, mais especificamente com as hipermídias. No contexto hipermidiático, o texto se apresentava em estado latente, cabendo ao receptor reordenar suas estruturas, gerando composições diversas, de acordo com os caminhos percorridos.

Porém, essa intervenção do receptor se dava dentro de um leque de possibilidades já pensadas pelo criador. Ainda que, ao final, o produto se apresentasse de forma distinta, conforme cada navegação efetivada pelo receptor, ainda se constituía na obra do autor “pois ele havia proposto algumas possibilidades já racionalmente organizadas, orientadas e dotadas de exigências orgânicas de desenvolvimento” (ECO, 1988, p. 62).

Portanto, a noção de interatividade presente nas mídias digitais e em outros meios eletrônicos vinculava-se mais a uma mudança de atitude em relação ao produto informacional/comunicacional. Se antes, não havia a possibilidade de o receptor interferir na materialidade disseminada, com as novas tecnologias, a interação salta do campo da interpretação para também deixar suas marcas no produto final. Contudo, apesar de as novas obras demandarem a ação do receptor para se atualizarem, não deixavam de ser “obras do autor”.

Porém, nos últimos anos, houve uma mudança no que se refere principalmente a essa delimitação entre emissores e receptores. Na era da mobilidade e da conectividade, o desenvolvimento das tecnologias digitais, que combinou um melhoramento da interface, em termos de usabilidade e

funcionalidades, com a ampliação das possibilidades de conexão com ambientes informacionais, fez com que os fluxos de interação se tornassem menos desiguais ao transitar entre os sujeitos, tornando esvaecida a própria linha divisória existente entre as categorias de emissor/autor/produzidor e receptor/leitor/consumidor.

Nesse sentido, podemos falar num deslocamento do receptor (MANTOVANI, 2008), que, diante da diversidade de mídias que permitem a produção, hospedagem, disseminação e recepção de conteúdos nos mais variados formatos, passa a ocupar o espaço da emissão, produzindo e disseminando o seu próprio conteúdo. No entanto, ele não perde a distinção do lugar de onde fala. Essa sua origem, justamente, torna-se um elemento que confere qualidade e credibilidade ao que esse sujeito produz.

Chamados de *digital natives*, essa nova geração de consumidores é composta, em sua maioria, por jovens que veem a produção de conteúdo pelo consumidor (*user-generated content*) como imbuída de uma ética mais sólida do que aquela produção que tem origem nos meios tradicionais de comunicação e informação.

Cerca de 32% dessa turma confia plenamente no que está sendo postado por outra pessoa, individualmente – tanto em blogs quanto em sites de compartilhamento. Sejam indicações culturais, informações objetivas ou relatos de experiências. A confiança no que está sendo dito pela mídia é bem menor (HOINEFF, 2007).

Especialistas apontam que esse grupo prefere produzir seu próprio conteúdo, com a ajuda de mídias descentralizadas como os blogs, os podcasts, os distribuidores de vídeos e até mesmo os SMS disparados dos celulares, ou

acessar conteúdos produzidos por sujeitos inseridos em sua rede de relacionamentos, a limitar-se ao que a grande mídia tem a oferecer.

Dentro dessa ecologia midiática complexa e diversa que compõe a paisagem informacional contemporânea, destacamos as interações que se configuram no contexto dos dispositivos móveis. No que concerne a essas interações, numa primeira análise, podemos dizer que há uma combinação entre interações face a face e interações “sociais mediatizadas” (Braga, 2001). Na primeira, conforme salienta Pellegrino (2007), a interação baseia-se na copresença, no contexto compartilhado e num amplo conjunto de formas simbólicas compartilhadas. Já as interações “sociais mediatizadas”, diferentemente das primeiras, caracterizam-se pela existência de uma “produção objetivada e durável, que viabiliza uma comunicação diferida no tempo e no espaço, e permite a ampliação numérica e a diversificação dos interlocutores” (BRAGA, 2001, p. 119). Tal conceituação leva o autor a propor um modelo de interatividade diferido/difuso, que tem como ponto de partida a constatação de que grande parte das “falas” e “conversas” na sociedade acontece em tempos e espaços distintos.

Porém, as interações mediadas pelos dispositivos móveis, em particular os telefones celulares, demandam uma reflexão acerca da necessidade de reciprocidade nas interações. Apesar de o modelo de interatividade diferido também se fazer presente nas interações via celular (mensagens de texto, e-mails, e aplicativos de redes sociais), este meio pede sincronidade, disposição imediata para interagir. Portanto, as formas de se lidar com a informação veiculada nesses dispositivos e as interações sociais se alteram diante do acesso

rápido e especializado permitido por esse suporte. E principalmente pelo fato de tais dispositivos engendrarem em seu uso o sonho da **ubiquidade**.

4.2 Da participação à ubiquidade

De acordo com Pellegrino,

o conceito de ubiquidade evoca um desejo tão antigo quanto a humanidade, que significa superar as barreiras espaciais e temporais para alcançar o dom divino da onipresença: “estar em qualquer lugar a qualquer hora” em oposição aos constrangimentos do *hic et nunc* das interações face a face ⁵³ (PELLEGRINO, p. 60, 2007).

Autores como Katz e Aakhus (2002), também comparam essa capacidade de se efetivarem conversações em tempo real com os dons divinos e destacam que tal feito é tão extraordinário que nem sempre os deuses eram dotados de tal poder, haja vista Mercúrio, o deus da comunicação, mensageiro e portador das ordens de Zeus.

Contemporaneamente, a ubiquidade pode ser alcançada pelo estado de conexão generalizada vivenciado por aqueles que possuem dispositivos móveis. A associação da conectividade ao conceito de ubiquidade foi realizada anteriormente por Souza e Silva (2004a). No caso, a autora tomava o conceito de ubiquidade para caracterizar a alta conectividade propiciada por tais dispositivos. No entanto, demonstrava preocupação em não associar, tão diretamente, a

⁵³ “The concept of ubiquity evokes a desire as ancient as humanness, that means overcoming spatial and temporal barriers so to reach the divine gift of omnipresence: ‘being anywhere anytime’ as opposed to the *hic et nunc* constraints of face-to-face interaction.”

mobilidade à ideia de ubiquidade, pois, sob o ponto de vista tecnológico, a ubiquidade implicaria alta capacidade de comunicação, sem que esta devesse ser, necessariamente, promovida pelas tecnologias móveis. Porém, ela reconhece que essas tecnologias podem proporcionar maior ubiquidade do que as tecnologias “com fio”.

(a interação ubíqua) gera micro-práticas ambivalentes de apropriação, especialmente com referência a padrões de micro-coordenação em tempo, espaço e contextos. Eventualmente, ela cumpre o potencial de virtualidade, tornando a relação entre a conectividade e interação mais direta⁵⁴ (PELLEGRINO, 2007, p. 68).

A capacidade que as tecnologias móveis têm de se tornarem ubíquas apóia-se não somente na questão da conectividade, mas também em algumas características de interface e hardware que contribuíram para a alta penetração desses dispositivos. Um dos aspectos a ser destacado se refere às modificações em sua aparência externa, que tinham por objetivo tornar as tecnologias móveis, principalmente os celulares, mais adaptadas ao corpo dos sujeitos. Ou seja, são dispositivos confeccionados para acompanhar as pessoas sem demandarem maiores esforços para seu uso e manutenção. Dessa forma, Souza e Silva (2004a) sugere que podem ser comparados aos *wearable computers* (computadores vestíveis).

De acordo com Mann (1998),

Um wearable computer é um computador incorporado ao espaço pessoal do usuário, controlado por ele, com constância operacional e interacional, isto é,

⁵⁴ "it generates ambivalent micropractices of appropriation, especially with reference to patterns of microcoordination across time, space and contexts. Eventually, it fulfills the potential of virtuality, making the relationship between connectivity and interaction more direct."

sempre ligado, sempre acessível. Mais notadamente, é um equipamento que está sempre com o usuário, no qual ele pode dar entrada e executar uma série de comandos, podendo executar tais ações em movimento ou enquanto realiza outras atividades. O aspecto que mais chama atenção nos computadores, em geral, (sendo eles vestíveis ou não) é sua capacidade de reconfiguração e generalidade, ou seja, que suas funções podem ser executadas de forma variada, dependendo das instruções dadas para a execução do programa. Tal fato não é uma exceção para os computadores vestíveis, ou seja, esses computadores são mais que relógios de pulso, ou óculos: eles têm todas as funcionalidades de um sistema de computação, mas, além disso, eles estão inextricavelmente entrelaçados com aquele que o utiliza. Isso é o que os diferencia de outros aparatos vestíveis como, os relógios de pulso, os óculos, o walkman, etc ⁵⁵ (MANN, 1998).

Assim como os óculos e as roupas fazem parte dos sujeitos, os computadores vestíveis também devem ser incorporados como a indumentária e os acessórios e, assim, interagirem com os usuários a partir do contexto em que se inserem. A intenção é adaptar a tecnologia ao corpo dos sujeitos.

No caso dos telefones celulares, que cada vez mais incorporam as funcionalidades de um sistema computacional, podemos dizer que a sua capacidade de ser vestível está diretamente ligada à portabilidade. Apesar de algumas iniciativas inovadoras já estarem sendo pensadas e projetadas - como o

⁵⁵ "A wearable computer is a computer that is subsumed into the personal space of the user, controlled by the user, and has both operational and interactional constancy, i.e. is always on and always accessible. Most notably, it is a device that is always with the user, and into which the user can always enter commands and execute a set of such entered commands, and in which the user can do so while walking around or doing other activities. The most salient aspect of computers, in general, (whether wearable or not) is their {\em reconfigurability} and their {\em generality}, e.g. that their function can be made to vary widely, depending on the instructions provided for program execution. With the wearable computer (WearComp), this is no exception, e.g. the wearable computer is more than just a wristwatch or regular eyeglasses: it has the full functionality of a computer system but in addition to being a fully featured computer, it is also inextricably intertwined with the wearer. This is what sets the wearable computer apart from other wearable devices such as wristwatches, regular eyeglasses, wearable radios, etc." Definição de *Wearable Computer* obtida no discurso de Steve Mann's intitulado "Wearable computing as means for personal empowerment" apresentado na International Conference on Wearable Computing ICWC-98, Fairfax VA, em maio de 1998.

celular-conceito Morph da Nokia, apresentado numa exibição de arte e tecnologia feita no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque, em 2008, que pode ser usado até como bracelete - o que criamos, efetivamente, foram roupas e acessórios com espaços especialmente projetados para carregar nossos celulares.



Figura 1_Nokia Morph.

Esse entrelaçamento com o nosso corpo também pode ser caracterizado pela necessidade que temos desses dispositivos, percebida, principalmente, quando saímos sem eles.

Você nunca perde de vista o seu celular. Sua roupa de jogging tem um bolso especial para ele, e você nunca sai com aquele bolso vazio, da mesma forma que não vai correr sem seu tênis. Na verdade, você não iria a nenhum lugar sem o celular ('nenhum lugar' é, afinal, o espaço sem um celular, com um celular fora de área ou sem bateria). Estando com seu

celular, você nunca está fora ou longe. Encontra-se sempre dentro – mas jamais trancado em um lugar. Encasulado numa teia de chamadas e mensagens, você está invulnerável. As pessoas ao seu redor não podem rejeitá-lo e, mesmo que tentassem, nada do que realmente importa iria mudar (BAUMAN, 2004, p. 78).

A ideia dos computadores vestíveis está intimamente vinculada ao conceito de computação ubíqua, cunhado por Mark Weiser em 1988. Na época Weiser trabalhava no laboratório de Ciência da Computação da Xerox PARC, e a noção por ele delineada buscava ressaltar que a computação ubíqua extrapolava a dimensão dos dispositivos, dizendo mais de um ambiente permeado pelas tecnologias invisíveis. Para Weiser (1994), uma boa ferramenta seria aquela que não demandasse do usuário uma atenção constante, no sentido de que ele se concentraria mais na tarefa ou atividade possibilitada pela tecnologia e menos na ferramenta /interface através da qual realiza determinada atividade. No seu texto, “O mundo não é um desktop”⁵⁶, Weiser lamenta o fato de que, ao se pensar na interação mediada por computadores, grande parte das melhorias propostas se distancia do conceito de invisibilidade, tendendo quase sempre a tornar os dispositivos o centro da atenção. Sua definição de computação ubíqua postula que:

A computação ubíqua não é a realidade virtual, não é um Personal Digital Assistant (PDA), tal como o Newton, da Apple, não é um computador pessoal com agentes⁵⁷ para executar determinadas ações. Ao contrário da realidade virtual, a computação ubíqua esforça-se em integrar os displays

⁵⁶ WEISER, Mark. The world is not a desktop. *Interactions*; janeiro 1994; pp. 7-8. Disponível em <http://www.ubiq.com/hypertext/weiser/WeiserPapers.html>

⁵⁷ Agents ou Personal Agents são termos utilizados na computação, principalmente na área de inteligência artificial, para designar uma série de programas autônomos que realizam funções específicas em benefício do usuário. Por exemplo, podem monitorar dados de entrada e emitir alertas quando determinada transação venha a se efetivar.

de informação ao cotidiano. Ela considera as nuances do mundo real, e visa ampliá-las. Ao contrário dos PDA's, a computação ubíqua prevê um mundo de dispositivos totalmente interligados, com redes sem fio de baixo custo e disponíveis em todos os lugares; ao contrário dos PDA's, a computação ubíqua postula que você não precisa levar nada com você, já que a informação estará acessível em todos os lugares. Ao contrário de um agente pessoal, que responde a um comando, a computação ubíqua prevê a computação como pano de fundo, onde não possa ser notada⁵⁸ (WEISER, 1993).

Quando transportamos tais noções para o universo dos dispositivos móveis, vemos que muitos aspectos da noção de computação ubíqua estão presentes nessas interfaces, porém, algumas tecnologias móveis, como os telefones celulares, ao demandarem atenção total dos sujeitos, não correspondem à definição de tecnologias invisíveis. Na verdade, eles são bastante ruidosos, irrompendo de maneira intrusiva nos ambiente públicos e privados.

De qualquer forma, o que podemos apreender dos usos que são feitos das tecnologias móveis é que elas simultaneamente transformam nossas maneiras de interagir (com sujeitos e informações), assim como alteram nossa relação com o espaço. As tecnologias nômades também mudam nosso conceito de 'presença'. A dimensão ambígua de presença/ausência no espaço também

⁵⁸ "Ubiquitous computing is not virtual reality, it is not a Personal Digital Assistant (PDA) such as Apple's Newton, it is not a personal or intimate computer with agents doing your bidding. Unlike virtual reality, ubiquitous computing endeavors to integrate information displays into the everyday physical world. It considers the nuances of the real world to be wonderful, and aims only to augment them. Unlike PDA's, ubiquitous computing envisions a world of fully connected devices, with cheap wireless networks everywhere; unlike PDA's, it postulates that you need not carry anything with you, since information will be accessible everywhere. Unlike the intimate agent computer that responds to one's voice and is a personal friend and assistant, ubiquitous computing envisions computation primarily in the background where it may not even be noticed." WEISER, Mark. Hot Topics: Ubiquitous Computing. IEEE Computer, October 1993

significa a reestruturação do senso de se pertencer a um lugar. Na visão de Pellegrino (2007), se a portabilidade e a ubiquidade tornam os artefatos cada vez mais disponíveis aos indivíduos, os contextos sociais e espaciais são ainda fundamentais, sendo constantemente remodelados pelos usos das tecnologias móveis.

Nesse sentido, as interações ubíquas acabam por criar um ambiente híbrido para se interagir, na medida em que mesclam contextos reais e virtuais. E assim, a compreensão da copresença, para além da dimensão corpórea das interações face a face, torna-se um elemento importante para o entendimento dessas interações. No caso da mobilidade, Urry (2007) propõe que pensemos a sociabilidade a partir de uma copresença ocasional, imaginada e virtual.

Nesse sentido, podemos dizer que grande parte das interações ubíquas é realizada dentro do contexto social e cognitivo que alguns autores nomearam comportamento multitarefa.

4.2.1 Comportamento multitarefa e atenção parcial contínua

Dentre as diversas questões levantadas pela discussão contemporânea em torno das tecnologias digitais e seus impactos sobre as interações humanas, destacamos aquela que trata da ampliação de nossa capacidade produtiva e interativa devido ao acesso constante aos dispositivos tecnológicos.

É interessante notar como esses dispositivos, destacadamente as tecnologias móveis, tinham parte do seu uso feito nos chamados “espaços vazios” das interações sociais, ou seja, situações que eram percebidas pelos

usuários como “perda de tempo”, como o simples trajeto casa-trabalho, ou os momentos nas salas de espera, entre outros. (KATZ; AAHKUS, 2002).

Porém, com o passar do tempo, a incorporação de tais tecnologias ao nosso dia a dia fez com que o uso dos dispositivos móveis não se restringisse a essas situações, sendo utilizados em concomitância com outras tarefas, configurando o comportamento multitarefa - ou a mobilidade produtiva de Urry (2007).

Para analisar o comportamento multitarefa, Baron (2008) utiliza-se de uma metáfora para caracterizar a relação estabelecida entre os sujeitos e as tecnologias de informação e comunicação no que se refere às interações pessoais e informacionais. A metáfora utilizada pela autora é a do “ajuste no volume”. Tendo por base a interação com a TV e o rádio, no que se refere à simples ação de aumentar e diminuir o volume, a autora argumenta que, nas nossas interações com as tecnologias digitais, também exercemos esse controle do volume, neste caso vinculado à nossa capacidade de interagir com informações e sujeitos (volume de interação).

A noção de controle do volume pode ser aplicada a qualquer tipo de intercâmbio linguístico, sejam as interações face-a-face, a escrita, ou a linguagem mediada pelas TICs. As tecnologias “fixas” incluem telefones fixos e computadores pessoais usados para compor e receber e-mails ou mensagens instantâneas. Entre as tecnologias móveis estão os PDAs e os telefones celulares, ambos incluindo a fala e o texto (sms). Todos esses dispositivos proporcionam amplas oportunidades para que os usuários controlem o discurso de variadas maneiras: aumentando ou diminuindo o contato com interlocutores, ou manipulando a forma assumida pela interação⁵⁹ (BARON, 2008, p.177).

⁵⁹ “The notion of volume control is applicable to any sort of linguistic interchange, be it face-to-face speech, traditional writing, or language mediated through an ICT. In-place ICTs include

Associada à metáfora do controle de volume, a autora adiciona o conceito de affordance que, conforme citado anteriormente, se refere às propriedades inerentes dos objetos que permitem aos sujeitos percebê-los ou não como capazes de executar determinadas atividades e /ou funções. Como exemplo, a autora cita a affordance dos celulares que seria a ampliação dos contextos de comunicação, ou seja, a ubiquidade.

O foco da autora é, então, mostrar como os usuários, ao adotar um comportamento multitarefa, acabam por ampliar as affordances das TICs em relação aos processos de controle e manipulação das interações sociais.

No caso, Baron (2008) argumenta que o comportamento multitarefa é comum em atividades corriqueiras como dirigir um carro, arrumar a casa e olhar os filhos, entre outras. A questão trazida pelas tecnologias digitais é o fato de parte representativa das nossas comunicações interpessoais estarem migrando para o contexto multitarefa. Em outras palavras, não temos mais um tempo para as interações sociais, elas acontecem a todo o momento, irrompendo nas nossas atividades cotidianas.

A autora, então, chama a atenção para estudos conduzidos com o objetivo de se avaliar os impactos cognitivos do comportamento multitarefa via tecnologias envolvendo processos interacionais. Entre os estudos que exploraram a relação entre o desempenho acadêmico e o uso da Internet, a autora cita

landline telephones and stationary computers used for composing and receiving e-mail or instant messages. Among mobile technologies are personal digital assistants (PDAs) and cell phones, in both speech and texting capacities. All these devices provide ample opportunities for users to control discourse in a variety of ways: increasing or decreasing contact with interlocutors, or manipulating the form that interaction takes.”

alguns exemplos como o estudo conduzido por Hembrooke e Gay (2003)⁶⁰ que aponta para uma queda na memorização do conteúdo dado em sala de aula por alunos que, ao mesmo tempo em que assistiam às aulas, acessavam a Web para realizar buscas e comunicar-se com outros em tempo real.

Porém, ao concluir sua análise a respeito dos aspectos cognitivos da multitarefa, a autora procura mostrar que, como acontece em outros contextos nos quais assumimos um comportamento similar, talvez possamos desenvolver a habilidade de sermos multitarefa no contexto das TICs.

Em termos de aprendizagem, dirigir um carro, a capacidade de olhar para três lugares ao mesmo tempo, desenvolve-se com a experiência. Sendo assim, é possível que a aprendizagem de várias tarefas em computadores sem perda cognitiva, seja uma questão de treinamento e experiência.⁶¹
(BARON, 2008, p. 184)

No entanto, a autora questiona os aspectos relativos à sociabilidade e aponta para o fato de terem sido realizados poucos estudos sobre o comportamento multitarefa vinculado exclusivamente aos processos interacionais. Falar ao celular, enquanto se faz uma busca na Web e se inicia uma conversa no MSN, envolve certo controle sobre a intensidade da interação: “aham”.

A comunicação interpessoal vem sendo progressivamente reformulada pelos desenvolvimentos tecnológicos. Das primeiras redes fixas de telefonia, ao Walkman da Sony e aos MP3 players hoje; do ENIAC aos laptops e tablets, o que

⁶⁰ Hembrooke, H., and G. Gay. 2003. The laptop and the lecture: The effects of multitasking in learning environments. *Journal of Computing in Higher Education* 15: 46–64.

⁶¹ “In learning to drive a car, the ability to look three places at once develops with experience. It is, then, possible that learning to multitask on computers without cognitive degradation is a matter of training and experience.”

temos criado são tanto dispositivos físicos quanto práticas sociais através das quais “orquestramos quando e como dizer (ou escrever) o quê a quem”. (Baron, 2008)

No entanto, alguns autores argumentam que o que acontece no plano das interações sociais não se enquadra no conceito de multitarefa, mas, sim, no da *atenção parcial contínua* (*continuous partial attention*). Stone (2009) aponta para o fato de que quando assumimos um comportamento multitarefa temos o desejo de ser mais produtivos, fazendo um uso pleno de nossas capacidades em relação a determinadas atividades e contextos. Já na atenção parcial contínua,

somos motivados por um desejo de não perder nada. [...] Há uma espécie de vigilância que não é característica do comportamento multitarefa. Na atenção parcial contínua, nos sentimos vivos quando estamos ligados, conectados e cientes. Estamos constantemente realizando varreduras em busca de oportunidades, atividades ou pessoas⁶² (STONE, 2009).

Outro aspecto importante da atenção parcial contínua vincula-se à demanda cognitiva das atividades realizadas. No caso do comportamento multitarefa, geralmente, uma das atividades realizadas demanda menor esforço cognitivo ou envolve habilidades distintas como varrer a casa e falar ao telefone. Nesses casos, segundo Stone (2009), as atividades realizadas assumem o mesmo nível de importância em termos de sua consecução.

No entanto, na atenção parcial contínua, o que há é um constante reposicionamento de prioridades: estamos engajados em uma conversa durante o

⁶² In the case of continuous partial attention, we're motivated by a desire not to miss anything. [...] Continuous partial attention involves a kind of vigilance that is not characteristic of multi-tasking. With cpa, we feel most alive when we're connected, plugged in, and in the know. We constantly SCAN for opportunities – activities or people – in any given moment.

jantar, mas não perdemos de vista o visor do nosso telefone, chegando mesmo a enviar um SMS por debaixo da mesa. Nessas situações, de acordo com a autora, temos a ilusão de que realizamos as atividades em paralelo, porém nosso cérebro as processa de maneira serial.

Segundo Stone (2009), esse estado de alerta é importante nas situações em que precisamos acionar tal mecanismo (situações de crise, por exemplo). Porém, o que vem ocorrendo é que nos últimos anos nos encontramos continuamente nesse estado de alerta o que tem desencadeado situações de estresse e esgotamento.

No entanto, autores como Jenkins (2003) afirmam que esse estresse causado pela atenção parcial contínua tem maiores impactos sobre as gerações mais antigas, devido à forma como foram alfabetizados: certo isolamento social e contemplação ininterrupta. Já as novas gerações assumiram tal comportamento como uma segunda natureza.

A geração mais jovem vem sendo classificada por alguns como tendo desenvolvido momentos de atenção limitada. Mas esses jovens também vêm desenvolvendo novas competências no que concerne ao rápido processamento de informações, formando novas conexões entre distintas esferas de conhecimento, e exercendo a capacidade de filtrar, num campo complexo, os elementos que exigem atenção imediata. Stone argumenta que, para melhor ou para pior, este é o caminho que todos estamos vivendo atualmente. Por isso, ela reivindica um melhor design para as tecnologias para que possam acomodar a atenção parcial contínua, e uma evolução em nossas regras de comportamento que nos permitam transitar de maneira mais suave sobre as rupturas sociais que tal comportamento pode causar ⁶³ (JENKINS, 2003).

⁶³ Some have characterized the younger generation as having limited attention spans. But these young people have also developed new competencies at rapidly processing information, forming new connections between separate spheres of knowledge, and filtering a complex field to discern those elements that demand immediate attention. Stone argues that for better or

Diante desse contexto, as interações via dispositivos móveis parecem afetar não somente o uso do tempo e o papel do lugar (ubiquidade), mas podem nos levar a um melhor entendimento do próprio ser humano que, “em toda a sua essência e em todas as suas expressões, é determinado pelo fato de que vive interativamente com outros seres humanos.” (SIMMEL, 2006, p. 20). Apesar de nosso desejo, talvez, a capacidade de sermos ubíquos seja realmente um dom que, por enquanto, ainda permanecerá com os deuses.

No entanto, os dispositivos móveis e sua promessa de nos conectar “àquilo que realmente nos interessa” não cessam de evoluir e se disseminar na sociedade. Conforme dito anteriormente, a alta conectividade propiciada por esses aparatos traz consigo a sensação de vivência quase plena da ubiquidade já que tornariam possível a atualização de uma rede de conexões formada por sujeitos e informações.

Mas como tais dispositivos conquistaram esse status na vida de determinados sujeitos? Por quais transformações e apropriações passaram para que, atualmente, pudessem ser apontados como os principais representantes do estar em rede? Na próxima seção apresentaremos brevemente as principais características da evolução tecnológica e cultural pela qual passaram os dispositivos móveis, em especial, os telefones celulares.

worse, this is the way we are all currently living. Therefore, she claims, we had better design our technologies to accommodate continuous partial attention, and we had better evolve forms of etiquette that allow us to smooth over the social disruptions such behavior can cause.

5 SUJEITOS, MERCADOS E DISPOSITIVOS MÓVEIS

Nesse momento, cabe uma breve intervenção para que esclareçamos alguns aspectos ligados ao conceito de dispositivo. A discussão em torno do termo remonta aos escritos de Michel Foucault. Entre os diversos autores que se propõem a trabalhar o tema a partir da dimensão foucaultiana, destacamos o ensaio de Giorgio Agamben (2009), “What is an Apparatus?”, (“Che cos’è un dispositivo?”, 2006). Nesse texto, o filósofo italiano traça o percurso de construção do conceito em Foucault, que remonta, segundo Agamben, à interpretação de seu professor Jean Hipólito do conceito de “positividade” que, por sua vez, se origina de Hegel. Nesse sentido, o autor propõe abordar a genealogia do termo, primeiramente, na obra de Foucault e, depois, num contexto histórico mais amplo.

Tomando o conceito de positividade para, então, traçar sua relação com a ideia de dispositivo, Agamben (2009) retoma a discussão de Hegel sobre a “positividade da religião”, que o leva ao termo latino *dispositio* usado pela Igreja. Tal termo, de acordo com Agamben (2009), acaba por ser uma tradução do grego *oikonomia* - palavra que significava gestão, administração da casa (*oikos*) e que foi apropriado pela Teologia Cristã para justificar a representação trina de Deus (Pai, Filho e Espírito Santo) sem inculcar em seus fiéis uma noção politeísta. Essencialmente, na visão de Agamben (2009), o arranjo Pai, Filho e Espírito Santo requer a noção de dispositivo para ajudar a explicar (e instituir) a vontade e os desígnios de Deus a partir de uma economia “divina” dos agentes. Para Agamben (2009), essa seria a origem da acepção contemporânea do termo dispositivo.

O que é comum a todos esses termos é que eles se referem ao oikonomia, ou seja, a um conjunto de práticas, corpos de conhecimento, medidas e instituições que visam gerir, governar, controlar e orientar - de uma forma que pretende ser útil - os comportamentos, gestos e pensamentos dos seres humanos⁶⁴ (AGAMBEN, 2009, p. 12).

Portanto, na análise de Agamben (2009), pelo termo dispositivo, Foucault desejava representar um tipo de formação que, em determinado momento histórico, tem como função principal responder a uma urgência. Nessa perspectiva, o dispositivo teria uma função estratégica dominante.

Após apresentar o contexto foucaultiano da conceituação de dispositivo, o autor nos pede licença para desenvolver, então, o conceito a partir de um novo lugar. Tendo por base o processo de subjetivação⁶⁵, o autor propõe já de início a divisão dos seres em dois grandes grupos: de um lado os seres vivos (ou substâncias) e do outro os dispositivos nos quais os seres são constantemente capturados. Assim ele expande a ampla classe de dispositivos foucaultianos (prisões, hospícios, escolas, fábricas, sistemas jurídicos), cuja relação com o poder é de certa forma evidente, para incluir aí a caneta, a escrita, a filosofia, a agricultura, os computadores e os telefones celulares.

Sendo assim, Agamben (2009) vê na fase atual do capitalismo uma proliferação e uma acumulação massiva de dispositivos. O autor pondera que os dispositivos existem desde que o homo sapiens apareceu, mas o que busca ressaltar é o fato de hoje não haver um momento sequer da vida do sujeito que

⁶⁴ "What is common to all these terms is that they refer back to this oikonomia, that is, to a set of practices, bodies of knowledge, measures, and institutions that aim to manage, govern, control, and orient - in a way that purports to be useful - the behaviors, gestures, and thoughts of human beings."

⁶⁵ A subjetividade ou subjetivação diz respeito a um processo que busca gerar modos de ser, estar, de agir e de dizer sobre o mundo. Diz da própria constituição do ser.

não envolva uma relação (seja de controle, modelagem ou contaminação) com determinado dispositivo.

Segundo o autor, o que definiria os dispositivos com os quais lidamos na contemporaneidade é o fato de eles operarem uma dessubjetivação. No caso, Agamben (2009) argumenta que o processo de dessubjetivação é inerente ao processo de subjetivação produzido pelos dispositivos, pois é justamente dessa relação que nasce o “novo sujeito”. Porém, para o autor, os dispositivos do capitalismo promovem uma separação desses processos na medida em que só abrem espaço para a dessubjetivação.

No caso, o autor argumenta que os dispositivos não são um mero acidente no qual os seres humanos se veem aprisionados, mas têm uma origem no próprio processo de humanização. Então, para lidar com os dispositivos, Agamben (2009) propõe o conceito de profanação: “restabelecer a coisa para a livre utilização dos homens”.

No entanto, reconhece a dificuldade em se promover a profanação dos dispositivos “enquanto aqueles que estão preocupados com isso não são capazes de intervir em seus próprios processos de subjetivação, não mais do que em seus próprios aparelhos”.⁶⁶ (AGAMBEN, 2009, p. 24)

A visão de Agamben (2009) destaca as múltiplas dimensões que compõem os dispositivos - indo muito além dos aspectos tecnológicos que facilmente seduzem nossas análises - porém, ao promover a distinção entre os seres humanos e os artefatos, insere a discussão a respeito da relação entre

⁶⁶ “[...] as long as those who are concerned with it are unable to intervene in their own processes of subjectification, any more than in their own apparatuses[...].”

sujeitos e dispositivos tecnológicos numa perspectiva pessimista, na qual não haveria espaço de ação para os sujeitos. Como exemplo, o autor nos apresenta sua visão sobre o uso dos telefones celulares:

Quem se deixa capturar pelo dispositivo telefone celular - qualquer que seja a intensidade do desejo que o moveu - não pode adquirir uma nova subjetividade, mas apenas um número através do qual ele pode, eventualmente, ser controlado.⁶⁷ (AGAMBEN, 2009, p. 21)

No caso, acreditamos que, ainda que o estado atual das técnicas (somado ao discurso do capital e à política) se apresente como algo inelutável, é possível enfrentar esses processos - que se apresentam sob a roupagem da globalização. Conforme salienta Santos (2003), o próprio contexto atual da globalização fornece as condições materiais necessárias para que seja implementada a mudança.

A mesma materialidade, atualmente utilizada para construir um mundo confuso e perverso, pode vir a ser uma condição da construção de um mundo mais humano. Basta que se completem as duas grandes mutações ora em gestação: a mutação tecnológica e a mutação filosófica da espécie humana. A grande mutação tecnológica é dada com a emergência das técnicas da informação, as quais – ao contrário das técnicas das máquinas – são constitucionalmente divisíveis, flexíveis e dóceis, adaptáveis a todos os meios e culturas, ainda que seu uso perverso atual seja subordinado aos interesses dos grandes capitais. Mas, quando sua utilização for democratizada, essas técnicas doces estarão a serviço do homem (SANTOS, 2003, p. 174).

⁶⁷ "He who lets himself be captured by the "cellular telephone" apparatus- whatever the intensity of the desire that has driven him - cannot acquire a new subjectivity, but only a number through which he can, eventually, be controlled."

No entanto, como o autor mesmo salienta, os rumos que essas transformações irão seguir estão ligados à forma como a política aproveitará as disponibilidades e as possibilidades dadas. As técnicas, talvez sejam irreversíveis, mas podem obter outro uso e outra significação.

5.1 Ícone da mobilidade: dos celulares aos smartphones

Os telefones celulares, hoje convertidos em smartphones, são, por excelência, os dispositivos mais emblemáticos da era da mobilidade. Do lançamento do primeiro modelo comercial, em 1983, aos iPhones e Blackberries do século XXI, muitas foram as mudanças - tecnológicas e culturais - pelas quais passaram esses dispositivos. Em pouco tempo, os celulares percorreram o mundo e se tornaram uma das tecnologias mais bem-sucedidas, em termos de alcance e uso pela população global, nos últimos 50 anos. (PLANT, 2001; KATZ e AAKHUS, 2002).

De acordo com Merrick e Gorlenko (2003), há diferentes tipos de tecnologias que podem ser classificadas como tecnologias móveis. Porém, existe uma característica comum presente a todas elas: a portabilidade, que, por sua vez, agrega outra característica fundamental, a da individualidade, em oposição ao contexto de uso compartilhado. Algumas vezes, os próprios termos “portátil” e “pessoal” são intercambiados, entretanto, um equipamento pode ser um sem necessariamente ser o outro.

Nesse sentido, os autores propõem a classificação das tecnologias móveis a partir de quatro elementos: pessoal X compartilhado e portátil X

estático. Em uma primeira análise, agrupam-se as tecnologias que são classificadas como portáteis e pessoais. Tais tecnologias são as mais comumente percebidas como tecnologias móveis. São elas: os telefones celulares, os PDAs (*Personal Digital Assistants*), laptops, os tablets, os reprodutores portáteis de música (do walkman aos Mp3).

No entanto, percebemos hoje que a definição das tecnologias móveis, ou melhor, das tecnologias da mobilidade é algo mais complexo. A própria oposição pessoal X compartilhado se esvai na medida em que, apesar de suportarem a utilização de apenas um usuário por vez, em tempos de territórios Wi-Fi, a natureza em rede dessas tecnologias as insere num contexto comunitário.

Outra questão se refere à contraposição portátil X estático. A capacidade de se deslocar de um local para outro não é a única maneira pela qual se pode definir as tecnologias da mobilidade. Existem diversos dispositivos que provêm o acesso a informações aos sujeitos em movimento, mas eles mesmos não são fisicamente móveis. Quiosques de informação, dispositivos informacionais de museus e outros tipos de instalações oferecem acesso à informação, mas é o sujeito que é movente, não o suporte informacional.

Nesse contexto, a mobilidade por fluxos informacionais pode ser criada pelas tecnologias portáteis que se deslocam com os sujeitos, ou pelos sujeitos em movimento que podem acionar suas tecnologias portáteis ou mesmo utilizar aquelas disponíveis no espaço por onde circulam.

Dentre as tecnologias da mobilidade, destacamos aqui os telefones celulares. Atualmente, percebe-se uma forte campanha (quase mesmo uma

imposição) em torno da necessidade de os sujeitos estarem conectados, sempre aptos a ingressar em processos de interação social. Antes, um dos principais mediadores desse “estar em rede” eram os computadores. Hoje, os telefones celulares assumem esse papel.

As imagens a seguir, feitas pelo designer inglês Kyle Bean⁶⁸, ilustram a evolução na aparência dos dispositivos móveis, tendo como inspiração as bonecas russas (que são colocadas uma dentro da outra, da maior para a menor). Dentre todas as alterações externamente perceptíveis, talvez a que mereça maior destaque seja o aumento no tamanho da tela. E, para isso, o desenvolvimento da interface touchscreen foi um passo fundamental, pois permitiu que a tela ocupasse um espaço maior no aparelho sem que isso implicasse num aumento do dispositivo como um todo. Com telas maiores, os aparelhos de telefonia celular poderiam desempenhar melhor as funções de exibição de vídeos, fotos, textos, além de poderem proporcionar uma interação mais confortável para jogos, aplicativos diversos e para a própria navegação na Internet (diminuição da barra de rolagem).

⁶⁸ <http://www.kylebean.co.uk/portfolio/#mobileevolution>



Figura 2_ Evolução na aparência dos aparelhos de telefonia celular por Kyle Bean.

Além das questões vinculadas à aparência, os dados referentes à evolução do número de aparelhos celulares no Brasil e no mundo também merecem destaque. Em março de 2011, havia no Brasil mais de 210 milhões de celulares habilitados em funcionamento. Em 2005, eram 86 milhões, o que sinaliza um crescimento de mais de 40%. No entanto, essa quantidade

expressiva esconde alguns contrastes como, por exemplo, os tipos de aparelhos e até mesmo a sua distribuição pelo país: algumas regiões do Brasil possuem mais de dois celulares por habitante, enquanto, em outras localidades, um único celular pode servir a uma comunidade inteira. Dados da Anatel⁶⁹ apontam que o Brasil terminou o mês de agosto de 2011 com uma densidade 114,88 cel/100 hab. A maior densidade ficou com o Distrito Federal: 196,13 cel/ 100 hab. Já o estado com menor densidade foi o Maranhão: 72,78 cel/100 hab.

Esses números conferem ao país o quinto lugar no ranking mundial de telefonia móvel, posição que se manteve inalterada nos últimos seis anos. Aliás, o ranking de países com maior número de celulares habilitados em funcionamento sofreu poucas modificações nesse mesmo período. A China continua a ocupar o primeiro lugar (859 milhões de celulares em 2010), porém, agora é seguida pela Índia (636 milhões de celulares em 2010), que acabou empurrando os Estados Unidos para o terceiro lugar (298 milhões de celulares em 2010). Com um número total de dispositivos que não chega a ser metade dos números apresentados pelo segundo colocado, vêm os outros membros da lista: Rússia, em quarto lugar (217 milhões em 2010) e Japão em sexto, com 121 milhões de celulares.

⁶⁹ Fonte: <http://www.teleco.com.br/nceluf.asp>



Figura 3_Evolução do número de celulares no mundo (Fonte: www.teleco.com.br).

Dentre as possíveis explicações para o sucesso desses dispositivos, a melhoria do design é citada por alguns pesquisadores como um fator de extrema importância. Fortunati (2006), tendo por base a sociedade italiana, destaca que os telefones celulares foram, por um bom tempo, considerados uma tecnologia “arrogante e vulgar”, usada apenas por uma elite. Porém, ela reconhece que, atualmente, os celulares estão presentes em quase todas as camadas sociais e são considerados um artefato da moda. Na visão da autora, o que promoveu a maior aceitação dos telefones celulares na sociedade italiana foi seu redesenho como um objeto material, realizado em resposta às necessidades reais e práticas dos usuários.

No Brasil, a percepção da sociedade em relação aos telefones celulares também se modificou. Em meados dos anos 90, possuir um celular era para poucos. E esses poucos exibiam seus “tijolões” como verdadeiros troféus. Os dispositivos também estavam bastante vinculados ao mercado de trabalho. Nessa época era difícil imaginar que os celulares penetrariam tão fortemente na

esfera privada, tornando-se as ferramentas preferenciais para interações de cunho pessoal.

O destaque para o papel dos usuários na reelaboração dessas tecnologias é percebida como uma tendência por Fortunati (2006) na literatura recente sobre os telefones celulares. Para a autora, a preocupação em trazer o usuário para o centro das análises advém, muitas vezes, da necessidade de contrapor a visão excessivamente mercadológica deles como compradores ou assinantes ou mesmo das percepções dos designers envolvidos no desenvolvimento da tecnologia.

No entanto, a pesquisadora aponta que o fato de os sujeitos, que utilizam os dispositivos móveis, serem vistos sempre pela perspectiva do uso que fazem da tecnologia em questão, acabou por negligenciar aspectos relativos aos significados simbólicos e culturais dessa tecnologia. Assim como também sobre as demandas cognitivas e práticas para a sua manutenção e substituição no momento da obsolescência (FORTUNATI, 2006).

Apesar de a autora considerar os estudos sobre os usos dos celulares por vezes de caráter reducionista, reconhece a importância deles para descortinar a complexa rede de interações estabelecidas com o dispositivo em si. O que permitiria, num momento posterior, a análise de outras dimensões, como a questão do consumo e até do papel dos telefones celulares na mudança social.

Recentemente, vemos estudos que apontam para o fato de que as tecnologias móveis podem oferecer possibilidades para as pessoas se mobilizarem e atuarem na esfera política. Rheingold, em seu texto “Mobile Media and Political Collective Action”, 2008, apresenta-nos vários exemplos de como as

mídias móveis foram usadas para uma atuação direta na esfera política. Como exemplos trazidos pelo autor, destacamos:

- Quênia 2002: através do uso das mídias móveis, a população foi convocada a comparecer às urnas e a legitimar os resultados, reduzindo a fraude (transparência no processo eleitoral e eficácia da campanha).

- Espanha 2004: quando do atentado na estação de Atocha, o governo de José Maria Aznar atribuiu o ato terrorista ao ETA (grupo separatista basco). Porém, a desconfiança de que o apoio de Aznar à ocupação do Iraque pelos EUA seria o real motivo para o atentado, dessa forma atribuído ao Al Qaeda, fez com que milhares de cidadãos iniciassem uma corrente via SMS, levando a oposição à vitória nas eleições.

Atualmente, os movimentos iniciados em países do Norte da África também sinalizam para possibilidade de uso dos dispositivos móveis e das tecnologias em rede para engendrar processos de mudança social.

Como se pode perceber, a rápida adoção de sofisticados meios de comunicação multimídia tem gerado experiências diversas, porém o próprio Rheingold (2008) nos alerta para o futuro incógnito desses movimentos, não havendo garantias de que será pacífico ou de que a ampliação da capacidade de se organizar a ação coletiva conduzirá a uma democracia maior.

No caso, acreditamos que a possibilidade de se articular em torno de demandas sociais, culturais e econômicas - seja através de tecnologias móveis ou de outros dispositivos de mediação - e, ao mesmo tempo, de dar visibilidade a essa articulação vai ao encontro do ideário democrático. No entanto, realmente,

não há garantias em relação ao que se estabelecerá após as reivindicações e mobilizações.

Como as tecnologias de informação e comunicação são, contemporaneamente, a base de uma série de sistemas e serviços que fazem girar as sociedades para além das demandas dos movimentos sociais, talvez a única coisa que fique assegurada seja a possibilidade de se aceder novamente a tais recursos mobilizando-os em torno de determinados interesses.

Retornando aos dispositivos móveis e sua interface, uma perspectiva interessante sobre a transformação dos mesmos é a elaborada pelo arqueólogo das mídias, Erkki Huhtamo. No texto “Hidden histories of mobile media”, 2004, o pesquisador, tendo por base a aceção geral de que a história das mídias móveis é bastante recente, começa a questionar o carácter novidadeiro desses dispositivos. Assim, ele parte em busca dos rastros do conceito de mídias móveis que, nos dias de hoje, atuam na composição da percepção de tais dispositivos.

E, nesse esforço, o autor chega ao relógio de pulso que, ganhou proeminência, principalmente entre os homens, quando o brasileiro Alberto Santos Dumont usou um modelo Cartier, em 1904. A demanda pelo acessório veio da dificuldade encontrada pelo aviador para checar as horas no relógio de bolso e ao mesmo tempo pilotar sua aeronave. (HUHTAMO, 2004)

De acordo com Huhtamo (2004), apesar de o relógio não ser um dispositivo midiático, a sua relação com a história dos dispositivos móveis começa pelas implicações de design e por ser uma tecnologia “embutida” no corpo. No que se refere à dimensão estética, ainda segundo o autor, os primeiros experimentos com comunicação via rádio buscavam criar artefatos que se

assemelhassem aos relógios no que concerne à característica de não serem apenas um dispositivo funcional, mas também um acessório. E, na análise das pesquisas que se seguem, veremos como a questão do design e da aparência desempenha um papel extremamente importante na escolha dos aparelhos, tendo um peso quase igual ou superior a quesitos como facilidade de uso.

Sobre a relação entre os dispositivos e os usuários, destacamos, como um marco, o fato de os celulares deixarem de ser meros instrumentos para se efetuar uma comunicação via voz e passarem a incorporar cada vez mais serviços que cumpriam uma função que ia muito além da comunicação interpessoal.

Enquanto o mercado da telefonia móvel estava vinculado apenas ao serviço de voz, as operadoras eram os únicos atores nesse segmento, determinando preços de assinaturas e tarifas por minuto - modelo de negócio bastante semelhante ao da telefonia fixa. Porém, a digitalização fez surgir um novo mercado: o dos serviços de valor agregado (SVA).

Em pesquisa anterior⁷⁰, realizada em 2006, analisamos como a produção de informações para telefonia celular começava a se articular. No início do século XXI, diversas empresas passaram a se organizar, em parceria com as operadoras, para atender ao mercado de SVAs. Tais empresas, além de criarem soluções tecnológicas para promover a integração entre as plataformas das operadoras e as dos serviços a serem ofertados, também adaptavam conteúdos presentes em outras mídias para os telefones celulares, disponibilizando-os em

⁷⁰ MANTOVANI, Camila Maciel C. Alves. Info-entretenimento na telefonia celular: informação, mobilidade e interação social em um novo espaço de fluxos. Belo Horizonte, 2006. 152 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais.

formato de ringtones, imagens, jogos e até mesmo vídeo. Esse conteúdo trafegava principalmente via SMS (*short message service*) e WAP (*wireless application protocol*). Cabe ressaltar que o acesso via WAP era feito com parcimônia pelos usuários, tendo em vista as altas tarifas cobradas pelas operadoras por tempo de conexão.

Nesse universo de produtos e serviços para celulares, havia aqueles em que a função de personalização do aparelho era mais destacada (protetores de tela, toques musicais) e aqueles em que a interação com conteúdos ou sujeitos era mais expressiva (notícias, bate-papo, enquetes, jogos).

Porém, antes mesmo que os SVAs pudessem se consolidar, a Internet invadiu os dispositivos móveis, abrindo espaço para os smartphones, que prometem oferecer uma solução móvel e sempre à mão para quase tudo.

Em 1990, surgiram os primeiros modelos de smartphones que, em linhas gerais, podiam ser definidos como dispositivos que agregavam as funções dos celulares às dos palmtops (PDA - *personal digital assistant*). Hoje, os smartphones assemelham-se aos computadores tanto em termos de funções quanto em relação à interface. Além da conexão com a Internet, os processadores – que atualmente atingem a capacidade de PCs – conferem aos dispositivos um bom desempenho em atividades como navegar pela rede, executar jogos e reproduzir vídeos em alta resolução, além da criação e execução de aplicativos cada vez mais sofisticados que ampliam em muito a utilidade do aparelho.

Diante desse cenário, a produção de conteúdos para celular se modificou. Muitas empresas surgiram e as que já estavam no mercado

precisaram se reorganizar. Sendo assim, retornamos à empresa analisada na pesquisa anterior, a Take.Net que atua na criação tanto do conteúdo quanto das plataformas que permitem a circulação desse material através de operadoras e usuários, com o objetivo de apresentar e compreender as mudanças ocorridas no mercado de produção de conteúdo para telefonia móvel.

5.2 Produção de conteúdo para celular: tudo o que é sólido se desmancha no ar⁷¹

Em 1999, foi fundada, em Belo Horizonte, a Take.Net. A empresa nasceu da crença de seus fundadores (embasada na experiência adquirida na venda de aparelhos e do contato com uma importante fabricante de telefones celulares) na evolução do mercado de telefonia móvel que apontava para a transformação do dispositivo em uma mídia.

No ano 2000, a Internet revolucionava o mercado de informação e entretenimento. No entanto, os celulares, no Brasil, ainda não disponibilizavam acesso à rede de maneira competitiva. Foi então que, em meados daquele ano, os fundadores da empresa vislumbraram o mercado de ringtones. Na Europa, o produto já era um grande sucesso e, pela experiência anterior com o consumidor

⁷¹ O subtítulo é uma referência ao ensaio histórico e literário, de Marshall Berman, publicado nos anos 80. Seu texto é uma tentativa de compreender o fenômeno da modernidade a partir de diferentes áreas como a crítica literária, as ciências econômicas e políticas, a arquitetura, e o urbanismo e a estética. Sua análise é dividida em três fases: início do século XVI até o término do século XVIII; a Revolução Francesa e o século XX.

Ao longo do texto o autor desenvolve a tese de que a modernidade é capaz de desfazer o “eterno”.

(postos de venda de aparelhos), seria bastante provável que tivesse também uma grande aceitação pelo público brasileiro.

Percebendo que nem operadoras, nem fabricantes conseguiriam fazer isso sozinhos, a empresa, então, passou a investir no desenvolvimento não só de *softwares* que permitiriam a edição de músicas em formato de ringtones, mas também de uma plataforma que realizaria a integração do produto com a plataforma das operadoras de telefonia celular do país, promovendo: armazenamento e distribuição do conteúdo; identificação do cliente e autorização para efetuar o download; e, por fim, a cobrança.

Após os ringtones, outros produtos passaram a fazer parte do cardápio de conteúdos da empresa como as imagens para fundo e descanso de tela, os vídeos, as mensagens multimídia, os jogos, os serviços de chat e enquetes, entre outros. Em 2004, a Take.Net chegou a registrar mais de 40 milhões de downloads⁷², sendo a maioria deles de ringtones.

Da venda da empresa para um grupo japonês em 2005, ao seu retorno para as mãos de seus primeiros fundadores em 2008, o mercado de telefonia móvel passou por diversas transformações. Em termos de impacto, o lançamento em 2007 do iPhone⁷³ pode ser considerado um marco tanto em relação à inovação em funcionalidades e interface, quanto em relação à produção de conteúdo para telefonia móvel. Atualmente, podemos dizer que os serviços de

⁷² http://revistapegn.globo.com/EditoraGlobo/componentes/article/edg_article_print/1,3916,1680116-2983-1,00.html

⁷³ O iPhone é apontado, tanto pelo senso comum, como por especialistas, como o ícone da mobilidade. Ao mesclar uma navegação intuitiva com conteúdos e aplicativos especialmente desenvolvidos ou adaptados para seu ambiente de navegação, ele parece realmente ter colocado o mundo ao alcance dos dedos.

valor agregado deram lugar ao universo dos aplicativos móveis, que têm hoje na AppStore (loja digital da Apple) sua expressão máxima.

Porém, o surgimento das lojas de aplicativos para smartphones⁷⁴ trouxe uma mudança significativa para o cenário da produção de conteúdo em telefonia móvel. O que aconteceu nesse mercado foi, de certa forma, similar ao que se consolidou na Web em relação ao fenômeno da descentralização da produção de conteúdo. Se antes as operadoras detinham o poder de filtrar grande parte dos produtos e serviços oferecidos aos usuários, hoje, com as lojas de aplicativos, a disseminação de conteúdo para os celulares torna-se mais acessível ao desenvolvedor “independente”.

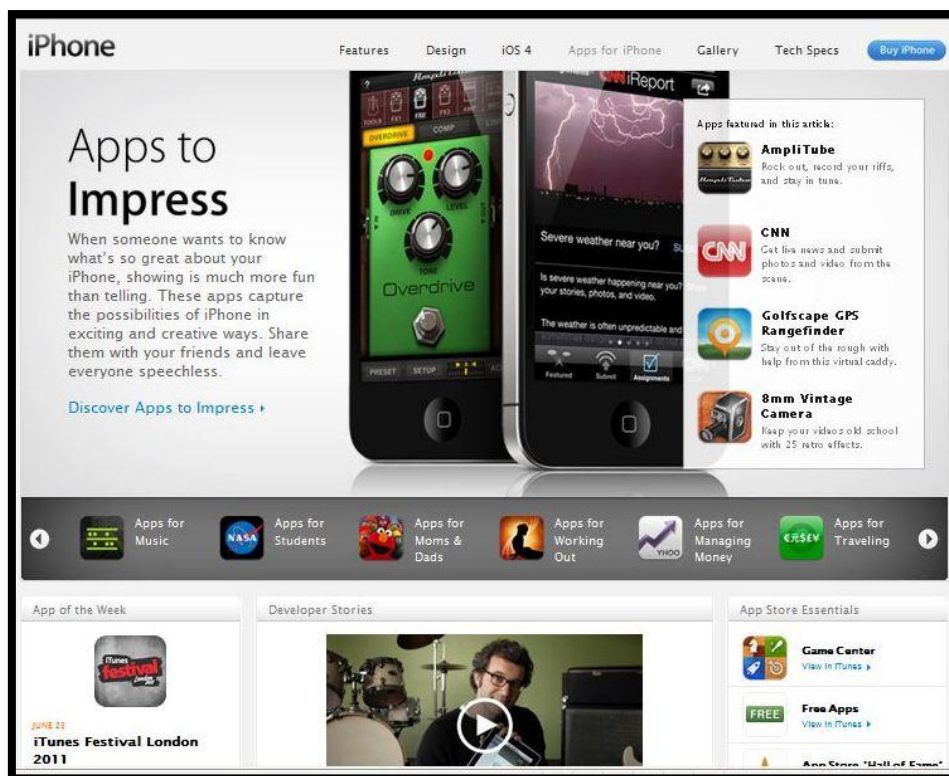


Figura 4_Página inicial de "Aplicativos para Impressionar" para iPhones.

⁷⁴ Loja de Apps da Nokia: <http://www.ovi.com/services/> e Loja de Apps do Google Android <https://market.android.com/>

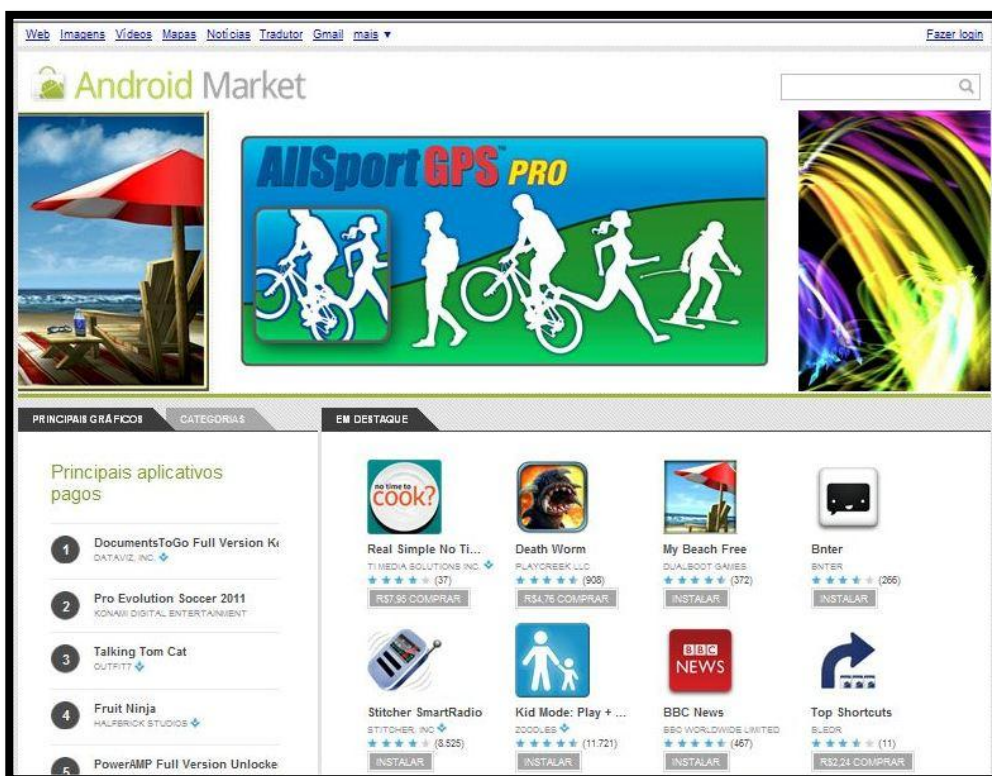


Figura 5_Página inicial dos aplicativos para Android.



Figura 6_Página inicial dos aplicativos Nokia.

Um ex-funcionário da Take.Net e hoje sócio da empresa MobRádio, responsável pelo desenvolvimento de aplicativo homônimo, conta como ele e tantos outros desenvolvedores *mobile* puderam se aproveitar dessa nova configuração do mercado.

Antigamente, tínhamos as lojas das operadoras (elas ainda existem, mas têm um destaque menor). Através dessas lojas eram vendidos ringtones, wallpapers, e outros conteúdos via Web, SMS ou aplicativo instalado no celular. Só que isso foi mudando ao ponto de que, ao invés das operadoras terem os aplicativos, os desenvolvedores, em parceria com os fabricantes, passaram a disponibilizá-los em lojas na Web.

Por isso digo que o lançamento do iPhone e da AppStore provocou uma reviravolta no mercado. Primeiro porque foi um novo conceito: um telefone com uma proposta de interação sem igual e uma loja de aplicativos para “melhorar” seu telefone.

E segundo porque essa loja de aplicativos estava disponível para qualquer tipo de pessoa (ou empresa), que pudesse e quisesse criar um aplicativo e ganhar dinheiro com isso, publicar seu aplicativo.

Tudo isso abriu muito o leque. Antes, se você quisesse colocar um aplicativo à venda nas operadoras, em Java, por exemplo, era preciso ter a assinatura do VeriSign⁷⁵. Essa assinatura, na época (2005-2006), era em torno \$800 e precisava ser renovada de seis em seis meses. E o usuário precisava atualizar também o aplicativo no celular. No caso do VeriSign, não havia a possibilidade de fazer a compra via pessoa física. Apenas pessoa jurídica. Isso fechava o nicho totalmente. Se era um cara aficionado por jogos no celular e desenvolvi meu jogo não conseguia postá-lo facilmente em lugar nenhum.

Depois que foram criadas as lojas de aplicativos: Apple, Android, e Nokia (que são as mais fortes, só não sei se ainda serão daqui a dois anos), hoje, eu, pessoa física, consigo criar um ID para postar aplicativos pagando \$100 ao ano. Qualquer pessoa que tiver R\$ 160,00 no ano, sobrando, e tiver interesse e capacidade técnica pode postar um aplicativo, que pode ser oferecido de graça, pago, ou em promoção. Tudo isso me é permitido.

⁷⁵ <http://www.verisign.com/code-signing/sun-java/index.html>

Então, essa virada me permite falar em antes iPhone e pós iPhone.
(Entrevista com empresário do ramo de aplicativos móveis.)

No caso da Take.Net, houve a opção de não investir no desenvolvimento de aplicativos para smartphones e, sim, de trabalhar numa outra direção que é *“transformar o dispositivo e a rede de telefonia celular numa plataforma de negócios”*. E, nesse caso, a questão da rede tem a ver com a ideia de nuvem (*cloud computing*⁷⁶): o celular conectado à nuvem (rede de telefonia móvel).

Segundo o diretor de Tecnologia e cofundador da Take.Net, a opção de trabalhar com o foco na rede vem da percepção de que, no Brasil, existem ainda muitos aparelhos que são comuns, *“que não são inteligentes”* (smartphones). Sendo assim, podem ser ofertados *“serviços que rodam na rede e que o usuário pode acessar através de uma ligação, ou de um SMS, ou de uma página WAP, ou mesmo da Internet”*. A ideia é permitir a interação com o serviço de várias formas, o que a empresa tem nomeado de interface multimodal.

Antigamente, nosso objetivo, nosso mantra era colocar um ringtone em cada celular no Brasil. Atualmente, é transformar o celular e a rede numa plataforma de negócios. Tanto que a forma como se escreve o nome da empresa mudou: colocamos um ponto entre Take.Net para justamente dar a ideia dessa rede que se movimenta com o usuário. Na empresa, por exemplo, deixamos de ter uma equipe que chamávamos de MExE (*mobile execution environment*). Essa equipe foi esvaziada. Hoje, quando precisamos desenvolver alguma coisa para rodar no celular contratamos terceiros. Nosso foco tem sido em desenvolver a parte do serviço que roda na nuvem, que roda na rede. E aí nosso objetivo é transformar a rede móvel

⁷⁶ *Cloud computing* é uma tecnologia que usa os servidores de Internet e uma central de servidores remotos para manter dados e aplicativos. Essa tecnologia permite que os usuários façam uso de aplicações sem necessidade de instalação e que também possam acessar seus arquivos pessoais em qualquer computador (ou dispositivo) com conexão à Internet.

numa plataforma de serviços, de negócios. É onde temos concentrado todos os nossos esforços, principalmente, de pesquisa.

Há um projeto novo na empresa que consiste em colocar tudo o que a Take.Net já tem na nuvem e permitir que outros desenvolvedores criem serviços em cima dessa plataforma que estamos desenvolvendo. Isso porque enxergamos nesse mercado alguns *players* importantes, por exemplo, os fabricantes de celulares e sistema operacional: Apple (iOS), Nokia (Microsoft), Samsung, HTC (Google/Android). Eles estão caminhando de forma independente. Cada um no seu caminho. Se a Take.Net optasse por seguir a evolução desses *players*, a solução seria desenvolver aplicativos (que é a opção de muitos concorrentes da empresa). Optamos por não seguir esse caminho – ainda não sabemos se é uma escolha acertada ou não.

No serviço que temos criado, muitas vezes vamos precisar de um aplicativo para rodar no celular, mas, quando precisarmos, vamos contratar de fora, ou até reativar a equipe de desenvolvimento para celular, pois, como disse antes, nosso foco, nossos investimentos estão em transformar a rede, a parte de conectividade numa plataforma para criação de serviços. São serviços mais amplos que têm um alcance maior, que funcionam em qualquer celular. (Entrevista com diretor de Tecnologia da Take.Net.)

A partir das tendências (e realidades) aqui apresentadas, vemos que a dinâmica do mercado de telefonia móvel é bastante fluida. E, apesar de os caminhos trilhados pelas empresas terem distintas configurações, em sua essência, as estratégias se apoiam no fato de que os usuários, cada vez mais, demandarão mobilidade e assertividade no acesso às informações. E, nesse sentido, a proposta da nuvem é bastante representativa desse movimento. Isso porque aos usuários será ampliada a possibilidade de acesso às informações de que necessitam, pois, ao serem armazenadas na nuvem, elas poderão “aterrissar” em quaisquer dispositivos. Isso, na visão do entrevistado, fará com que os aparelhos se tornem cada vez mais especialistas:

O que vejo é uma migração das coisas pra nuvem. A potência do celular vai ser usada para outras coisas. As telas cada vez mais bem definidas e processadores mais rápidos serão usados para oferecer conteúdos mais ricos e interativos. [...] Começaremos a ter uma multiplicação de dispositivos: dispositivos de leitura, de jogos, de ligação. É claro que vai existir um dispositivo (como são os celulares hoje), através do qual conseguiremos fazer tudo, mas quando você precisar de uma interação mais imersiva será através dos dispositivos especialistas. (Entrevista com diretor de Tecnologia da Take.Net.)

As inovações frequentes nos dispositivos móveis fazem com que os aparelhos se tornem obsoletos muito rapidamente. Há um esforço enorme por parte do mercado de telefonia móvel - fabricantes e operadoras - em estimular a compra de aparelhos mais modernos. No caso, para as operadoras, a opção dos usuários por novos aparelhos significa a possibilidade de oferecer outros serviços e produtos.

De 1994, quando foi veiculado na televisão o comercial da Telesp⁷⁷ sobre o lançamento do primeiro celular da operadora e também da cidade de São Paulo, estrelado por Jô Soares, a 2011, com o hit do Dia dos Namorados “Eduardo e Mônica”⁷⁸ da Vivo, veiculado apenas através da rede de vídeos YouTube, percebemos que o mercado sempre buscou trabalhar a sensação de conexão e de proximidade provocada pelo uso dos dispositivos móveis.

No caso da propaganda da Telesp, a personagem inicia uma chamada através de seu telefone celular solicitando uma pizza. A situação aparentemente comum torna-se inusitada no momento em que a câmera abre e vemos que o

⁷⁷ Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=fJqD0G37fdU>

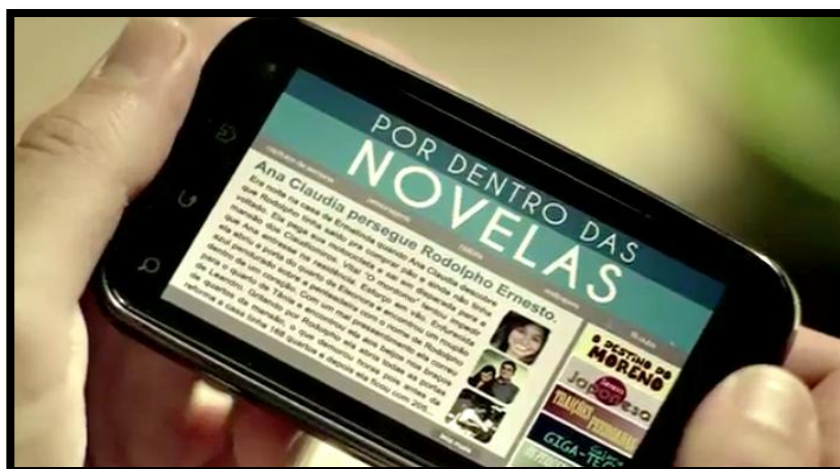
⁷⁸ Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=gJkThB_pxpw

usuário está “ilhado” em cima do carro que ficou parado na enchente. Sua única conexão com o mundo é através da rede de telefonia móvel.



Figura 7_Imagens extraídas da propaganda da Telesp, 1994.

Já no recente “Eduardo e Mônica”, o mundo das personagens está repleto de dispositivos móveis que os conectam em várias situações e momentos de suas vidas: desde o uso do celular como despertador, a fotos, GPS e as mensagens curtas (SMS).



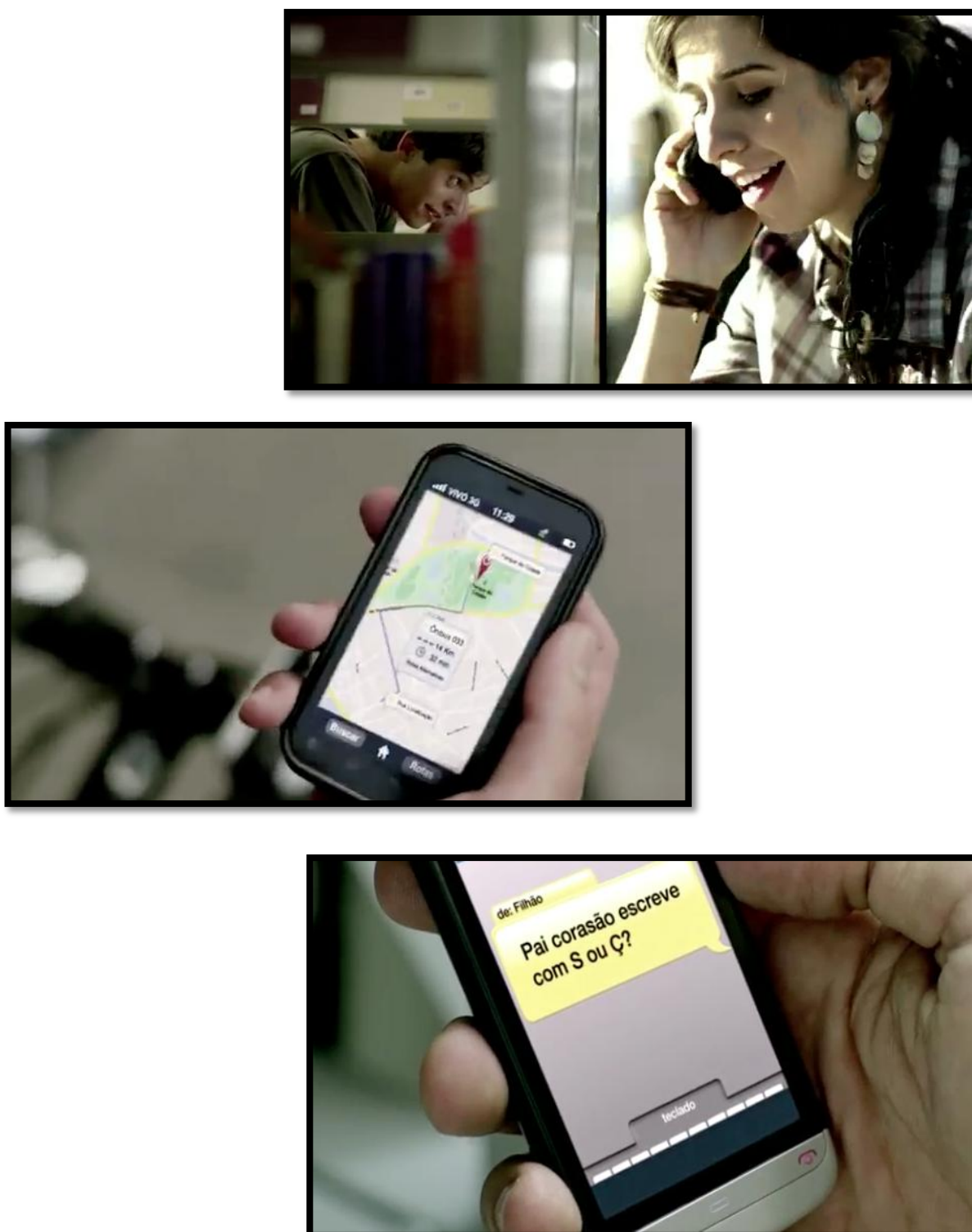


Figura 8 _Imagens extraídas da campanha desenvolvida pela operadora Vivo para o Dia dos Namorados, 2011.

Porém, muito mais que a promoção do aparelho em si, o que o mercado busca apresentar é um discurso em torno da ideia de mobilidade e de conexão. Nos últimos anos, vemos que as propagandas, principalmente as veiculadas pelas operadoras, vêm trabalhando com situações cotidianas que objetivam criar um forte vínculo emocional entre os dispositivos e seus potenciais usuários.

Diante de tantas transformações, faz-se necessário compreender, do ponto de vista do usuário, a evolução dos dispositivos móveis. A seguir serão apresentados e analisados os resultados dos três grupos de discussão feitos com usuários de telefonia celular nos anos de 2007, 2010 e 2011.

A pesquisa de 2007, conforme apontado na metodologia, fez parte de um estudo amplo realizado em diferentes países com o intuito de coletar as percepções dos usuários em relação aos dispositivos móveis. O Brasil, mais especificamente São Paulo, era um dos representantes dos países da América Latina. Já o segundo estudo (2010) foi realizado apenas com usuários brasileiros, moradores das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Por último, a pesquisa de 2011 procurou trabalhar o mesmo roteiro de questões das anteriores, porém, com participantes da cidade de Belo Horizonte com idade entre 22 e 28 anos. O recorte na idade objetivou trazer a percepção de jovens que vivenciaram as transformações no mercado de telefonia móvel entre a adolescência e o início da fase adulta. Isso para nos ajudar a compreender como determinadas características relacionadas ao uso dos aparelhos celulares foram percebidas e vivenciadas por esses sujeitos.

5.3 Múltiplos usuários, dispositivos e usos

Ao iniciarmos as conversas nos grupos, a primeira pergunta feita aos participantes se referia **ao papel desempenhado pelos telefones celulares na vida de cada um**. É interessante notar que, para a maioria, os celulares foram considerados dispositivos indispensáveis para sua vida. Foi pontuado que a necessidade de possuir um telefone ia muito além da comunicação via voz: o dispositivo tornou-se uma ferramenta para gestão das atividades cotidianas, assim como para a realização de atividades ligadas ao lazer.

Celular é tudo. (Participante G3-2010)

Estou indo jogar bola, meu celular está comigo! (Participante G1-2010)

Me dá uma sensação de proteção. Se saio sem, me sinto nua. (Participante G2B-2010)

Alguns participantes (2007) chegaram a dizer que os dispositivos móveis eram mais importantes para eles que os computadores, pois dependiam muito mais dos primeiros que dos últimos para a plena realização de suas atividades profissionais. Para os participantes dos grupos de 2010 com idade acima de 25 anos, a vinculação do celular ao âmbito profissional foi imediata. Para eles, os celulares são uma ferramenta importante para acessar e disseminar informações referentes ao universo do trabalho. Entre os participantes do grupo de 2011, a vinculação do celular ao trabalho se deu em relação à possibilidade de se acessar e disseminar informações via e-mail quando estão “presos” no trânsito.

Os telefones móveis também foram associados à percepção de segurança nos grupos: os sujeitos disseram se sentir mais seguros ao portar um telefone celular pelo fato de poderem facilmente solicitar ajuda em situações de emergência.

Entre os participantes do grupo de 2011, a questão da segurança transmitida pela posse do dispositivo também apareceu, porém, ao comentarem sobre o primeiro aparelho de telefonia celular que tiveram (ou ganharam), alguns participantes mencionaram o fato de que foram presenteados pelos pais com telefones celulares quando ainda estavam na adolescência e o intuito do presente era dar segurança aos pais na medida em que poderiam entrar em contato com os filhos a qualquer hora e em qualquer lugar.

Lembro que fui fazer minha primeira viagem sozinha com a turma da escola e minha mãe preocupada me deu um telefone para que pudesse entrar em contato com ela caso precisasse de alguma coisa. (Participante-G2011)

Ainda sobre o **significado dos telefones celulares para seus usuários**, no grupo de 2007, os principais termos associados ao dispositivo foram: *“vital”*, *“fundamental”*, *“essencial”*, um *“mal necessário”*. Com relação ao último termo, podemos dizer que é bastante representativo do sentimento de determinada parcela de usuários que se sente desconfortável com o fato de ser facilmente acessada através dos dispositivos móveis. No caso, esses sujeitos são impelidos ao uso por demandas profissionais - maioria - ou para não se sentirem excluídos da *“tendência do momento”*. Com relação a esse aspecto, uma participante do grupo de 2011 afirmou ter ganhado o celular de presente da mãe com a explícita intenção de tornar-se mais popular entre os amigos.

Ganhei meu celular de presente de Natal e minha mãe me deu com a intenção de que eu me enturmasse com meus amigos, pois eu não era muito social. Ela me deu um celular bem moderno para que fizesse “mídia” com meus coleguinhas. Mas, na época, não deu muito certo. (Participante – G2011)

Os participantes concluíram que eles e os celulares são muito “próximos”, e definiram o seu dispositivo como sendo: "*o melhor amigo que nunca te abandona*", "*sem ele eu não vivo*", "*um companheiro*". Cabe notar que, ao estabelecerem essa relação de necessidade quase vital com os aparelhos, apenas um participante fez questão de marcar sua posição dizendo que "*sim, eu consigo viver sem o celular.*" Alguns participantes chegaram a denominar os celulares de "*meu filho*", "*minha cola*", "*meu amigo*". Outros ainda disseram sentir ciúmes do aparelho, "*ninguém pode mexer no meu celular*", e também que se "*sentem mal*" quando saem de casa sem ele.

Essa sensação de incompletude vivenciada pelos sujeitos no momento em que se veem desprovidos seus dispositivos móveis foi descrita por Bauman (2004):

Você nunca perde de vista o seu celular. Sua roupa de jogging tem um bolso especial para ele, e você nunca sai com aquele bolso vazio, da mesma forma que não vai correr sem seu tênis. Na verdade, você não iria a nenhum lugar sem o celular ('nenhum lugar' é, afinal, o espaço sem um celular, com um celular fora de área ou sem bateria). Estando com seu celular, você nunca está fora ou longe. Encontra-se sempre dentro – mas jamais trancado em um lugar. Encasulado numa teia de chamadas e mensagens, você está invulnerável. As pessoas ao seu redor não podem ejetá-lo e, mesmo que tentassem, nada do que realmente importa iria mudar. (BAUMAN, 2004, p. 78)

Nesse sentido, muitos participantes declararam ser o celular a primeira coisa que pegam ao sair de casa. “É muito estranho. Quando você sai de casa, você esquece tudo: carteira, chave, luz acesa, porta aberta, mas o telefone está sempre com você.” (Participante-G2011).

Outra questão importante relacionava-se às **motivações para o uso** dos dispositivos móveis e, nesse sentido, cabe apontar primeiramente uma clara distinção, em termos de funcionalidades exploradas, entre os usuários de aparelhos mais básicos e aqueles que possuíam aparelhos com mais recursos. No primeiro caso, havia o uso predominante do SMS, com algumas poucas chamadas. Já entre os usuários médios, eram exploradas algumas outras características dos telefones celulares, incluindo o acesso à Internet, uso do rádio, câmera, Bluetooth (transferência de arquivos) e jogos.

Entre os participantes que possuíam celulares inteligentes, além das atividades citadas anteriormente, como o acesso a banco e a leitura/envio de e-mails, o acesso às redes sociais (Orkut, Facebook e Twitter) apareceu com destaque na fala dos participantes. Esses participantes declararam ficar “o dia todo” conectados a essas redes. Ainda com relação ao uso da Internet, destacamos o fato de que, muitas vezes, o celular é usado para burlar a proibição existente em algumas empresas no que concerne ao acesso a e-mails pessoais, aos programas de mensagens instantâneas (MSN, Google Talk), a determinados sites e, principalmente, às redes sociais.

Faço completamente tudo: Orkut, banco, e-mail. A fixação é tanta que estava acessando a rede Wi-Fi aqui antes de entrar. (Participante G3B-2010)

Uso o celular na aula pra fazer pesquisa. Não fiz pesquisa em casa, faço na sala! (Participante G2A-2010)

Acordo e antes de levantar já leio meus e-mails. Já abro o Twitter e o Facebook. (Participante G2A-2010)

No caso, a facilidade encontrada para acessar e disseminar informações, a partir de dispositivos móveis, destaca a relação imediatista e utilitária entre sujeitos e informação, é a cultura do *on demand*. A fala do participante que diz realizar pesquisas em sala de aula ilustra não só esse fenômeno, como também revela uma confiança extrema no dispositivo. Nessa situação, não há nem mesmo a preocupação com o armazenamento de uma informação relevante, importa mais a capacidade que esse dispositivo possui de acessar a rede.

Retornando às motivações de uso, muitos participantes declararam utilizar seus celulares para encontrar alguém ou para serem encontrados. A maioria dos participantes usa seus celulares para manter contato com seus amigos e familiares. Tal dado reforça a constatação de pesquisas anteriores que apontavam o fato de os celulares serem bastante utilizados nas interações entre os laços fortes⁷⁹ de uma rede social (Ling, 2004; Munier, 2004).

Com base nas principais atividades citadas pelos participantes, fazemos as seguintes colocações:

Fazer e receber ligações:

É interessante notar que o uso dos telefones celulares para a realização de chamadas (funcionalidade primeira dos dispositivos) foi mencionada pelos participantes em tom de ironia, como pode ser percebido na seguinte fala:

⁷⁹ Os laços sociais referem-se às conexões estabelecidas entre os sujeitos numa sociedade. A força dessas conexões foi examinada por Mark Granovetter, em 1973, que as categorizou em laços fortes e laços fracos. Nos primeiros, há intimidade e proximidade entre os agentes. Já nos laços fracos, a intensidade e frequência das interações são menores.

“Sou completamente viciada, até para falar ao telefone eu uso o celular”.
(Participante G4A-2010)

Proferida em tom de brincadeira, a fala carrega consigo percepções importantes a respeito da quantidade de funcionalidades que os celulares hoje trazem e os tipos de usos a que estão associados. O que se percebe é que existem tantas possibilidades de comunicação e interação via dispositivos móveis que a interação via voz parece ficar em segundo plano.

No entanto, para os usuários, apesar de os serviços de voz não terem tanto destaque em relação à necessidade de aquisição do aparelho (mais à frente detalharemos as funcionalidades desejadas pelos participantes) - não porque não sejam utilizados, mas por serem considerados apenas funcionalidade básica -, na publicidade veiculada pelas operadoras, esse serviço é sempre destacado (tarifas por minutos).

A realização de ligações pelo celular também é vista, pela maioria dos participantes, como um serviço caro, que exige controle e atenção para “não passar dos limites”. É interessante notar que a maioria dos participantes disse retornar as ligações “perdidas” e que ficam registradas na sua lista de chamadas (seja através de ligações ou SMS). A maioria também afirmou checar o número indicado na chamada antes de atender a ligação.

Há que se destacar ainda que as chamadas de voz através dos dispositivos móveis destinavam-se, preferencialmente, aos contatos profissionais (clientes/fornecedores/parceiros), familiares próximos (mãe/ pai/ filho), pessoas com as quais se mantém um relacionamento afetivo/amoroso e/ou situações que envolviam certo tipo de urgência (imprevistos, mudanças de plano, emergências). No geral, as mensagens de texto e as redes sociais tendem a ser preferencialmente utilizadas para as interações comunicacionais cotidianas.



Figura 9_O FaceTime representa uma evolução nas chamadas via celular. Através desse tipo de ligação, pode-se não só conversar como também ver quem está do outro lado.

Mensagens de texto:

As mensagens de texto podem ser classificadas como o serviço preferencial dos participantes, tendo em vista seu custo reduzido e também o fato de serem mais discretas e fáceis de utilizar em diversas situações. No entanto, participantes comentaram que o uso “indiscriminado” do SMS como uma ferramenta para veicular promoções e ofertas, vem causando certo desconforto e até rejeição a essa forma de comunicação.

Essa percepção pode ser explicada pelo fato de que as interações via SMS (assim como as ligações) fazem parte de um universo de conexões que se estabelecem, na maioria das vezes, entre os laços fortes da rede dos sujeitos. É um território de interações pessoais. Assim, quando toca o alerta de recebimento de mensagem há uma grande expectativa em torno da importância daquela mensagem para o sujeito que a recebe. Portanto, há uma frustração quando o conteúdo é uma “imperdível” oferta, ou um lembrete de vencimento de conta.



Figura 10_O SMS também evoluiu sua interface, principalmente no que se refere ao armazenamento da informação. Hoje é possível ter a visualização do agrupamento de mensagens recebidas por e enviadas a um mesmo contato, criando uma estrutura que se assemelha a um bate-papo.

Mensagens multimídia:

O recebimento de MMS pelos participantes do grupo de 2007 foi citado como bastante confuso, pois, em alguns casos, havia a necessidade de se acessar o site da operadora para obter a mensagem. Foi comentado que o uso do MMS é substituído, muitas vezes, pelo Bluetooth que é mais “eficiente”. Seu único problema seria a necessidade de “estar perto da pessoa para fazer a transferência”.

Nos outros grupos, as mensagens multimídia parecem ter ganhado fôlego, principalmente devido ao uso intenso das câmeras fotográficas. Com aparelhos mais modernos no mercado, a troca do MMS tornou-se bastante simples entre usuários, dispensando-se a necessidade de acessar o site da operadora ou de executar passos mais complicados. No caso, o dado chega como uma mensagem que pode ser facilmente armazenada no celular.

Mando muita mensagem com foto, tenho um pacote de 100 MMS por mês.
(Participante G4B-2010)

Câmera/tirar fotos:

Se para alguns participantes dos grupos de 2007, o uso recorrente das câmeras ainda era reduzido, tendo em vista a resolução das imagens, as formas de transferência dos arquivos e também a forma de capturar as imagens (zoom, flash, botão de captura), para a maioria o uso das câmeras estava amplamente disseminado. Uso de câmeras fotográficas através dos celulares chegou mesmo a substituir o uso das câmeras digitais amadoras. Se a qualidade das fotos era um problema em 2007, nos últimos anos, ela já não estava mais em questão. Muitos participantes exibiam celulares equipados com câmeras de 3.0 a 5.0 megapixel e relatavam, com naturalidade, o hábito de saírem por aí registrando tudo quanto lhes chamava a atenção.

A máquina digital não está na bolsa, a gente usa o celular. Gosto de fotografar o arco-íris. (Participante G1-2010)

Tenho dois: um para tirar foto e outro para trabalho mesmo. (Participante G2B-2010)

Gravar e reproduzir vídeos:

Para os participantes de 2007, entre os já haviam utilizado a funcionalidade de gravação de vídeo através do celular, o mecanismo foi considerado fácil, porém, acharam o tempo de duração dos vídeos bastante curto, assim como criticaram a falta de memória em seus dispositivos móveis para o armazenamento dos vídeos. No entanto, o hábito de gravar vídeos no celular não foi muito destacado pelos participantes dos grupos seguintes. Entre aqueles que haviam utilizado o recurso, as gravações eram rápidas e esporádicas (trechos de show, festas, eventos em geral, acidentes e acontecimentos não usuais).

O que chamou a atenção foi o hábito, declarado por muitos participantes, de assistir a vídeos através do celular, principalmente via YouTube.

Às vezes, chego em casa e fico com preguiça de ligar o computador, aí acabo vendo alguma coisa através do celular mesmo, já deitado, antes de dormir. (Participante-G2011)

Ouvir música:

O uso do celular para ouvir música é citado como uma atividade comum e frequentemente realizada entre os participantes dos grupos. No caso, cabe destacar a insatisfação de alguns com o fato de que, em determinados tipos de “celulares inteligentes”, não há a opção de ouvir rádio, apenas arquivos MP3 ou MP4.

Nos celulares mais modernos não tem rádio, tenho um celular mais basiquinho só pra escutar o rádio. (Participante G2A-RJ)

Outras funcionalidades:

O uso do GPS através de aplicativos e serviços de geolocalização foi mencionado por alguns participantes dos grupos. Tais serviços foram considerados bastante “úteis” e “práticos”. Com relação à TV pelo celular, apenas dois dos 24 participantes possuíam celular com essa funcionalidade. Porém, o uso não era frequente, um deles disse que usava apenas quando estava viajando, o que ocorria de uma a duas vezes no mês.

Chamados de tecnologias nômades, os celulares são “exaltados” pelo fato de poderem ser usados a qualquer hora e lugar. Partindo dessa premissa, a pesquisa buscou saber **em que situações e/ou lugares** os usuários normalmente se encontravam ao **fazer uso dos dispositivos móveis**.

A primeira resposta dada pelos participantes foi a de que realmente usam os telefones celulares em todos os lugares: no trabalho/escola, em casa, na rua e até mesmo no carro. Cabe ressaltar que o uso dos celulares nas ruas, dentro de carros, ônibus ou mesmo a pé, foi considerado “perigoso” por grande parte dos participantes, pois aumenta o risco de roubo.

Alguns participantes disseram não ter telefones fixos, fazendo, então, uso de seus celulares em casa com muita frequência. Entre os participantes que

possuem telefones fixos em casa, o uso dos celulares nesse ambiente se dá através do envio/recebimento de SMSs, para ligar para outros celulares, por ser mais barato, como despertador e também para ouvir música. Há ainda aqueles que destacam o uso do telefone móvel para “simular” que estão em outro lugar, justamente, pelo fato de que realmente poderiam estar em qualquer lugar.

Ao se moverem com seus dispositivos móveis, os usuários costumavam levá-los em seus bolsos (homens), em suas bolsas (mulheres), em mochilas, ou em acessórios especialmente configurados para carregá-los. No trabalho/escola, os participantes disseram que costumam deixá-los sobre a mesa, ou na bolsa/mochila (principalmente na escola). Quando estão no carro, o celular costuma ficar no banco do passageiro ou no painel. Um dos participantes disse carregar seu celular preso ao cinto.

Nem as proibições da lei (uso do celular ao dirigir), ou regras de etiqueta (uso nos cinemas, teatros, salas de aula) ou mesmo o risco de avaria do produto (até mesmo quando estavam no chuveiro alguns participantes disseram usar o celular – que ficava na bancada da pia – para ouvir música) ou dele ser roubado, inibia sua utilização. Podem, sim, estar mais escondidos, camuflados por fones de ouvido ou atitudes corporais que se imagina terem o poder de disfarçar o uso do aparelho, mas os celulares - e seus usuários - estão por toda a parte.

Com relação aos elementos da interface, chamou a atenção o fato de que, já em 2007, começava a se consolidar a demanda por telas maiores, tendo em vista o volume de informações e dados que começavam a trafegar nos telefones celulares. Outro fator que chamou a atenção naqueles grupos foram as

considerações dos participantes a respeito do menu e botões de navegação dos celulares. Forte indício de que os mesmos estavam realmente sendo explorados para além dos serviços de voz (fazer/receber chamadas).

As observações em relação à interface dos dispositivos tornaram-se mais presentes nos últimos grupos, que chegaram a mencionar a questão da “facilidade de uso”. Tal característica é um elemento cada vez mais valorizado e percebido pelos usuários no momento da utilização de sistemas de informação, dispositivos móveis e tantos outros serviços e produtos vinculados ao universo digital. O termo, que advém do Design de Interação, não se restringe ao digital, e é extremamente caro aos estudos de Usabilidade⁸⁰.

No que concerne ao universo dos dispositivos móveis, os celulares em especial, as análises extrapolam a relação usuário X sistema e incorporam os complexos e mutáveis contextos de uso. Isso porque o ambiente de uso dos dispositivos móveis é normalmente muito mais dinâmico em relação ao ambiente de uso dos computadores de mesa e, portanto, demanda a atenção do usuário para outras tarefas além da interação pura e simples com o equipamento. O usuário de um dispositivo móvel normalmente está envolvido em várias atividades que ocorrem simultaneamente, tendo sua atenção dividida entre o uso do equipamento, as outras atividades que está realizando e o ambiente que o cerca. (LEE; SCHNEIDER; SCHELL, 2005)

⁸⁰ A Usabilidade é uma medida de qualidade que tem como base a experiência do usuário quando este interage com um produto ou sistema – um website, uma Intranet/Extranet, um software, tecnologias móveis (celular, PDA, etc.), ou qualquer tipo de dispositivo operável. Em linhas gerais, a Usabilidade é definida como a combinação de fatores que afetam a experiência do usuário com um produto ou sistema, incluindo: facilidade de aprendizado; eficiência de uso; memorização; frequência e gravidade de erros; satisfação subjetiva. Historicamente, o termo surgiu como uma ramificação da ergonomia voltada para as interfaces computacionais, mas acabou se difundindo para outras aplicações.

Nesse sentido, facilidade de uso para os participantes da pesquisa tinha a ver não só com um sistema fácil de usar, com atalhos e termos reconhecíveis, por exemplo, mas se relacionava à percepção do que é um celular fácil de atender, quando se está andando na rua ou dirigindo um carro, ou seja, à conexão desse dispositivo com o ambiente que o cerca.

Procurando ainda apreender a percepção dos usuários em relação aos dispositivos e suas funcionalidades, questionamos nos grupos os recursos mais valorizados pelos participantes. É interessante observar que, no grupo de 2007, o termo tecnologia foi bastante citado refletindo o discurso recorrente da mídia em torno de produtos e serviços ligados às tecnologias de informação e comunicação. A demanda por um produto com tecnologia foi também expressa por termos como: 'resolução de imagem', 'memória', 'funcionalidade'.

Dentre as funcionalidades citadas, chamou-nos a atenção a demanda por baterias mais duráveis o que reflete a necessidade colocada pela mobilidade contemporânea de os sujeitos estarem sempre disponíveis e conectados (*always on*). A demanda por baterias de maior duração também apareceu nos grupos de 2010 e 2011. Para os participantes essa é uma questão crítica na medida em que o uso dos aparelhos é cada vez mais intenso, principalmente para a realização de atividades como navegação na Internet, reprodução de músicas e vídeos, exibição de fotos e uso de aplicativos diversos.

Um aspecto interessante é a baixa demanda, em 2007, por celulares com Internet, o que reflete muito a má qualidade dos serviços 3G disponíveis no momento da pesquisa e o alto custo dos celulares com acesso à Internet sem fio – vale lembrar que o iPhone, aparelho que provocou verdadeira revolução no

mercado de telefonia móvel, principalmente em relação ao uso da Internet, foi lançado no mercado estadunidense em 29 de junho de 2007, sendo comercializado “oficialmente” no Brasil apenas em 2008.

Nas pesquisas realizadas em 2010 e 2011, a demanda por celulares com Internet, seja Wi-Fi, ou 3G, apareceu em todos os grupos, sendo, portanto, a Internet vista como um recurso fundamental. O surgimento destacado dessa demanda reflete a maior disseminação dos smartphones que, ao colocarem os conteúdos multimídia e sua produção ao alcance dos usuários, acabam por tornar a necessidade de conexão entre os dispositivos (Wi-Fi ou 3G) fundamental para movimentar informações em múltiplos formatos através da rede móvel.

Na sequência apresentamos a síntese das funcionalidades citadas pelos participantes dos grupos.



Figura 11_Nuvem de tags: funcionalidades desejadas_Grupo 2007.



Figura 12_Nuvem de tags: funcionalidades desejadas_Grupos de discussão 2010 e 2011.

Apesar da distância temporal existente entre os estudos aqui apresentados, os perfis de 2007, 2010 e 2011 convivem na paisagem

contemporânea. Temos uma diversidade de usuários, de dispositivos e, principalmente, de usos que torna quase impossível proceder a generalizações. Porém, é inegável que os telefones celulares trouxeram mudanças para a forma como as pessoas estabelecem suas relações (e interações) com diferentes fluxos informacionais. Ao tornarem a informação sempre à mão, reforçam o entendimento - engendrado em teorias e conceitos que embasam o construto da sociedade da informação - de que ela deve estar sempre disponível, facilmente acessível em algum lugar. Para Fernandes (2004),

As noções mais popularizadas do contemporâneo e de suas características consideram a informação uma espécie de solução para problemas de incompleteness até então vividos em várias esferas da vida e sugerem que, com o desenvolvimento das tecnologias da informação e da comunicação, esta passa a ser colocada como uma disponibilidade universal já dada e sempre à mão. Circula também, especialmente através das mídias de massa, que as atuais tecnologias permitem acesso instantâneo a toda e qualquer informação e que estariam mesmo aptas a realizar parte de nossas tarefas comunicativas e informacionais, em frases como “vai onde você não pode ir”, ou “fala por você” (FERNANDES, 2004, p. 13).

Pela fala dos participantes, podemos afirmar que muitos deles têm a crença de que os dispositivos de telefonia móvel são realmente capazes de aproximá-los de tudo quanto consideram mais relevante, suprimindo suas necessidades comunicacionais e informacionais. E, na medida em que a sociabilidade contemporânea é também definida por esses circuitos, cada vez mais os sujeitos se veem lançados em relações sociais fluidas, ancorados apenas por seus dispositivos móveis.

Essa necessidade de se tornarem híbridos, verdadeiros ciborgues, é fomentada pela imagem que se tem do homem do século XXI, sempre bem

informado, ou capaz de se informar rapidamente, movido por um esforço contínuo em busca de novos conhecimentos. No entanto, como nos adverte Maffesoli (2004), ainda que os meios de comunicação de massa nos façam crer que a informação que neles circula tem uma importância maior para a sociedade, é “a partilha cotidiana e segmentada de emoções e de pequenos acontecimentos” que se coloca como fundamental. Haja vista o uso intenso dos dispositivos móveis, especialmente, os celulares, para tratar de assuntos referentes a contextos pessoais.

Pesquisadores como Rich Ling (2008), apontam os dispositivos móveis como importantes mediadores dos rituais de interação na sociedade contemporânea, na medida em ampliam a dimensão da copresença.

Estamos interagindo, cada vez mais, com os outros através de vários tipos de mediação eletrônica. Estamos nos tornando mais hábeis em sua utilização e confiando às mensagens, conversas e interações mediadas, formas de interpretação e significado cada vez mais matizadas. Tais mediações nos ajudam a manter nossos contatos sociais e modificam, readaptam, e deslocam a interação social. Assim, nesse ponto, a interação co-presente se coloca como o lócus do ritual social. No entanto, ela vem sendo cada vez mais modificada pela interação mediada. Acrescente-se a isso o fato de desenvolvermos rituais mediados que continuam a ampliar a noção construída de copresença.⁸¹ (LING, 2008, p. 167).

Nesse sentido, ao pensarmos na informação difundida através dos celulares e smartphones, podemos dizer que aquelas que são produzidas pelos

⁸¹ “We are doing more and more interacting with others via various types of electronic mediation. We are becoming more adept at its use and we are entrusting the mediated messages, conversations, and interactions with ever more nuanced forms of interpretation and meaning. They help us to maintain our social contacts and they modify, readjust, and displace social interaction. Thus, at this point co-present interaction is the locus of social ritual. However, it is increasingly being modified by mediated interaction. In addition, we are developing mediated rituals that further play on the understandings that have been built on the co-present sphere.”

usuários, e que, na maioria das vezes, circulam por suas redes de contatos pessoais, parecem estar muito bem adaptadas ao universo *mobile*. No caso das redes sociais, reforçamos a percepção já esboçada de que os dispositivos móveis parecem oferecer o “ambiente perfeito” já que permitem atualização e interação constantes.

Porém, no que concerne ao conteúdo “profissional”, disseminado em outras mídias e que vem atravessando um período de migração e adaptação às plataformas móveis (assim como foi dos meios impressos para os digitais), a não ser em relação à velocidade com que são acessadas as últimas notícias, pouco se conseguiu avançar em termos de novas proposições que explorem melhor o contexto dos dispositivos móveis.

Já os aplicativos, alguns focados no entretenimento, outros de função bem pragmática como serviços de localização, pagamento, entre outros, ganham cada vez mais espaço. Eles acabam por oferecer um novo ambiente para se explorar a produção de conteúdos, tendo em vista os diversos contextos de uso dos dispositivos móveis e as diferentes motivações dos sujeitos em movimento. Por exemplo, imagine se, ao visitar outro país, fosse possível acessar um aplicativo que fizesse a tradução em tempo real de nossas interações face a face e até mesmo do menu do cardápio através do simples posicionamento da câmera sobre os pratos ali apresentados.

Tais cenários podem soar como ficção científica, principalmente diante das diferenças existentes no acesso a tudo o que a rede móvel pode proporcionar. No entanto, os avanços do mundo da mobilidade, via tecnologias de

informação e comunicação, têm nos dado mostras de que talvez possamos nos arriscar em algumas previsões.

6 NARRATIVAS DA MOBILIDADE: RELATOS E PRÁTICAS EM MOVIMENTO

Após apresentar e analisar as principais mudanças ocorridas no mercado de telefonia móvel celular, tanto do ponto de vista das empresas, como também dos usuários desses dispositivos, chega o momento de aprofundarmos um pouco mais no entendimento desse novo ambiente informacional, a partir da fala de sujeitos que vivenciam e, de certa maneira, disseminam o padrão de mobilidade atual.

Conforme citado anteriormente, nosso objetivo é descrever e caracterizar esse movimento para que assim nos seja possível perceber como as tecnologias móveis se inter-relacionam com essa mobilidade em termos do acesso a informações e às interações pessoais e profissionais, resgatando o lugar da tecnologia e da informação na situação de mobilidade por fluxos informacionais.

É sabido que a posição ocupada pelos sujeitos no espaço de fluxos dirá de sua capacidade ou não de acompanhar tal movimento, tendo uma presença mais efetiva nesse cenário. Aqueles que não se encontram estrategicamente posicionados nesse espaço, coordenando as direções, bem como a intensidade dos fluxos, são levados pela correnteza.

Sendo assim, para nossa pesquisa, há uma escolha intencional por sujeitos pertencentes à categoria nomeada por Bauman (1999) de “globalmente móveis”. Tais sujeitos recebem essa adjetivação pelo fato de seu movimento, ainda que em alguns casos esteja condicionado a determinadas exigências do

trabalho, não ser compulsório: eles transpõem facilmente o espaço real e o virtual. Diferentemente daqueles que compõem o mundo da “localidade amarrada”, para quem o território se fecha e exhibe a impossibilidade de conquista do “espaço e do acesso virtual a distâncias que permanecem teimosamente inacessíveis na realidade efetiva”. (BAUMAN, 1999, p. 96)

Habitantes do primeiro mundo e do segundo mundo: assim caracteriza Bauman (1999) os tipos sociais que se configuram em relação à capacidade ou não de se mover, conforme já mencionado. No primeiro mundo, cosmopolita e extraterritorial, habitam, segundo o autor, os “homens de negócio globais, os controladores globais da cultura e os acadêmicos globais”. Já do outro lado,

Para os habitantes do segundo mundo, os muros constituídos pelos controles de imigração, as leis de residência, a política das “ruas limpas” e “tolerância zero”, ficaram mais altos; os fossos que os separam dos locais de desejo e da sonhada redenção ficaram mais profundos, ao passo que todas as pontes, assim que se tenta atravessá-las, revelam-se pontes levadiças (BAUMAN, 1999, p. 97).

Apesar de o discurso da mobilidade trazer em sua superfície uma visão romantizada do movimento, que se funde com a imagem do sujeito cosmopolita, que, em princípio, ao conhecer diferentes culturas, acaba tendo uma visão mais humanizada e aberta do mundo, ele é impulsionado pelo fluxo do capital. Sendo assim, a eliminação das distâncias temporais e espaciais promovidas pela tecnologia, no lugar de tornar mais homogênea a condição humana, acaba por gerar uma polarização entre aqueles que se veem emancipados das restrições territoriais e aqueles que, amarrados a um território esvaziado de sentido, já não conseguem dele retirar significado ou mesmo identificação. (BAUMAN, 1999)

Sob esse aspecto, vale retomar a fala de Bauman (2001) quando ele nos chama a atenção para o fato de que no “estágio sólido da era moderna”, os hábitos nômades eram mal vistos e, nesse contexto, ser cidadão significava dispor um lugar fixo, assentar-se no espaço (trabalho, família, posição social). Já nos dias atuais, ainda que os andarilhos e sem-teto continuem mal-vistos, há o retorno do nomadismo no formato das elites globais extraterritoriais. “A elite global contemporânea é formada pelos senhores ausentes”, pontua.

Ser moderno passou a significar, como significa hoje em dia, ser incapaz de parar e ainda menos de ficar parado. Movemo-nos e continuaremos a nos mover não tanto pelo ‘adiamento da satisfação’, como sugeriu Max Weber, mas por causa da impossibilidade de atingir a satisfação: o horizonte da satisfação, a linha de chegada do esforço e o momento da auto-congratulação tranqüila movem-se rápido demais. (Bauman, 2001, p.37)

Conforme caracteriza Augé (2010), nossos nômades contemporâneos tampouco se assemelham àqueles classicamente apresentados nos estudos etnográficos. Não se busca o seu sentido no território, no lugar, no tempo ou no retorno. O seu nomadismo se configura no contexto da mobilidade “sobremoderna”⁸², que:

[...] exprime-se nos movimentos de população (migração, turismo, mobilidade profissional), na comunicação geral instantânea e na circulação dos produtos, das imagens e das informações. Ela corresponde ao paradoxo de um mundo onde podemos teoricamente tudo fazer sem deslocarmo-nos e onde, no entanto, deslocamo-nos (AUGÉ, 2010, p. 15-6).

Sob essa perspectiva, esses nômades transitarão pelos “não-lugares”, que, segundo Augé (2000), representam espaços de passagem onde justamente

⁸² O “sobre”, nas palavras do autor, tem o significado do termo em inglês “over”, indicando uma “abundância de causas que complica a análise dos efeitos”. (AUGÉ, 2010, p.15)

devido à sua transitoriedade não é possível dar início a nenhum processo de construção identitária. Sendo assim, os “não-lugares” se opõem aos lugares antropológicos, pelo fato de não poderem ser aquilo que definia os últimos: identitário, relacional e histórico. Tais espaços se materializam nas autoestradas, nos grandes supermercados, nos shopping centers, nos aeroportos, ou seja, nos espaços de fluxos.

Na argumentação de Augé (2000), os lugares antropológicos começam a se desfazer na medida em que a sobremodernidade passa a se impor a partir dos excessos de tempo, de espaço e do indivíduo. No que concerne ao último aspecto, no momento em que há um enfraquecimento das referências coletivas ligadas àquilo que Canclini (1999) nomeou por espaço da cultura histórico-territorial (tempo X espaço), assiste-se ao surgimento do individualismo exacerbado. Assim, ao se comprometerem com o transitório, os não-lugares impõem aos indivíduos a solidão, pois são povoados por viajantes, por sujeitos em trânsito, incapazes, na visão do autor, de se relacionarem com aqueles com quem compartilham, fisicamente, esse espaço de fluxos.

Entretanto, o que veremos nas narrativas que se seguem é que muitas vezes os não-lugares podem ser ressignificados pelos usos das tecnologias móveis na medida em que atualizam uma presença ausente. Mas também podem transformar lugares em não-lugares na medida em que uma presença se torna ausente ao ingressar em processos de interação via tecnologias móveis. O envolvimento com a tecnologia em questão pode ser tão grande que as pessoas são como que apagadas do cenário em que se localizam. “O indivíduo está

presente fisicamente, mas é absorvido por um outro mundo tecnologicamente mediado.”⁸³ (GERGEN, 2002, p. 227)

Os relatos e as práticas dos sujeitos em movimento põem em perspectiva conceitos caros à temática da mobilidade - copresença, proximidade, mobilidade produtiva, espaço de fluxos, territórios informacionais, atenção parcial-contínua, ubiquidade, comportamento multitarefa - oferecendo-nos um cenário rico e complexo para o entendimento das relações entre sujeitos, dispositivos e informação em situação de mobilidade.

⁸³ “One is physically present but is absorbed by a technologically mediated world of elsewhere.”

6.1 “Eu só queria sair do Brasil”

Aos 17 anos, decidi que iria a Londres fazer um curso de inglês. Mas, como ele mesmo pontua, a principal motivação não era o curso em si: “*eu só queria sair do Brasil*”. Após dar esse primeiro passo, o movimento passou a fazer parte de seu estilo de vida e as cidades onde moraria por curtos espaços de tempo sucederam-se de maneira dinâmica: Londres, Lisboa, Madri, Rio de Janeiro e, atualmente, Moscou.

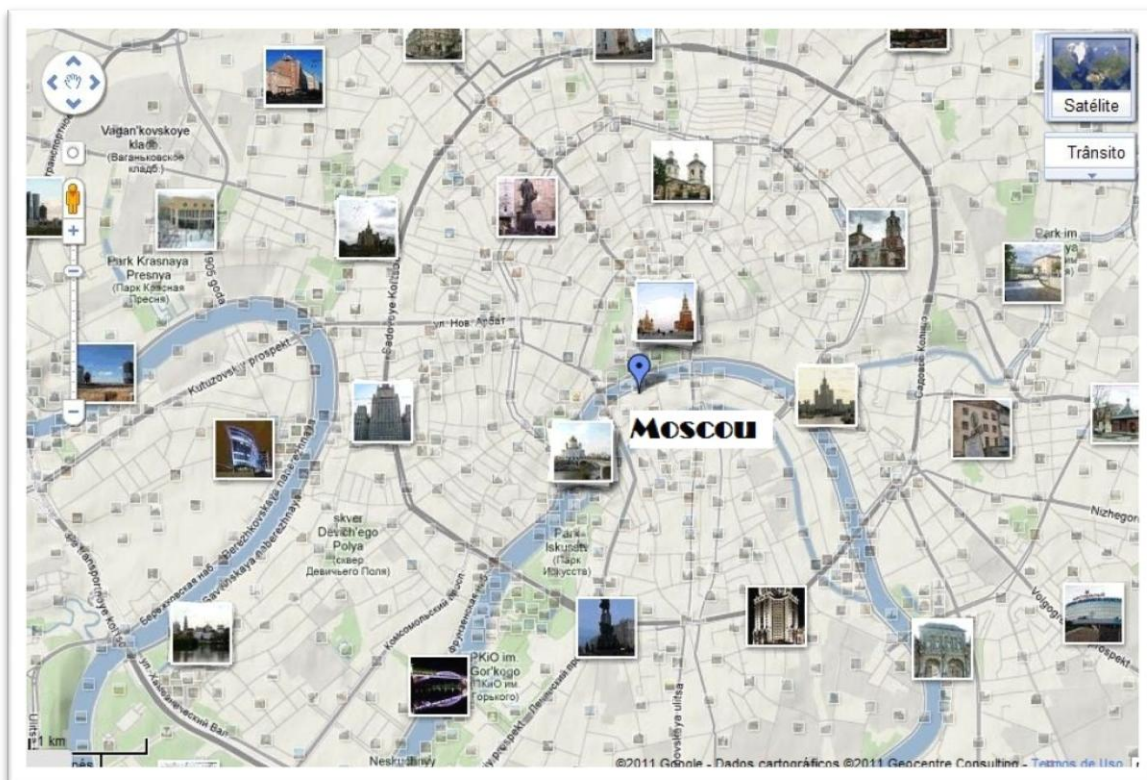


Figura 13 Parte do mapa da cidade de Moscou, Rússia, com fotos postadas pelos usuários do Google Earth.

Tomando como ponto de partida a sua última parada, descobrimos que os motivos que o levaram a escolher a capital da Rússia foram, além do seu

desejo de errância (“*já estava há muito tempo em Madri*”), um novo amor que lá habitava. O namoro terminou antes que a mudança se concretizasse, porém o rompimento não foi suficiente para que desistisse da ideia de se mudar para aquela cidade.

Assim, em 2010, ele entrava na Rússia pela primeira vez como turista, obtendo visto de permanência por três meses. Foi, então, que começou a escrever um blog -“*uma tentativa de aproximar a realidade russa da realidade brasileira que, apesar de não parecer, trazem muitos aspectos em comum*” - que chamou a atenção de uma editora brasileira que logo o contratou como jornalista e isso lhe permitiu obter um visto de permanência de um ano.

Hoje, o blog está parado, e ele trabalha para uma agência de notícias brasileira e também como *free-lancer* para alguns jornais do Brasil e para a agência EFE na Espanha. O seu constante movimento também lhe garante a oportunidade de escrever para algumas revistas sobre turismo. E é o seu trabalho como jornalista que acaba por ditar o ritmo de sua vida cotidiana. Primeiramente, ele destaca que sua rotina, na verdade, é “pouca rotina” e que a mesma acaba sendo dependente da relação entre o fuso horário de São Paulo e de Moscou.

Com relação ao Brasil, estamos sete horas na frente. Quando é inverno aqui e verão no Brasil, essa diferença cai para cinco horas. Então, a minha rotina aqui depende muito do fuso. Isso quer dizer que, quando a agência está “fechando” o jornal, aqui é de madrugada. (Entrevistado 1)

Assim, ele começa seu dia fazendo uma varredura do que está acontecendo. Com o foco no que é destaque na imprensa russa, também pesquisa assuntos da Europa Oriental e Ásia Central. Mas, por interesses

peçoais, acessa notícias do Brasil e de outras partes do mundo. Grande parte de seu trabalho é feito a partir de casa, já que tem o notebook com acesso à Internet. Há ainda um intérprete que, por vezes, o ajuda com o trabalho que faz para o Brasil.

No que concerne às tecnologias de informação e comunicação, ressalta que elas têm um importante papel a desempenhar em sua vida.

Meu uso é total! Estou falando com você, mas estou com tudo aberto aqui na minha frente. Sou totalmente dependente do refresh. Meu celular é um iPhone e aí fico na internet o dia inteiro, tanto através do computador, como do celular. (Entrevistado 1)

Com relação ao celular, destaca como o seu uso está conectado às possibilidades de interação com a cidade onde vive. *“Aqui em Moscou uso meu celular para fazer praticamente tudo!”* Desde a compra do bilhete para o metrô ou trem, às compras de ingressos para o cinema ou teatro, de acordo com o entrevistado, tudo é feito via dispositivo que permite a verificação do bilhete através do telefone.

E, quando olha à sua volta, ele percebe que não está sozinho. Segundo o entrevistado, o uso dos dispositivos móveis, principalmente o iPhone, está amplamente disseminado em Moscou. *“Praticamente todos os adolescentes têm um iPhone. Se não têm o novo, têm o modelo anterior que ganharam de seus pais que compraram um modelo novo.”* Ele também destaca o fato de a cidade estar povoada de locais com acesso Wi-Fi aberto, o que, na sua visão, é uma vantagem não só para os moradores, mas também para os turistas.

Esse estado de permanente conexão que vivencia acaba por gerar situações que o jornalista considera inusitadas, como quando se reúne com seus amigos para almoçar e, em vez de estarem conversando à mesa, estão todos interagindo com seus smartphones, *“dando refresh, atualizando informações a cada 30 segundos”*.

Outra coisa que o acesso constante a essas tecnologias provoca, na visão do entrevistado, é tornar as situações em que não é possível a utilização desses dispositivos - seja por questões técnicas e/ou políticas - momentos estressantes para os quais é preciso sempre arrumar uma saída.

Ele nos conta que vivenciou essa situação em visita ao norte da Síria, quase fronteira com o Iraque.

Lá não existia nenhuma facilidade tecnológica, nem telefone, nem nada. Fiquei quatro dias lá e o que sentia era que poderia estar acontecendo alguma coisa super importante no mundo, ou aqui do meu lado mesmo, e eu não saberia, não teria nem ideia. (Entrevistado 1)

Para contornar essas situações, costuma usar o seu próprio telefone para entrar em contato com o seu pai no Brasil e pedir-lhe para acessar seu e-mail. Outra situação parecida foi vivenciada quando ele esteve na Bielorrússia a trabalho e, durante a cobertura do evento, no caso as eleições, ficou sem acesso à Internet, podendo se comunicar apenas através de seu telefone celular.

Para nosso entrevistado, a principal questão em relação ao “mover-se fazendo uso de tecnologias” é que a ideia ou mesmo a sensação de proximidade é algo muito forte. *“As distâncias continuam as mesmas, porém, há a percepção de que as coisas estão mais próximas, mais facilmente acessíveis”*, pondera.

6.2 “Eu preciso de mobilidade”

Pesquisadora e professora, ela está sempre em movimento: *“eu preciso de mobilidade. Tenho uma base, em Campinas, mas quase sempre estou num canto diferente”*. A diversidade de atividades profissionais faz com que ela precise se deslocar com frequência para cumprir seus compromissos que englobam: diretoria de marketing de uma fundação, editoria de uma revista científica internacional, atuação como docente, pesquisadora e orientadora em três universidades brasileiras, além de atividades diversas de consultoria.

Ela nos conta que sempre teve essa relação com o movimento, mas, ultimamente, por ter assumido mais compromissos, está um pouco mais atarefada, passando mais tempo em deslocamento. Porém, entende que hoje funciona de maneira mais eficiente fora de sua “base”, do que anos atrás, justamente por causa de tecnologias que oferecem suporte ao seu movimento. *“Eu vivo na nuvem⁸⁴, na verdade, toda a minha base de informação e de documentação fica na nuvem. Sou totalmente dependente de Internet. Não tem como eu ficar sem internet e, infelizmente, o Brasil é muito ruim de conexão móvel.”*

⁸⁴ Conforme mencionado anteriormente (Nota 75), a computação em nuvem (*cloud computing*) refere-se a um modelo de serviço capaz de fornecer processamento, infraestrutura e armazenamento de dados através da Internet. Na fala da entrevistada, a ideia da nuvem representa o armazenamento de documentos pessoais na Internet, tornando-os acessíveis a partir de terminais diversos.

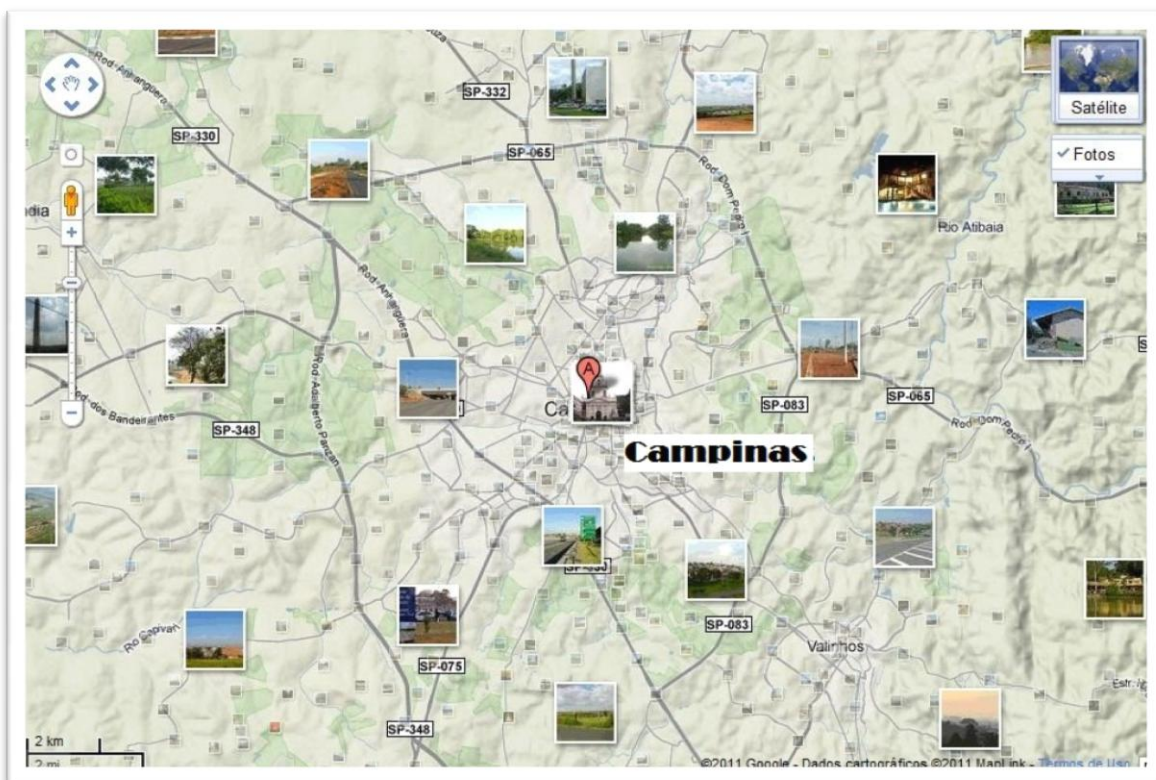


Figura 14 Parte do mapa da cidade de Campinas, São Paulo, com fotos postadas pelos usuários do Google Earth.

Para se livrar dos contratempos, procura sempre carregar seus arquivos na versão mais atualizada, caso não seja possível acessá-los através de seus vários dispositivos móveis: iPhone, tablet e Notebook. Apesar da diversidade de aparatos à mão, confessa que não explora tudo o que eles podem oferecer e percebe que, em alguns momentos, eles se sobrepõem em termos de funcionalidades e recursos.

Com relação às atividades que realiza através de seus dispositivos móveis, ela nos diz que acaba fazendo um pouco de tudo. Porém, as atividades de lazer, como ouvir música ou conversar com sua neta através do Skype, são em menor volume, quando comparadas às atividades vinculadas ao trabalho. Ela

destaca que os momentos em que se encontra em deslocamento, seja no trânsito de uma grande cidade como São Paulo, seja na sala de embarque de um aeroporto, ou mesmo dentro do ônibus ou avião, acabam se tornando espaços onde pode dar continuidade ao seu trabalho: corrigir algum texto ou material de publicação, preparar ou revisar apresentações e aulas, ler documentos importantes.

Se você contar seu deslocamento no trânsito, por exemplo, de grandes cidades, ou mesmo quando você vai pegar um avião, vai ver que é muito tempo. Você precisa estar lá com uma hora de antecedência, mesmo fazendo o check-in pela internet, você acaba tendo que chegar antes porque é tanto trânsito, tanta confusão... e, se você chega antes, vai fazer o quê até entrar no avião? E mesmo no voo. Se ele tem mais de uma hora, você vai ficar fazendo o quê no voo? Comer, só? Não tem o que fazer. Então, você carrega essas ferramentas. No caso do voo, você não pode usar a Internet, mas, tendo baixado o arquivo, você pode ler, trabalhar, fazer muita coisa. Eu sou muito produtiva *on the go*. E lamento muito que isso não existisse uns 20 anos atrás, porque ia usar muita coisa. (Entrevistada 2)

Ela nos conta que, quando esteve nos Estados Unidos, em 1991, uma carta levava 15 dias para chegar de lá até o Brasil. E, através do sistema BITNET⁸⁵, levava “somente” três dias. *“Isso era uma vantagem que você não tem ideia. Agora, as coisas estão de um jeito que, se você mandar uma mensagem para uma pessoa e ela não te responder em dois dias, você acha que tem alguma coisa errada.”*

⁸⁵ BITNET foi uma das primeiras formas de comunicação via rede desenvolvida para otimizar a interação entre a comunidade acadêmica. Foi criada em 1981 pelos pesquisadores Ira Fuchs e Greydon Freeman na Universidade da Cidade de Nova Iorque (CUNY). A primeira conexão foi feita entre as universidades de Yale e a CUNY. No final da década de 80, a BITNET conectava cerca de 450 universidades e instituições de pesquisa e 3 mil computadores na América do Norte e Europa. Fonte: http://www.livinginternet.com/u/ui_bitnet.htm

Sendo assim, acredita que a presença das tecnologias digitais em sua vida trouxe muitas coisas positivas, principalmente por permitir-lhe acompanhar acontecimentos importantes em tempo real e poder interagir com as pessoas como se, realmente, estivessem juntas fisicamente.

Ela destaca que, no seu trabalho como orientadora, as tecnologias são muito importantes, pois permitem uma interação rica com seus orientados, tornando o processo mais produtivo.

No contexto dessas tecnologias, a posição física é irrelevante. Semana que vem uma aluna minha vai defender o mestrado e a dissertação dela foi feita comigo quase o tempo inteiro na nuvem. O experimento foi no campo, eu fui lá e a acompanhei, mas a montagem da dissertação e nossa discussão foi toda feita na nuvem. (Entrevistada 2)

Para a entrevistada esse é um forte exemplo de que, se as pessoas estão dispostas a trabalhar assim, o resultado é bastante positivo. Porém, para que sua presença na rede se torne produtiva, ela costuma não ficar visível para todos, fica sempre escondida (evitar o excesso de interrupções). No entanto, solicita aos seus alunos – aqueles com quem interage mais frequentemente, que fiquem conectados, (*“podem até ficar invisíveis, mas conectados”*). Isso porque, caso tenha uma ideia, leia alguma coisa interessante, ou mesmo pense em algo que possa gerar um bom trabalho, consiga “imediatamente” conversar sobre aquilo com a pessoa que está “ao seu lado”.

Na sua visão, isso faz com que não se a perca oportunidade de discutir assuntos importantes apenas por não se compartilhar o mesmo espaço físico. E isso não só na parte profissional, mas na pessoal também. Ela destaca que só

não está on-line quando está participando de bancas de defesa de tese ou dissertação, ou quando está voando. *“De resto, não desligo nem pra dormir!”*

A entrevistada pontua que grande parte da sua geração ainda é relutante, tem receio de usar essas tecnologias. Para a maioria, a questão é a perda da privacidade ou o empobrecimento das relações. Com relação ao último aspecto, diz que costuma ouvir das pessoas a justificativa de que a preferência pelo contato “olho no olho” se dá pelo fato de que assim é possível acompanhar melhor as reações das pessoas. No entanto, para a entrevistada, os meios digitais, podem, em certa medida, englobar parte da riqueza de elementos das interações presenciais.

Já escutei uma explicação que é a seguinte: para esse novo mundo acadêmico, existem as pessoas que nasceram nesse mundo, estão estudando e estão à beira de entrar nessa vida acadêmica. Tem os que, como eu, adotam esse sistema, mas que não nasceram com ele - somos mutantes - e tem aqueles que são refratários a tudo isso. Então, eu me sinto um pouquinho mutante e um pouquinho dentro do sistema, mas sei que não pertencço a ele. Mesmo assim, procuro me integrar. Agora, quando essa minha geração se aposentar de vez e for fazer outra coisa - que não sei o que é, eu não me imagino fazendo outra coisa -, a geração nova, que já vem dentro desse novo sistema, vai achar tudo isso a coisa mais normal do mundo e aí não tem mais o que discutir porque isso vai ser o normal. (Entrevistada 2)

6.3 “It goes with me everywhere”

Atualmente, a rotina do executivo que entrevistamos é um pouco mais tranquila, ele não precisa mais voar os mais de 500 mil km por ano como fazia quando era funcionário de uma grande empresa de tecnologia estadunidense.

Aliás, seus deslocamentos pelo planeta modificaram-se bastante ao longo de sua vida: sua primeira grande viagem foi feita aos 16 anos de idade com sua toda sua família, em 1949, quando deixaram a Inglaterra, de navio, e se mudaram para os Estados Unidos.

Agora, aos 78 anos de idade, sua rotina diária inclui deslocamentos um pouco mais modestos, como os da academia para a casa e da casa para seu escritório. As viagens a trabalho continuam presentes, porém são menos frequentes. Há ainda as viagens de lazer e aquelas para visitar seus familiares (filhos, netos, irmãos).

Nesses movimentos, diários ou esporádicos, uma companhia sempre presente é seu computador portátil, que o acompanha a todos os lugares. No dispositivo, ele diz ter todos os arquivos e documentos importantes, além de manter-se conectado ao mundo. Cabe destacar que sua necessidade de conexão advém não apenas de seus compromissos de trabalho, mas também de outras atividades que realiza (membro da *National Aeronautic Association-NAA*) e do contato com a família.

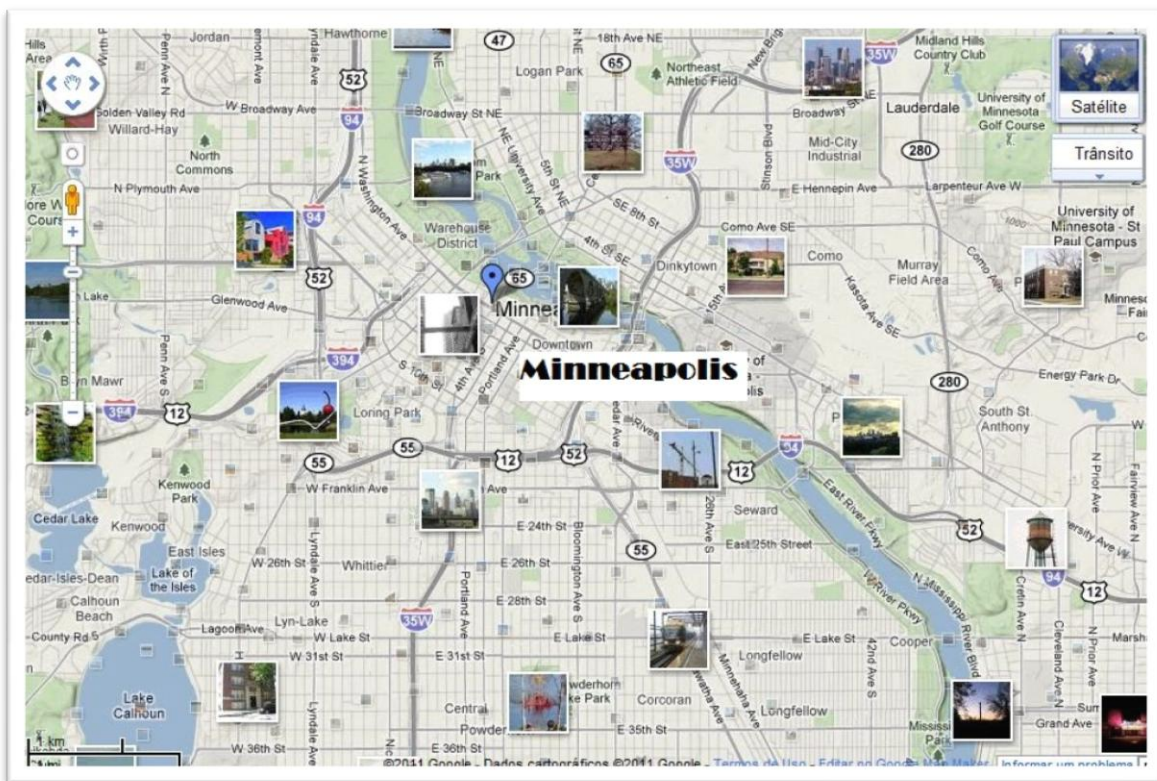


Figura 15 Parte do mapa da cidade de Mineápolis, Estados Unidos, com fotos postadas por usuários do Google Earth.

Outros dispositivos importantes no seu dia a dia são seu smartphone (Palm-Treo), especialmente útil em viagens, assim como seu GPS. Cabe destacar que este último desempenha papel fundamental em suas atividades como membro da NAA (aferição de recordes de aviação) e nas viagens de avião nas quais é o piloto.

Estou muito envolvido com o GPS, então, sempre tenho essa tecnologia comigo. Até mesmo a minha câmera tem GPS. Há dois motivos principais para usá-lo: primeiro é que quando estou voando, eu o uso o tempo todo. Segundo, eu o uso para certificar os recordes. Nesse caso, nós medimos o quão rápido um avião voa durante um percurso e depois usamos um

programa tipo o Google Earth para medir as distâncias e identificar diferentes localidades pela sua geografia.⁸⁶ (Entrevistado 3)

No seu dia a dia, além das mudanças em relação ao deslocamento físico, uma das principais alterações sentidas pelo executivo se refere ao desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação e à possibilidade de conexão generalizada, o que, em sua visão, altera fortemente o processo de tomada de decisão.

Geralmente, é muito importante, ao se tomar uma decisão, poder se comunicar durante o processo e, tendo sido tomada a decisão, ser capaz de comunicá-la prontamente. No passado, quando se ocupava um cargo de chefia e era preciso se ausentar por motivo de viagem, por exemplo, o que costumava ser feito era delegar a responsabilidade a outra pessoa. Mas isso não é mais necessário, a não ser que a pessoa esteja doente ou impossibilitada de trabalhar. Hoje, como podemos estar conectados o tempo todo, o ato de delegar responsabilidades não é mais tão comum como costumava ser.⁸⁷ (Entrevistado 3)

Ele nos conta que, ao se formar em Ciência da Computação, começou a trabalhar para a para uma grande empresa de tecnologia. Naquela época, vivia na Califórnia e a sede da empresa ficava em Nova Iorque. Sendo assim, caso quisesse fazer uma ligação para a sede precisava realizar uma chamada à

⁸⁶ “I’m very involved with GPS so I always have a GPS technology with me. Even my camera has GPS now. Everything has GPS now. There are basically two main reasons why I use GPS: one is when I’m flying I use GPS all the time. Then secondly I use GPS to certifying all records. So we measure how fast an airplane is going over a course and then I use a special program like Google Earth for measuring distances and identifying different locations by their geography.”

⁸⁷ “It is usually very important when making a decision to communicate during the decision making process and also having made a decision being able to communicate the decision. And that should be done promptly. In the days past, what we used to do is if we were in a position of responsibility and we are going to be traveling then we will delegate our responsibility to someone else. But that is not necessary so much anymore. It is maybe necessary if someone is ill, is in the hospital, is unable to conduct business. But today, because we can be in touch at all time, the delegation of responsibility is not so common as it used to be.”

distância que, além de demandar um operador para executar a chamada, nem sempre era bem-sucedida. Agora, se a ligação fosse para outro continente (foi responsável pelas atividades da empresa na Europa durante algum tempo), era preciso agendar um horário. Caso contrário, a única comunicação possível era através do envio de carta.

Assim, para ele, a velocidade imprimida aos processos de comunicação impactou a forma como as empresas se organizam, tanto em termos dos processos de decisão, conforme mencionado, mas também em relação à sua estruturação física. Ele comenta o quão mais fácil é para as empresas manterem hoje em dia unidades de produção em outros países, pelo fato de que a comunicação está facilitada.

O entrevistado destaca que não somente seu universo de trabalho se modificou, mas o seu ambiente doméstico alterou-se profundamente ao longo dos anos. Durante sua infância e grande parte da sua adolescência teve pouco acesso às tecnologias: sua casa na Inglaterra não tinha telefone e, como seus pais eram surdos, não tinha também televisão, nem rádio. Hoje, ele enxerga sua vida como um pouco mais complexa, pelo simples fato de que se vê constantemente envolvido em múltiplas atividades simultaneamente.

A gente pode estar sentado no escritório e realizar compras através da internet. Então, podemos estar envolvidos em múltiplas atividades ao mesmo tempo e isso não era possível antes. Nesse caso, a vida era bem mais simples porque precisávamos gerenciar poucas interfaces. Hoje, esse ambiente comunicacional móvel e dinâmico faz com que, em certa medida, não tenhamos controle sobre nosso próprio tempo, nossa própria vida. Estamos disponíveis, se desejarmos, por exemplo, através de nossos telefones celulares, para sermos alcançados em qualquer lugar a qualquer

hora por qualquer pessoa. Por isso, é muito mais difícil isolar-se.⁸⁸
(Entrevistado 3)

Nosso entrevistado pontua que, ainda que as tecnologias sejam importantes aliadas no seu dia a dia, por vezes, precisa se desconectar. Primeiro para que o tempo dedicado a outras atividades tenha mais qualidade e segundo porque o ajuda a pensar melhor em situações mais complicadas.

Com relação à produção e ao consumo de informações, ele destaca o fato de que a nossa capacidade de gerar informação foi ampliada não apenas pelo acesso à informação, mas também pelos dispositivos técnicos que tornaram possível manipulá-la: salvar, armazenar, distribuir.

Por fim, ainda pensando na ação das tecnologias sobre o ambiente de trabalho, ele avalia que, ao mesmo tempo em que se tem uma melhora nos processos que envolvem planejamento, o que, por conseguinte, aumenta a qualidade do negócio, há também uma demanda por respostas rápidas. *“Se pode ser feito agora, alguém tem que fazer. Então, de certa maneira, criamos uma tarefa cujo objetivo final é superar a tecnologia que estamos usando.”*⁸⁹

⁸⁸ “We are constantly involved in multiple activities concurrently and so we can be sitting in the office and shopping over the internet. So we can be involved in many different activities at the same time. And this wasn’t possible before. So life was very much simpler because there were fewer interfaces that we were managing. And today’s mobile, dynamic communication environment, in some extend, we do not control our own time, our own lives. We are available, if we will, for instance, with our cellphones, to be reached anywhere, anytime by anyone. So it’s much more difficult to isolate oneself.”

⁸⁹ “Because it can be done now, someone has to do it. So in a way we have created a task which is the outgrowth of the technology that we are using.”

6.4 “Ya hace tiempo que no llevo una rutina fija”

Desde que terminou a faculdade, o destino do nosso entrevistado é viajar pelo mundo. Atualmente, vive na Austrália, onde realiza trabalhos temporários no campo, colhendo frutas e vegetais. *“Não é uma rotina propriamente dita, mas é o mais estável que fiz no meu último ano.”*⁹⁰ Esses trabalhos temporários são a forma encontrada pelo nosso viajante para financiar suas andanças pelo mundo.

De acordo com nosso entrevistado, a principal motivação para o seu movimento físico é apenas um desejo de descobrir o mundo a si mesmo. O movimento constante, em sua visão, torna-se uma aprendizagem, um processo contínuo de mudança de hábito, que também não deixa de ser uma atividade extremamente prazerosa.

Atualmente, percorre a Austrália numa van, por oferecer, segundo ele, uma boa relação custo/benefício. Para as viagens mais longas, o meio de transporte mais utilizado é o avião. No que concerne às tecnologias de informação e comunicação e ao movimento, destaca que a Internet é uma ferramenta fundamental para o planejamento e a realização da viagem. Através dela obtém informações importantes sobre o lugar que irá visitar e realiza suas primeiras observações: cultura, costumes, alimentação, moeda, trabalho, onde ficar, consulta a mapas, etc.

Nesse sentido, seu computador portátil com acesso à Internet móvel é seu companheiro indispensável de viagem, juntamente com seu reproduzidor de

⁹⁰ “No es una rutina propiamente dicha, pero es lo más estable que he hecho en mi último año.”

música. O celular fica para situações de emergência ou para se comunicar dentro do país já que os custos dessa tecnologia costumam ser mais elevados para comunicações de longa distância.

Assim, na visão do nosso entrevistado, a viagem começa pela tecnologia que não somente ajuda com os preparativos, mas também auxilia bastante durante a viagem, seja através da possibilidade de baixar guias turísticos, acessar mapas de maneira interativa e usar o tradutor, ou mesmo por minimizar a sensação do deslocamento, tendo em vista as opções de entretenimento disponíveis: jogos, música, vídeos.

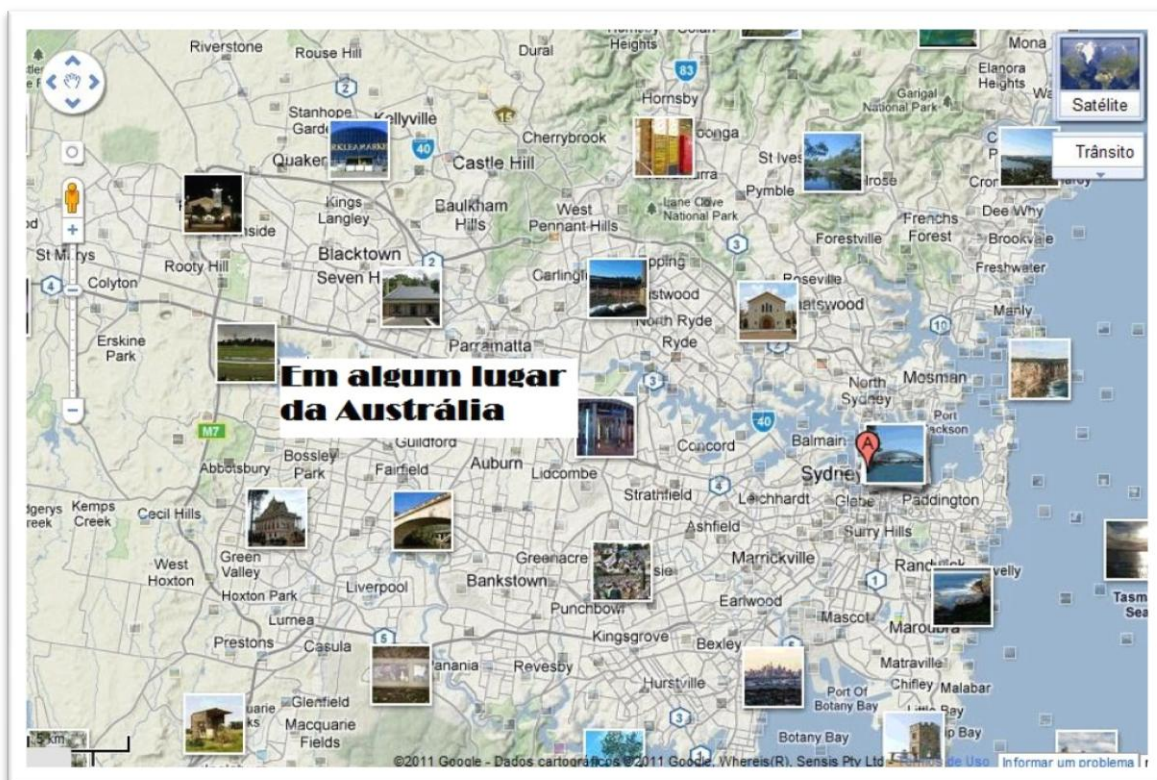


Figura 16_Parte do mapa da Austrália, próximo a Sidney, com fotos postadas por usuários do Google Earth.

Além de obter informações sobre seu novo destino, ele também usa a Internet móvel para estar em contato com a família e os amigos, principalmente através das redes sociais. Aliás, atribui à proximidade gerada pelo desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação a liberdade com que se move fisicamente.

Acredito que as tecnologias de informação e comunicação são as responsáveis principais pelas mudanças ocorridas nas formas como as pessoas se movimentam. Elas permitem que não somente conheçamos mais as diversas possibilidades de se viajar – através de blogs e fóruns -, mas também nos possibilitam compartilhar um mesmo espaço com pessoas que estão fisicamente distantes. O que quero dizer é que as tecnologias me dão a oportunidade de conversar com minha família no momento em que preparo meu jantar e eles, seu café da manhã.⁹¹ (Entrevistado 4)

6.5 “A última viagem que eu fiz, boa pergunta...”

Não ter rotina faz parte do estilo de vida do nosso entrevistado que vê o fato como algo positivo: “O bom da minha rotina é não ter rotina e isso tem a ver até o com fato d’eu ter escolhido ser músico. Eu não gosto da rotina. Nunca fui empregado de uma empresa. Eu sempre tive bandas”.

Nos dias da semana, geralmente, ele está em São Paulo, onde vive há alguns anos. Além de músico profissional e colunista esportivo, também é produtor e professor de produção musical. Pelo fato de o movimento ser uma

⁹¹ “Creo que las tecnologías de información son una de las principales razones de este cambio de hábito en la forma de viajar. No solo son las responsables de que conozcamos más acerca de estos tipos de viajes, a través de blogs y foros, sino que también nos permite estar en un mismo "espacio" con aquellas personas que no están físicamente cerca, a través de las redes sociales, es decir, la tecnología de información me dan la oportunidad de charlar con mis seres queridos durante mis cenas, mientras que ellos se preparan el desayuno.”

constante em sua vida, quando perguntado sobre sua última viagem, o músico teve dificuldade em se lembrar prontamente. *“A última viagem que eu fiz, boa pergunta... (risos) Nossa, vou ter que olhar na agenda aqui porque são tantos lugares que, às vezes, a gente nem sabe onde está.”*

A sua rotina, entrecortada pelo movimento, garante dias da semana mais ocupados e outros mais tranquilos. “Não existe um padrão. É tudo muito dinâmico, o único padrão que existe é eu ter meu Twitter, meu Facebook, meus e-mails, essa é a minha ilha. Apesar de estar em lugares diferentes, a gente finca o pé em alguma coisa. No mundo virtual você tem seu ambiente fixo, né.”

E, para habitar esse mundo virtual, o artista está equipado com seu smartphone, um iPhone 4, e o tablet da Apple. Apesar de possuir um plano de dados para uso de sua conexão 3G nesses dispositivos, ressalta que quase nunca a utiliza, pois circula por muitos ambientes Wi-Fi, fazendo, então, uso preferencial desses territórios informacionais.

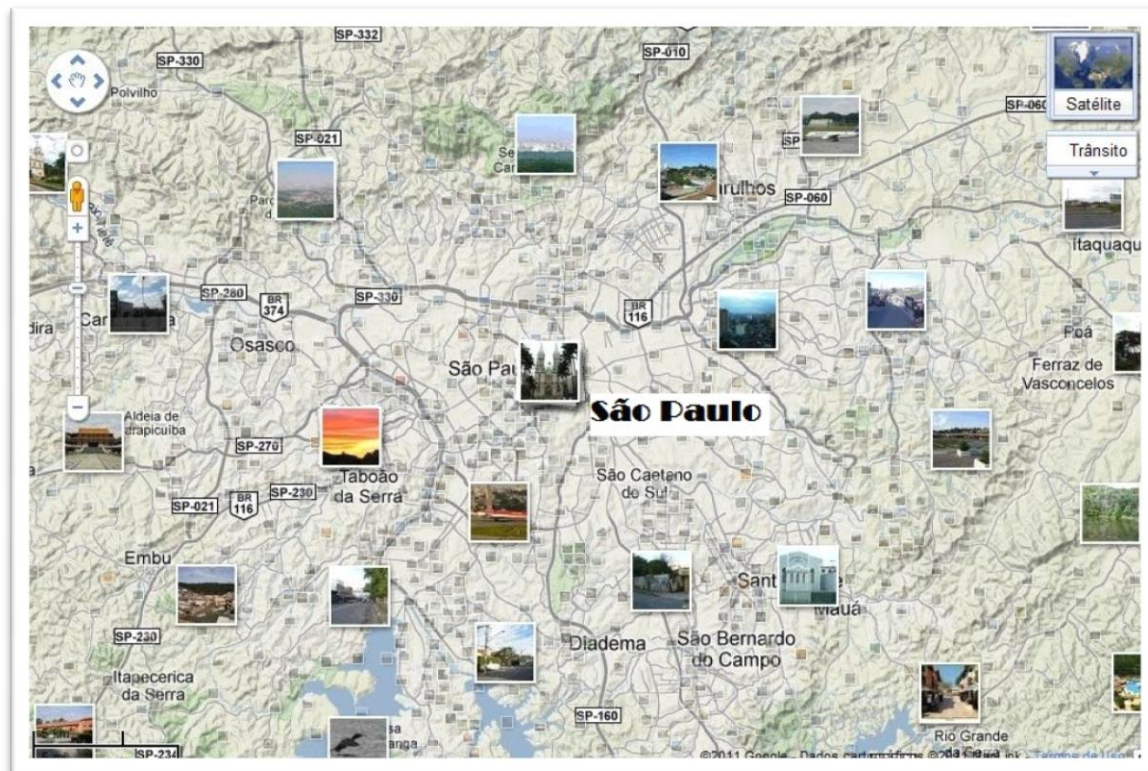


Figura 17_Parte do mapa da cidade de São Paulo, capital, com fotos postadas por usuários do Google Earth.

Com relação às atividades que realiza através de seus dispositivos móveis, principalmente do smartphone, multiplicidade é a melhor palavra que define sua utilização. O entrevistado disse acessar frequentemente as redes sociais (Twitter e Facebook), seus e-mails, além de aplicativos como Viber⁹² e WhatsApp⁹³. Ele também acessa a versão *mobile* de seu banco, além de um aplicativo especialmente voltado para gestão financeira. Ele também costumava escrever suas colunas através do iPhone, porém, desde que adquiriu um tablet

⁹² O Viber é um aplicativo gratuito que permite a realização de chamadas e o envio de SMS's sem custo entre usuários que tenham o dispositivo instalado em seus smartphones. Atualmente, o aplicativo está disponível para o iPhone e celulares com sistema operacional Android. Site: www.viber.com.

⁹³ O WhatsApp é um aplicativo similar ao Viber, porém não oferece a opção de realização de chamadas, apenas o envio de mensagens SMS e multimídia. No caso, está disponível para iPhone, BlackBerry, Sistemas Android e Nokia. Site: www.whatsapp.com.

tem preferido escrevê-las por lá. Por fim, ele destaca que o iPhone acabou substituindo a máquina fotográfica amadora. Assim, utiliza o aparelho para fazer fotos dos lugares onde se apresenta.

Porém, dentre todos esses usos feitos do dispositivo, ele cita como um marco da forte sensação de necessidade que possui em relação ao seu smartphone o dia em que pôde plugar sua guitarra ao aparelho e, através de um aplicativo especial, ensaiar suas músicas. *“O dia que eu ensaiei com o iPhone, que eu liguei minha guitarra no aparelho foi meio ‘pirante’! Falei: meu Deus, nunca que ia imaginar isso na minha vida!”*

Diante disso, para ele, ter um smartphone apenas para realizar chamadas é um “desperdício”. Portanto, procura explorar todas as possibilidades que o dispositivo pode oferecer, tanto que, atualmente, tornou-se uma espécie de “conselheiro tecnológico” de amigos, colegas e familiares, dando dicas sobre aplicativos e recursos interessantes.

Você tem tudo numa coisa só e é fogo porque você acaba criando um laço muito forte com o aparelho, fica querendo não deixar riscar, não deixar cair. Já tentaram me roubar o iPhone aqui em São Paulo. Um amigo me ligou na avenida Angélica, que é perto de onde eu moro, e um moleque passou de bicicleta atrás de mim e tentou pegar. Mas, quando eu falo no iPhone na rua, eu o seguro tão firme que o menino quase caiu da bicicleta. Ficou grudado. Daí fiquei imaginando se o cara rouba meu iPhone, se ele cai e quebra...ficaria bem chateado..., então, meu laço afetivo com o aparelho é bem grande ultimamente. (Entrevistado 5)

Sobre o tempo em que permanece conectado, o músico disse não conseguir mensurar precisamente, pois, ainda que não esteja realizando alguma

atividade na rede, está disponível para ingressar em interação, caso seja do seu interesse.

Não há um lugar específico onde fico mais conectado. Às vezes fico mais em casa, mas se é uma semana em que estamos viajando, fico muito conectado no ônibus. Mas a questão é que sempre estou dando uma checada nas minhas redes. Às vezes, estava indo dar aulas de metrô, por exemplo, e ficava meio encanado de usar meu celular na rua, mas, hoje, vejo que no metrô todo mundo tem, todo mundo usa. Então, eu não resisto e sempre dou uma olhada. (Entrevistado 5)

Ele destaca que esse acesso constante aos ambientes de conexão é, de certo modo, recente em sua vida e acredita que quem viveu a era “pré-mobilidade informacional” pode até fazer um uso mais otimizado das tecnologias por saber o que representa não tê-las tão disponíveis assim.

Tinha que ligar do orelhão se não estivesse em casa ou se estivesse viajando. Para falar com alguém fora do Brasil, era correio. Eu namorei uma inglesa durante cinco anos e era carta. Hoje, você pode falar, ver a pessoa quase que o tempo todo, se você quiser. Parece que é outra vida. É impressionante como a coisa evoluiu, como tudo ficou perto, como tudo ficou fácil. As dificuldades de comunicação eram enormes. Às vezes, a gente não tinha como falar com alguém por dias, era outro mundo. (Entrevistado 5)

Na sua visão, esse mundo conectado trouxe aspectos positivos que se relacionam à capacidade de se aproximar e de conhecer pessoas, fazer mais contatos e, assim, melhorar seu desempenho profissional, por exemplo. O lado negativo de tudo isso, seria o fato de a própria proximidade gerada pelas tecnologias tornar o sujeito mais vulnerável (“*pessoas que usam a rede para agredir*”). Além disso, o excesso de interação pode gerar certa ansiedade.

Você acaba ficando estressado ao se colocar na obrigação de responder a todo mundo que quiser falar com você. Você acaba perdendo mais tempo na manutenção dessas redes, mas, ao mesmo tempo, você ganha em velocidade de informação. Tudo fica muito rápido e, querendo ou não, tem uma hora em que você precisa baixar a bola. 'Meu', preciso de um tempo para viver como antigamente, ler um livro, tocar minha guitarra tranquilo sem celular tocando, sem internet com seus milhares de e-mails para responder. (Entrevistado 5)

Mas, apesar da presença invasiva dos dispositivos móveis, ele destaca que não consegue ficar sem o aparelho, pois toda sua vida está, de certa forma, entrelaçada ao dispositivo. *“Fica sendo o eletrônico mais importante da minha vida, só não é mais importante que a minha guitarra, mas até da guitarra ele conseguiu ficar amigo. Agora os dois interagem!”*

Para o entrevistado, as possibilidades trazidas pelo acesso constante à informação tornam todo esse movimento de certa maneira natural:

Você vai para algum lugar e quer saber como está o trânsito para lá. Vai para alguma cidade e quer saber sobre como está o tempo por lá. Há informação para coisas básicas e para coisas maiores também. Teve o terremoto no Japão e eu seguia um japonês no twitter que me informava, em tempo real, sobre o que estava acontecendo por lá. (Entrevistado 5)

No que se refere ao movimento físico, ele destaca que a forma como realiza seus deslocamentos não sofreu grandes alterações: continua viajando de ônibus e parando em “lugares estranhos”: *“Enquanto não inventarem o teletransporte, acredito que pouca coisa irá mudar.”* Porém, o tempo da viagem torna-se mais produtivo já que é possível mover-se acompanhado dessas tecnologias que, em sua visão, ajudam a passar o tempo mais rapidamente e o mantêm informado sobre o que está acontecendo. Além disso, é possível

estabelecer interações com pessoas que você ainda vai “conhecer” e manter-se conectado àquelas que já fazem parte de sua vida.

Até mesmo quando a gente informa nas redes que vai tocar em algum lugar, já consegue receber as manifestações dos fãs que vão estar por lá. O dispositivo permite que, mesmo estando em outros lugares, você saiba o que está acontecendo na sua vida, você continue tendo o controle, sabendo o que você precisa saber. (Entrevistado 5)

6.6 “Nem que seja por sinal de fumaça, você vai conseguir falar com alguém.”

Há três anos ela deixou de vez a cidade de Niterói e foi viver em Maputo, capital de Moçambique, atuando como coordenadora de produção para uma produtora de vídeo brasileira. Desde então, sua rotina é estar sempre em movimento e conectada, por isso atribui o estilo de vida que leva à sua profissão.

Meu trabalho faz com que esteja sempre em movimento, em deslocamento. Além disso, a nossa prática profissional mudou muito. Por causa dessa mobilidade da informação, ganhamos em rapidez na produção de vídeos, de reportagens, na comunicação entre as equipes. (Entrevistada 6)

A partir de seu BlackBerry, que quase nunca é desligado, ela acompanha os e-mails em sua caixa de entrada e se comunica bastante através do BlackBerry Messenger⁹⁴ (BBM), Google talk (via telefone) e e-mail.

⁹⁴BlackBerry Messenger é um aplicativo de mensagens instantâneas desenvolvido especialmente para os smartphones BlackBerry. Seu layout assemelha-se a um bate-papo on-line e não possui limite de caracteres. No caso, o aplicativo acaba por substituir o uso de SMS entre usuários Blackberry por ser um serviço gratuito para quem tem esse smartphone.

É uma vida meio on-line, principalmente, por conta da distância física de algumas pessoas que trabalham comigo. A produtora tem escritórios aqui, em SP, RJ e Brasília e assim quase toda comunicação é feita via internet, seja por Skype, por e-mail ou via BlackBerry Messenger. (Entrevistada 6)

Nesse momento, pondera que, se não fosse pela sua profissão, talvez não tivesse tanto contato com as tecnologias. A sua percepção é de que segue a tendência do seu entorno. A entrevistada destaca que os celulares estão entre os principais objetos de consumo no país, e um dos fatores que, na sua visão, estimularia esse comportamento seria a precariedade da infraestrutura da rede fixa de lá. *“Aqui as pessoas quase não têm telefone fixo, só celular. Empresas, às vezes, tem celular em vez de telefone fixo.”* Outro fator levantado pela entrevistada refere-se ao uso do SMS que, na sua visão, tem uma grande importância não só para as interações pessoais, mas também para as relações de trabalho.

Com relação às tecnologias mais presentes no seu dia a dia, ela destaca o smartphone e o computador portátil. No caso da primeira, pontua que o uso não é apenas para estar em contato com a equipe, mas também para realizar a pré-produção: os vídeos são gravados através do celular e, a partir do próprio dispositivo, eles são encaminhados para a equipe de direção. Esta, por sua vez, assiste, faz os comentários, tudo on-line. *“Daí a importância de se ter um celular conectado, e munido de recursos de vídeo e foto.”*

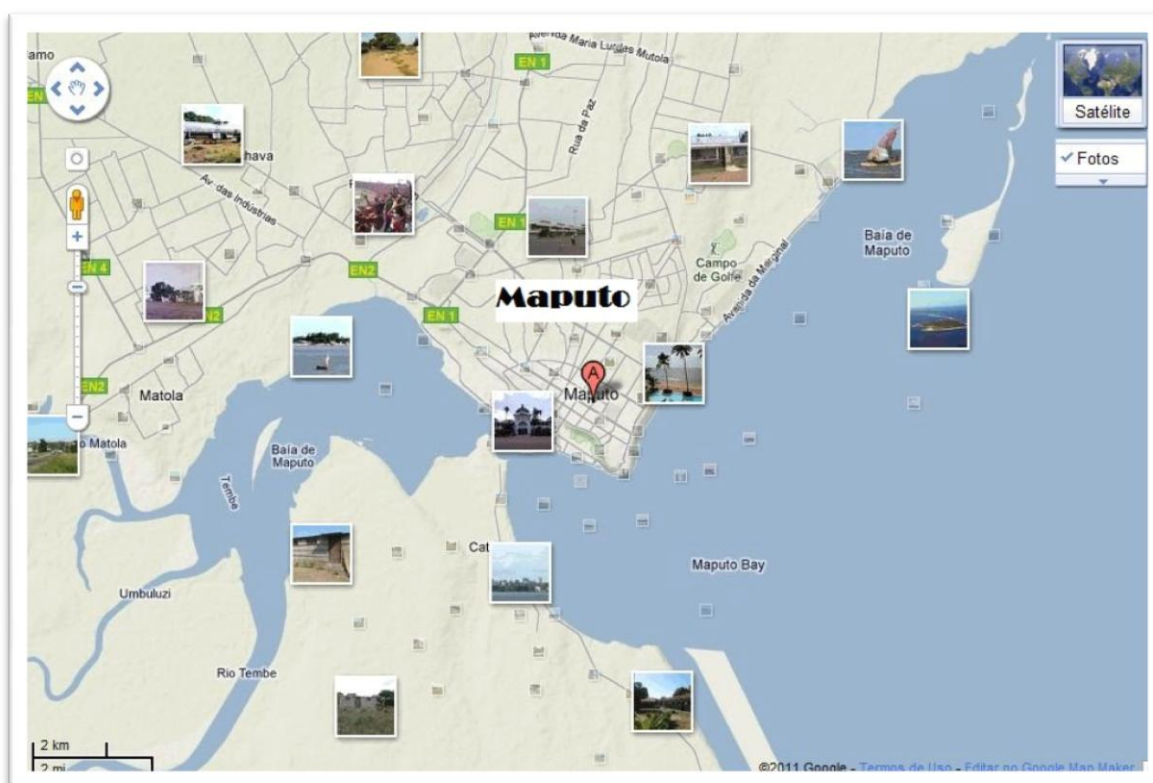


Figura 18 Parte do mapa da cidade de Maputo, Moçambique, com fotos postadas por usuários do Google Earth.

Para a entrevistada, fazer e enviar as gravações através do aparelho tornou o processo bem mais dinâmico, quando comparado ao modelo anterior: fazer com uma câmera, descarregar para o computador, diminuir a resolução e depois enviar. O interessante é que esse processo, agora considerado lento, já havia sido uma “revolução” quando comparado às pré-produções antes da era digital.

Se, para o trabalho, os recursos multimídia dos celulares são amplamente explorados, quando interage com a família, a entrevistada disse fazer um uso “bem mais tradicional” do dispositivo, ou seja, a comunicação via voz. *“As ferramentas multimídias ficam mais para o trabalho. É meu uso mais*

multifacetado do aparelho. Com a família, são mais ligações, no máximo, o envio de uma foto.” Conta que, geralmente, nas viagens que faz, utiliza o Skype e o e-mail para se comunicar com a família. Já quando se desloca a trabalho, costuma adquirir um número local. Ainda com relação ao celular, pontua que não há um lugar para onde não o leve.

Às vezes o que faço é desligar na hora de dormir, mas é muito rápido. Só desligo quando estou muito cansada, até porque, quando você vive afastada da família, fica com essa coisa de querer manter o celular ligado, caso aconteça alguma coisa, alguma urgência. E, novamente, tem a questão do trabalho, principalmente, por estarmos em fusos horários diferentes. O material chega pra nós na madrugada daqui, que é final do dia no Brasil. (Entrevistada 6)

Retomando a discussão em torno das alterações ocorridas em sua prática profissional pelo uso das tecnologias de informação, a percepção é de que houve uma aceleração nos processos. *“Você não espera mais chegar ao escritório para poder trabalhar. Você, às vezes, está trabalhando desde a hora que acordou e escovou os dentes. E se quer falar com o colega, não precisa ser pessoalmente, pode ser (e muitas vezes o é) através das tecnologias.”*

Porém, apesar de a mobilidade trazer, na visão da entrevistada, cada vez mais alternativas para se comunicar, para estar em vários lugares sem precisar estar fisicamente, há um estresse e uma ansiedade que são gerados justamente pelo acesso constante a essas tecnologias. *“Você está sempre querendo responder e limpar sua caixa de mensagens e aí vira um vício, uma loucura. É preciso saber a hora de pôr um basta: estou jantando com meu marido e não vou responder meu BlackBerry. Vou deixá-lo piscando.”*

Por outro lado, a impossibilidade de utilizar essas tecnologias é também uma situação desconfortável, principalmente no contexto profissional. Ela nos conta que, quando esteve a trabalho na Zâmbia, num vilarejo que ficava a 200 km da capital do país, ficou “*sem celular, sem Internet, sem nada*”.

Foi um momento em que ficamos realmente isolados e só consegui ligar, com muito custo, quando subi num telhado. Quando consegui completar a chamada para a nossa produtora, ela me disse: ‘Ah, mas eu mandei tudo para o seu e-mail’. Foi então que respondi que não adiantava porque não havia como acessar a rede. A solução foi ela me dizer tudo por telefone e eu anotar no papel para não esquecer. Dessa forma, conseguimos trabalhar, mas foi um estresse, um estresse do não acesso à tecnologia. O engraçado é que estamos tão acostumados com o mundo cibernético ideal que, às vezes, não sabemos o que fazer. (Entrevistada 6)

6.7 Narrativas em perspectiva

A partir das narrativas apresentadas, podemos perceber que, apesar de os sujeitos terem distintas motivações para o movimento e transitarem em contextos de mobilidade específicos, há regularidades nesses comportamentos e na própria percepção da mobilidade.



Figura 19_Mapa síntese da localização dos entrevistados

Um primeiro aspecto a ser destacado refere-se ao fato de os sujeitos perceberem o movimento em si como um aspecto constituinte e característico de seu estilo de vida. Seja o movimento numa perspectiva mais ampla (mudança de cidade, viagens) ou aqueles movimentos de menor amplitude, vinculados ao cotidiano.

Não existe um padrão. Não sei o que vai acontecer no mês que vêm. De repente, pinta um show e aí vamos pra não sei onde. Então, sempre teve isso. Mas, geralmente, nos dias da semana, estou em São Paulo, resolvendo as coisas musicais. (Entrevistado 5)

Já faz tempo que não tenho uma rotina fixa. Desde que terminei minha faculdade estive viajando por diversas partes do mundo.⁹⁵ (Entrevistado 4)

⁹⁵ “Ya hace tiempo que no llevo una rutina fija, desde que acabe mi cursado en la universidad he estado viajando por diferentes partes del mundo.”

Minha rotina, na verdade, é pouca rotina. (Entrevistado 1)

Assim, as tecnologias móveis, em suas diferentes manifestações (smartphones, computadores portáteis, tablets), têm grande importância para os entrevistados, sendo parceiros fundamentais para a realização de diversas atividades ligadas ao universo do trabalho e ao pessoal.

Meu trabalho desapareceria se não tivesse acesso a todas essas tecnologias. Então, de certa maneira, eu só existo porque essas ferramentas estão disponíveis. Se esses recursos não estivessem disponíveis eu não poderia executar meu trabalho e, por isso, o meu trabalho não existiria. A posição que ocupo não teria nenhum valor.⁹⁶ (Entrevistado 3)

Uso muito o celular para checar o Twitter. O Facebook, obviamente, mas não tanto quanto o Twitter. Também checo meus e-mails. Ainda uso o iPhone para ensaiar, porque tenho um aplicativo para pode ligar a guitarra nele. Utilizo-o também para checar minhas contas: acesso e uso aplicativos de bancos. Ah, e sou colunista de um site que fala sobre o Palmeiras e, às vezes, escrevo as colunas no próprio iPhone. (Entrevistado 5)

Aqui em Moscou uso meu celular para fazer praticamente tudo! Como a compra de bilhetes para metrô ou trem. Na Europa ocidental não tem muito isso, mas aqui em Moscou essa prática é super disseminada. Há um terminal onde você só encosta seu telefone e ele valida seu bilhete. E, se não tem na entrada, os fiscais também possuem um dispositivo que permite a verificação do bilhete através do telefone. Também é possível fazer a mesma coisa para a compra de ingressos para o cinema e teatro. (Entrevistado 1)

Chama-nos a atenção o aspecto relativo à sensação de segurança trazida pelo acesso constante às tecnologias móveis. Esse aspecto é percebido

⁹⁶ "My job would disappear if I didn't have access to all of this stuff. So in a way I exist because of the tools which are available. If the tools were not available I could not do my job and therefore my job will not exist. My position would not have any value."

na fala dos sujeitos quando afirmam se sentirem mais livres para se movimentar na medida em que podem facilmente acessar pontos fixos ou móveis de suas múltiplas redes de conexão (copresença virtual).

É tudo muito dinâmico, o único padrão que existe é eu ter meu Twitter, meu Facebook, meus e-mails, essa é a minha ilha. Apesar de estar em lugares diferentes, a gente finca o pé em alguma coisa. No mundo virtual você tem seu ambiente fixo, né. (Entrevistado 5)

Outro aspecto que também se vincula, em certa medida, à sensação de segurança, mas que se relaciona, principalmente, ao fato de o uso dessas tecnologias encontrar-se amplamente disseminado - fazendo com que os sujeitos nem se deem conta do quanto estão imersos nos ambientes de conexão (tecnologias transparentes/ubíquas) -, refere-se ao incômodo causado quando da impossibilidade de acesso às redes móveis.

Não sei, acho que esse movimento, essa dinâmica é algo que já faz parte, você nem pára para pensar. Quer dizer, você só pára pra pensar quando fica sem, quando fica bloqueada. Como o que nos aconteceu na China e que já ocorreu outras vezes - ficar sem bateria, ou ter problemas técnicos na rede, ficar sem sinal. Estou falando como se a cibernética aqui em Moçambique fosse uma maravilha. Às vezes, aqui, a rede de telefonia não ajuda. A telefonia móvel corta e o país fica sem comunicação. O sistema todo aqui é por fibra ótica e, quando ela corta, acontecem todos esses problemas. Ah, aqui a gente também enfrenta o problema de congestionamento de rede. (Entrevistada 6)

A única coisa que me incomoda é quando isso tudo não funciona. No dia anterior à nossa entrevista, houve um tornado em Campinas e, aqui em casa, às 18h fiquei sem luz. Sabe que horas que voltou a luz? 1h da manhã! Então, usei toda a bateria do notebook, toda a bateria do telefone para fazer as coisas que eu tinha que fazer. Acabou até a vela (risos), eu teclando com a vela do lado e ai, acabou a vela, não tinha mais nada para eu fazer e então fui dormir. Essa vida da nuvem é muito mais produtiva quando você

tem uma estrutura condizente. Funciona tudo melhor, tudo dá certo. Aqui a gente vai aos “soquinhos”. (Entrevistada 2)

Ano passado fui cobrir as eleições Na Bielo-Rússia, e estava com meu telefone russo e o bielo-russo. E meus editores no Brasil já sabiam que meu telefone bielo-russo seria bloqueado porque a Bielo-Rússia é uma ditadura. Então, eles me ligavam no telefone russo e eu ditava a matéria por telefone. Na hora da apuração, estava na praça e todos os jornalistas ficaram sem telefone. Os telefones que temos com o consulado da Bielo-Rússia foram cortados, ficamos sem Facebook, os sites da oposição também ficaram fora do ar, não conseguíamos entrar no Google e aí a única maneira era utilizar os telefones dos nossos países de “origem”. A solução foi ditar as informações e o meu editor no Brasil cuidou de dar a forma final. (Entrevistado 1)

A fim de evitar essas situações, alguns participantes chegam a adotar procedimentos que buscam garantir que as informações, ou determinada ação, consideradas importantes, estejam sempre à mão ou facilmente acionáveis.

O que fazemos é tentar antecipar situações nas quais poderemos não ter acesso às tecnologias. Assim, não perdemos o controle da situação. Você tenta se antecipar quando a pessoa com que você precisa conversar não está disponível, ou se você não estará disponível.⁹⁷ (Entrevistado 3)

Aqui no Brasil, se você está num lugar onde todo mundo resolve usar a conexão você fica sem rede, ou fica tudo muito lento. Então, trabalhar na nuvem, numa situação precária como essa é bastante difícil. Mesmo a nossa conexão banda larga é muito ruim. A nossa internet é muito lenta. E, para mim, não tem jeito, eu sempre tento carregar meus arquivos comigo, mas eles nunca estão tão atualizados como aqueles que eu coloco na nuvem. (Entrevistada 2)

⁹⁷ “I think what you try to do is try to anticipate when this may happen. So you don’t lose control of the situation. You try to anticipate when the person you need to talk to is not be available or if you are not going to be available.”

As questões vinculadas ao conceito de mobilidade produtiva também estão bastante presentes nas narrativas. Além de permitirem maior coordenação das atividades, já que se tem a possibilidade de organizar melhor as rotinas, o acesso e a produção de informações em movimento parecem encurtar o deslocamento.

Na questão da informação móvel, o tempo passa mais rápido e ficamos mais próximos das coisas que estamos mais acostumados: da família, amigos, trabalho. Chega um e-mail de trabalho importante e você consegue responder em tempo. Lembro que no final do ano, quando estava indo viajar, pintou um trabalho pra fazer, a abertura do cinema em casa, véspera do ano novo. Se fosse antigamente, a pessoa provavelmente me iria me ligar em casa e, ao não me encontrar, poderia passar o trabalho pra outra pessoa. (Entrevistado 5)

Há que se destacar que, em alguns momentos, a mobilidade produtiva chega a promover o comportamento multitarefa. Esse último, assim como a atenção parcial contínua, pode ser percebido nos relatos através, por exemplo, da constante necessidade, esboçada pelos participantes, de verificar o status dos seus dispositivos.

Não sei te dizer quanto tempo fico conectado. Às vezes, estou fazendo alguma outra coisa e paro para dar uma olhada no que está acontecendo, fico bastante na rede. Posso dizer que estou conectado o dia todo, checo meus e-mails e redes ao longo do dia. (Entrevistado 5)

O meu dia a dia é assim, conectado. Tenho um BlackBerry, fico atendida aos e-mails 24h, o meu celular não desliga, me comunico muito com as pessoas via BlackBerry Messenger e Google talk pelo próprio telefone, e também, é claro, por e-mail. É uma vida meio on-line, principalmente, por conta da distância física de algumas pessoas que trabalham comigo. (Entrevistada 6)

Nas narrativas apresentadas, vemos que a conexão possibilitada pelo uso de tecnologias móveis é um dos aspectos mais significativos da mobilidade por fluxos informacionais. Conectamo-nos para o lazer, para o trabalho, para o estudo, para nos localizar, para consumir, para expressar sentimentos. O tempo inteiro, através dessas tecnologias, reafirmamos nossa presença no mundo.

Os pontos significativos anteriormente destacados nos mostram distintos indivíduos em mobilidade e o tipo de necessidade que eles têm para conectar a vida. Assim, tomamos o sujeito móvel como um sujeito que, a todo o momento, reconfigura suas necessidades de mobilidade, costurando movimento físico, tecnologia e trocas de informações.

Principais características da mobilidade por fluxos informacionais na perspectiva dos entrevistados	
Encurtamento das distâncias	As distâncias tornam-se menos perceptíveis na medida em que a tecnologia promove uma aproximação com aquilo que interessa aos sujeitos.
Mobilidade produtiva (“espaços vazios”)	Mover-se fazendo uso das tecnologias minimiza os incômodos causados pelo deslocamento, tendo em vista a possibilidade de preencher o espaço-tempo com atividades diversas.
Comportamento multitarefa	Para além do uso das tecnologias nos “espaços vazios”, os sujeitos munidos de dispositivos móveis passam a realizar atividades de maneira concomitante, na medida em que transitam entre o ambiente real e o tecnologicamente mediado.
Atenção parcial-contínua	A vivência da conexão generalizada gera nos sujeitos um permanente estado de alerta para as possibilidades de interação com outros sujeitos e com informações via dispositivos móveis.
Ampliação da noção de copresença	A crescente mediação dos rituais de interação sociais amplia a noção de copresença, criando novas formas de “estar junto”.

Quadro 6_Principais características da mobilidade por fluxos informacionais na perspectiva dos entrevistados

Colocar-se em movimento, seja fisicamente, ou através das informações que circulam nas redes móveis é algo que, para determinado grupo social, tornou-se um estilo de vida. Podemos até mesmo afirmar que a intensificação do movimento físico advém da capacidade de os sujeitos se manterem conectados a maior parte do tempo: acessando e disseminando informação. Assim, vivenciar a simultaneidade dos acontecimentos distantes no espaço acaba se tornando algo corriqueiro e os fluxos informacionais se entrecruzam num ritmo frenético ditando o pulsar desses caminhantes por entre lugares e “não-lugares.”

A presença das tecnologias no movimento traz, além da percepção de que o tempo de deslocamento diminui - pois passa a ser ocupado com outras atividades -, a sensação de proximidade com as coisas que são importantes aos sujeitos, como a família, os amigos, o trabalho.

Modificam-se as rotinas, o trabalho, as amizades e até os amores se tornam mais líquidos (Bauman, 2004). Já tão acostumados ao constante acesso e assédio das tecnologias, as situações problemáticas advêm dos momentos em que não é possível estabelecer uma conexão.

Certamente, a expansão da plataforma sem fio representou uma mudança significativa no que concerne às trocas informacionais. Castells (2011), na conferência de abertura⁹⁸ do Congresso McLuhan Galaxy⁹⁹, realizado em Barcelona, entre os dias 23 e 25 de maio deste ano, fala de como a mobilidade trouxe novas perspectivas à rede.

⁹⁸ A palestra do autor está disponível nos links: <http://www.youtube.com/watch?v=YwunBETALaM> e <http://www.youtube.com/watch?v=fAKhDEq5G4A&feature=related>

⁹⁹ <http://www.mcluhangalaxy.net/>

Segundo o autor, a expansão das possibilidades de conexão com ambientes informacionais provocou mudanças sociais e culturais significativas que se exprimem em dois processos: a individuação e a organização em rede (*individuation and networking*). Ambos estão entrelaçados e, em relação ao primeiro, Castells (2011) faz questão de frisar que o termo não deve ser confundido com individualização, pois diz da percepção, por parte do indivíduo, de sua capacidade para agir no mundo, a partir da sua conexão com o outro, da sua articulação com o outro, daí sua vinculação com a ideia de rede.

Assim, não apenas o acesso às tecnologias, hoje cada vez mais marcadas pelas características da mobilidade, é um fator importante na composição de uma sociedade na qual os indivíduos possam exercer sua cidadania, mas, como pontua Augé (2010), a mobilidade no espaço, ainda que um ideal distante para muitos, torna-se condição de possibilidade para uma “educação real e uma apreensão concreta da vida social”.

Porém, ele também nos chama a atenção para o fato de que não devemos perder nossa capacidade de nos deslocar no tempo. Ao vivermos no mundo da simultaneidade, do agora, conseguir realizar a mobilidade no tempo representa um passo importante em direção à forma mais autêntica de liberdade: a mobilidade do espírito. Isso porque, ao tomarmos consciência do tempo, desviamos nossa visão do presente perene e nos movemos na história, sendo capazes, assim, de desenvolver um olhar menos “ingênuo ou crédulo”, tornando-nos livres.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção e a disseminação de informações em movimento alteraram de forma significativa a maneira como as pessoas se informam e se relacionam na contemporaneidade. Sob o termo mobilidade informacional busca-se abarcar uma nova textura social alinhavada por informações, dispositivos de conexão, sujeitos e espaços de fluxos.

Partindo do pressuposto de que há um padrão de mobilidade disseminado social e culturalmente, e de que, nos últimos tempos, a capacidade de se mover não só por redes informacionais, mas também por redes físicas, tornou-se um valor propagado e, por conseguinte, também almejado por diferentes parcelas da sociedade, buscamos, neste estudo, traçar um percurso que nos permitisse apreender as dimensões sociais, culturais e técnicas da mobilidade por fluxos informacionais.

Para tanto, nossa análise procurou se deslocar em relação a três elementos que consideramos fundamentais para a compreensão do fenômeno em sua complexidade: a literatura sobre o tema, os dispositivos (tecnologia e mercado) e os sujeitos em movimento.

No que concerne ao discurso acadêmico, tomamos como ponto de partida os estudos sobre globalização e o advento da noção de sociedade da informação, justamente pelo fato de acreditarmos que aí se fazem presentes elementos importantes para a análise da mobilidade em suas acepções contemporâneas. Dentre eles, destacamos a questão da aceleração dos fluxos de pessoas, capital e informação e a análise de seus impactos sociais, culturais e

econômicos, assim como as discussões a respeito da criação e da difusão de sistemas materiais e simbólicos que promovem e sustentam essa noção de circulação e fluidez.

Nesse sentido, foi importante resgatar as dimensões principais do paradigma informacional para, a partir delas, podermos olhar o paradigma da mobilidade, desenhado por John Urry (2007) - que, como se pôde observar, vai muito além da mobilidade por fluxos informacionais – e, assim, estabelecer suas conexões com estudos e autores que trabalham a mobilidade mediada por tecnologias de informação e comunicação e as novas formas de sociabilidade e produção de conhecimento que emergem nesse processo.

O que se destaca a respeito da era da mobilidade, quando esta é analisada tendo como pano de fundo a era da informação, é o entrelaçamento, não determinista, entre o movimento físico e os fluxos informacionais. Ao se deslocarem pelo espaço, os sujeitos, podem lançar mão de determinados dispositivos que os permitem acessar e receber informações em movimento.

Portanto, se na era da informação chamava-se a atenção para o fato de que o movimento físico era desnecessário para se promover o encontro entre sujeitos e informações, na era da mobilidade, ainda que a informação continue a se deslocar independente dos sujeitos que a produz, o estado de conexão generalizada, provocado pela disseminação dos dispositivos móveis em rede, faz com que os deslocamentos informacionais e físicos por vezes se coincidam, modificando a paisagem contemporânea.

Daí a imagem símbolo do primeiro contexto ser, conforme destacou Manovich (2006), a do sujeito imóvel, interagindo com um dinâmico ambiente

virtual a partir de um computador pessoal; e a do contexto da mobilidade ser a do sujeito que interage, via dispositivos móveis, a qualquer hora e lugar com ambientes informacionais diversos. A noção de espaço aumentado (*augmented space*), formulada pelo autor, é especialmente interessante pelo fato de evidenciar a transformação do espaço físico em um espaço informacional¹⁰⁰, na medida em que destaca a possibilidade trazida pelos dispositivos móveis de inserir camadas dinâmicas de informação ao ambiente físico.

No que concerne aos dispositivos móveis, em especial os telefones celulares, e ao mercado voltado à comercialização de produtos e serviços para essas interfaces, vimos que, nos últimos dez anos, as alterações foram bastante significativas. Do formato “tijolão”, fomos para os modelos leves e discretos que, depois de um tempo, voltaram a crescer, tornando-se “inteligentes” (smartphones) e assumindo, cada vez mais, funções semelhantes as dos computadores.

Com relação ao mercado voltado para a produção de conteúdo e soluções tecnológicas, as mudanças não foram menos significativas. Dos serviços de valor agregado (SVA), que englobavam desde toques musicais e papéis de parede, a jogos e salas de bate-papo, caminhamos para o universo dos aplicativos, que trouxeram uma nova perspectiva não só para os usuários, em termos de possibilidades de utilização do dispositivo, mas também para os produtores de conteúdo, que encontraram regras de participação no mercado mais flexíveis.

¹⁰⁰ Ao falar da criação de um espaço informacional, o autor procura esclarecer que o espaço construído pelo homem sempre foi povoado por ornamentos, textos, imagens, sinalizações, a novidade é atribuída ao uso das tecnologias de informação e comunicação para acesso e disseminação de fluxos informacionais, a partir de quaisquer ambientes, gerando camadas dinâmicas e mutáveis de informação.

Ainda no que concerne à produção de conteúdo, vale destacar que, principalmente em relação aos serviços de personalização, o conteúdo elaborado pelo próprio usuário – devido à disseminação de dispositivos móveis equipados com câmeras, gravadores de áudio e vídeo e reprodutores de música – ganhou força. Atrelada ao incremento de funcionalidades, a chegada da Internet, através das redes 3G e sistemas Wi-Fi, ajudou a consolidar, nesse cenário, a mobilidade por fluxos informacionais, ampliando a capacidade dos dispositivos móveis no que concerne ao acesso e à disseminação de informações.

Do ponto de vista dos sujeitos, tais mudanças puderam ser percebidas, por exemplo, a partir da forma como eles organizam e estruturam suas necessidades informacionais e interacionais, tendo em vista o tipo de dispositivo que têm à mão. Como pôde ser observado nos grupos, há uma crescente demanda por funcionalidades e recursos que buscam responder a ritmos de vida, cada vez mais, pautados no movimento e na necessidade profissional e pessoal de aceder a fluxos ininterruptos de informação.

As mudanças decorrentes do acesso rápido e especializado interferem nas relações sociais e nas formas de lidar com a informação e acabam por transformar o sujeito da mobilidade no sujeito informacional por excelência: conforme destacado, o sujeito é móvel porque mobiliza a si próprio na forma de informação. Seus processos sociais e culturais tornam-se fluxos informacionais.

Ao dialogarmos com alguns desses sujeitos, vimos como a integração do movimento com a tecnologia delinea um padrão de mobilidade que, para uns, pode parecer inalcançável, já para outros, constitui-se num estilo de vida. Para aqueles que “abraçam” a vida em movimento, vimos que, apesar de os sujeitos

terem, aparentemente, distintas motivações para seus deslocamentos e transitarem em contextos de mobilidade específicos, há regularidades nesses comportamentos e na própria percepção da mobilidade.

Numa primeira análise, podemos dizer que a mobilidade por fluxos informacionais os torna mais produtivos, mais integrados, mais cientes do que se passa ao seu redor e, assim, provoca nesses sujeitos a sensação de que são capazes de realizar melhores escolhas por conseguirem reunir um conjunto de informações mais completo e dinâmico que, em última instância, permitem-nos tomar decisões mais acertadas.

No entanto, essa mesma mobilidade os torna sujeitos errantes em seu próprio território, isso porque, ao tomar o movimento informacional como condição fundamental para o exercício dos papéis que lhes cabem socialmente, qualquer parada significa deixar de existir nos contextos por onde se transita. Nesse sentido, para aqueles que articulam a vida em torno da mobilidade, o importante não é nem tanto mover-se fisicamente, mas não permitir que o fluxo informacional estacione nele. Conforme salientou Santos (2003), as rugosidades são prejudiciais ao movimento da informação, portanto, é preciso que todos estejam disponíveis para a mobilidade.

Porém, ainda que nesta pesquisa tenha sido privilegiada a vivência dos sujeitos que fazem uso de dispositivos móveis, integrando-os às suas rotinas de movimento e circulação física e informacional, a análise desses perfis acaba levantando questões a respeito daqueles que se posicionam à margem desse processo, seja por escolha ou por imposição.

Em alguns casos, como já salientou Urry (2007), a própria mobilidade precisa se assentar em estruturas fixas, imóveis, para se desenvolver. A imagem do vagabundo, evocada por Bauman (1999), é bastante elucidativa desses sujeitos “impedidos” de exercer a mobilidade informacional e física, porém, ainda é preciso avançar um pouco mais nas análises para compreender os impactos dessa imobilidade numa sociedade que cada vez mais valoriza o movimento.

Mobilidade por fluxos informacionais	
Literatura	Principais aspectos
Teorias da globalização e sociedade da informação	Aceleração dos fluxos de pessoas, capital e informação.
	Existência de infraestrutura material que permite e potencializa a circulação dos fluxos.
Paradigma da mobilidade	O movimento nas relações sociais implica em proximidade e distância, presença e ausência, e se dá entre sujeitos, objetos, informações e mediações tecnológicas.
	Movimento se dá a partir de sistemas heterogêneos.
	Movimento vincula-se a relações de poder, vigilância, controle e monitoramento dos fluxos.
Dispositivos	Principais aspectos
Interface	Mudanças ocorridas na aparência externa buscam responder às funcionalidades e aos recursos que são acrescentados ao dispositivo, assim como às demandas dos usuários em termos de preferências de design.
	Telefones celulares se assemelham cada vez mais aos computadores no que se refere a funcionalidades e desempenho.
	Trazem características das tecnologias vestíveis e da computação ubíqua.
Mercado	Propagação, através da mídia, de que os dispositivos móveis colocarão as pessoas em contato com aquilo que realmente as interessa (amigos, família, amores, conteúdo, produtos, lugares, trabalho, etc.)
	Diversificação dos serviços oferecidos via telefonia móvel, com a consequente ampliação dos produtores de conteúdos e soluções tecnológicas.
Sujeitos	Principais aspectos
Comportamento informacional e Sociabilidade	Vivência cotidiana é midiaticizada (registro em fotos, vídeos, relatos via voz, mensagens de texto) e disseminada via dispositivos móveis.
	Acesso especializado a fluxos informacionais ininterruptos.
	Novas formas de “estar junto”: módulos de copresença e presença-ausente se alternam nas interações.
	Reação dupla provocada pela “proximidade”: conforto e segurança X assédio constante.
Padrão de mobilidade por fluxos informacionais:	
A mobilidade por fluxos informacionais implica no acesso quase constante a ambientes de conexão (seja via dispositivos móveis ou terminais de acesso à rede). Dessa forma, os sujeitos passam a estabelecer novas maneiras de “estar junto”, desenvolvendo um comportamento informacional que implica num acesso frequente a informações disponíveis em suas redes, assim como na produção e disseminação de conteúdos a “qualquer hora e lugar”. A mobilidade por fluxos informacionais significa a existência de sujeitos que se tornam moventes não apenas por estarem em movimento físico, mas principalmente por se mobilizarem através de conteúdos informacionais diversos e híbridos.	

Quadro 7_Mobilidade por fluxos informacionais

Assim ao compor esse cenário, acreditamos ter sido capazes de enfrentar, através da pesquisa teórica e empírica, os objetivos e as principais indagações desta pesquisa. Diante da mobilidade por fluxos informacionais, percebemos que as tecnologias móveis e seus ambientes de conexão exercem um papel importante, mas que não se limita a essa infraestrutura material. Há uma série de ajustes econômicos, políticos, sociais e culturais que incidem sobre os sujeitos, gerando estranhamentos, adaptações e, por vezes, a adoção de novos comportamentos.

Nesse contexto, diversas possibilidades de pesquisa se abrem para a Ciência da Informação, sendo uma tendência nos estudos conduzidos na área a relação estabelecida entre os sujeitos e a informação, a partir de mediações tecnológicas. Portanto, não são estudos da tecnologia em si, pois não se limitam a objetos e máquinas, mas englobam aspectos culturais e sociais.

Apesar de o problema informacional perpassar diversos campos científicos, a CI realiza uma aproximação de seu objeto que busca apreender as diversas dimensões que se apresentam numa relação informacional - suporte, contexto, sujeitos em interação -, gerando análises que englobam perspectivas sociais, culturais, materiais e econômicas

Nesse sentido, a tríade - informação, cultura e sociedade - encontra-se permeada por mediações tecnológicas diversas que propõem novos cenários de interação aos sujeitos e interessantes oportunidades de estudo ao campo. Acreditamos que esse alargamento das agendas de pesquisa, dado pelas mudanças nos cenários a que lançamos nosso olhar, traz questões desafiadoras não só pela natureza das proposições, mas também porque tais processos ainda

estão em andamento na sociedade, impondo uma série de limitações à análise, por não haver um distanciamento temporal entre os fenômenos em questão e o momento em que se dão os estudos.

Porém, embora não nos seja possível vislumbrar os encaminhamentos dos fenômenos em questão - ainda que arrisquemos inferir alguns cenários prováveis -, a busca por sua compreensão e análise é necessária, pois diz da essência do fazer científico.

Sendo assim, como toda pesquisa, esta tese não se encerra em si mesma. Como proposição de estudos futuros, apontamos:

- Aprofundar a análise daqueles que não vivenciam o padrão de mobilidade contemporâneo, seja por escolha ou por imposição, buscando compreender os impactos dessa imobilidade numa sociedade que cada vez pautada movimento físico e, principalmente, informacional;
- Aprofundar a compreensão do paradigma da mobilidade em relação às demandas por compartilhamento e trocas informacionais, por exemplo, nos ambientes acadêmicos e científicos;
- Empreender análises a respeito da imbricação entre o espaço urbano e as camadas dinâmicas de informação que se entrecruzam nesse cenário, a partir de sujeitos, dispositivos e ambientes de conexão. Perceber como se dá a coordenação e a produção dos fluxos informacionais e de pessoas no contexto das cibercidades.

- Compreender, à luz das teorias da significação, como a mobilidade por fluxos informacionais tem agido sobre o universo perceptivo dos sujeitos, na medida em que põe em circulação imagens, informações e mensagens.

Diante do fenômeno da mobilidade por fluxos informacionais, a presente pesquisa teve por objetivo descrever e analisar o papel da informação e das tecnologias móveis na implementação do padrão de mobilidade contemporâneo. Ao identificar e caracterizar os elementos definidores da era da mobilidade por fluxos informacionais, a partir do uso das tecnologias móveis, pudemos compreender o que representa para os sujeitos produzir, disseminar e acessar informações em movimento e quais os impactos disso na sociabilidade.

Os processos informacionais, a partir das possibilidades de interação e mobilidade implementadas pelas tecnologias móveis, complexificam-se e estabelecem novos paradigmas para a produção e a recepção de informações na contemporaneidade. Integrar esse território informacional, constituindo-se, em certa medida, um cidadão global, significa, em última instância, possuir determinadas competências informacionais, sociais e culturais, dadas não só pelo acesso às tecnologias, mas também à capacidade de se deslocar por e entre lugares.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. What is an apparatus? In: AGAMBEN, Giorgio. *What is an apparatus and Other Essays*. Stanford California: Stanford University Press, 2009. p.1-24.

AUGÉ, Marc . *Los no lugares: espacios del anonimato*. Una antropología de la sobremodernidad. Barcelona: Gedisa, 2000. 125p.

_____. *Por uma antropologia da mobilidade*. Maceió: EDUFAL : UNESP, 2010. 109p.

BARON, Naomi S. Adjusting the Volume: Technology and Multitasking in Discourse Control. In: KATZ, James (org.). *Handbook of Mobile Communication Studies*, Cambridge, MA: MIT Press, 2008. p.177-193

BAUMAN, Zygmunt. *A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2008. 323p.

_____. Dentro e fora da caixa de ferramentas da sociabilidade. In: BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. p.27-45.

_____. *Globalização: As Conseqüências Humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999. 146p.

_____. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. 258p.

BRAGA, José Luiz. Interação & Recepção. In: FAUSTO, Antônio Neto (org.). *Interação e sentidos no Ciberespaço e na sociedade*. Porto Alegre: EDIPUCRIS, 2001. 234p.

BÜSCHER, M., URRY, J. Mobile Methods and the empirical. *European Journal of Social Theory*. v. 12, n.1, p. 99-116, Fev. 2009.

_____, _____. WITCHGER, K. (org). *Mobile Methods*. London: Routledge, 2010.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. 4. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1999. 290p.

CAPURRO R. Epistemologia e ciência da informação In: *Proceedings del V Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, 10.-12.11.2003. Disponível em: <<http://capurro.de>>. Acesso em: mar. 2004

_____, HJØRLAND B. The Concept of Information. In: *Annual Review of Information Science and Technology (ARIST)* Ed. Blaise Cronin, Vol. 37 (2003) Chapter 8, 343-411. <Disponível em <http://www.capurro.de>>. Acesso em: mar. 2005.

CASTELLS, Manuel. A Era da Intercomunicação. *Le Monde Diplomatique*. Trad. Márcia Macedo. Agosto de 2006. Disponível em: <http://diplo.uol.com.br/2006-08,a1379>.

_____, *A sociedade em rede*. A Era da Informação: economia, sociedade e cultura; v.1, 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

DANTAS, Marcos. *A lógica do capital-informação: a fragmentação dos monopólios e a monopolização dos fragmentos num mundo de comunicações globais*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Contraponto, 2002. 268 p.

DENZIN, N.K. (1970). *The research act: A theoretical introduction to sociological methods*. Chicago: Aldin *apud* FLICK, Uwe. *Qualidade na Pesquisa Qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

_____. (1989). *The research act: A theoretical introduction to sociological methods*. 3rd edition. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 306p. *apud* FLICK, Uwe. *Qualidade na Pesquisa Qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

DOMINGUES, Ivan. *Epistemologia das ciências humanas*. Tomo I: Positivismo e hermenêutica: Durkheim e Weber. São Paulo, Edições Loyola, 2004. 671p.

ECO, Umberto. *Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. São Paulo: 1988. 284p.

ELLIOTT A., URRY J. *Mobile Lives*. London: Routledge, 2010. 188p.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Circuitos de cultura/circuitos de comunicação: um protocolo analítico de integração da produção e da recepção. *Comunicação, mídia e consumo*. São Paulo v.4, n. 1, p.115-135, nov. 2007.

FAUSTO NETO, Antonio. A deflagração do sentido. Estratégias de produção e de captura da recepção. In: SOUZA, Mauro Wilton de. (org). *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

FERNANDES, Geni Chaves. *A Ameaça: Tempo, Memória e Informação*. 2004. 307f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Rio de Janeiro, 2004.

FLICK, Uwe. *Qualidade na Pesquisa Qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009. 196p.

FORTUNATI, Leopoldina. User design and the democratization of mobile phone. *First Monday, special issue*, n. 7, Set. 2006. Disponível em: <http://firstmonday.org/issues/special11_9/fortunati/index.html> Acesso em: mar. 2009.

GENETTE, Gérard. *Discurso da narrativa*. Trad. Fernando Cabral Martins. Lisboa: Vega, s.d.

GERGEN, Kenneth J. The Challenge of absent presence. In: KATZ, J. E.; AAKHUS, M. (org.) *Perpetual Contact: Mobile Communication, Private Talk, Public Performance*. NY: Cambridge University Press. 2002, p. 227-241

HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. 17ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008. 349p.

HOINEFF, Nelson. *Quando a Inteligência está na Cauda*. Observatório da Imprensa. Ed. 455. 2007 Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/quando-a-inteligencia-esta-na-cauda>> Acesso em mar. 2008

HUHTAMO, Erkki. *Hidden histories of mobile media. Receiver#11*. 2004. Disponível em: <http://www.receiver.vodafone.com/11/articles/pdf/11_01.pdf> Acesso em: mar. 2006.

IANNI, Octavio. *Teorias da Globalização*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997. 224p.

JANKOWSKI, N. W. Exploring e-science: An introduction. *Journal of Computer-Mediated Communication*. v.12, n. 2, 2007. Disponível em <<http://jcmc.indiana.edu/vol12/issue2/janakowski.html>> Acesso em: mar 2009.

JENKINS, Henry. *Convergence Culture: Where Old and New Media Collide*. New York: New York University Press, 2006, 308p.

_____. Videogame Virtue. *Technology Review*. MIT. Agosto de 2003. Disponível em: <<http://www.technologyreview.com/Energy/13265/?a=f>> Acesso em: fev. 2010.

JOSGRILBERG, F., LEMOS, A. (org) *Comunicação e mobilidade: aspectos socioculturais das tecnologias móveis de comunicação no Brasil*. Salvador: EDUFBA, 2009, 156p.

KADUSHIN, Charles. Introduction to Social Network Theory. In: *Some Basic Network Concepts and Propositions*, 2004. Disponível em: <home.earthlink.net/~ckadushin/Texts/Basic%20Network%20Concepts.pdf> Acesso em: mai. 2007

KAIKKONEN, Anne. *Internet on Mobiles: Evolution of Usability and User Experience*. 2009, 129p. Tese (Doutorado em Filosofia, Faculdade de Informação e Ciências Naturais - Helsinki University of Technology), Helsinki, 2009.

KATZ, J. E.; AAKHUS, M. (org.) *Perpetual Contact: Mobile Communication, Private Talk, Public Performance*. NY: Cambridge University Press. 2002, 391p.

_____. (Org.) *Handbook of Mobile Communication Studies*. Cambridge, MA: MIT Press. 2008, 472p.

KUMAR, Krishan. *Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. 258p.

LATOUR, B.; WOOLGAR, S. *A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997, p.312.

_____. *Ciência em Ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo: UNESP, 2000. 438p.

_____. *Jamais Fomos Modernos*. Rio de Janeiro, Editora 34, 1994.

Le COADIC, Yves-François. *A Ciência da Informação*. 2ª ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004. 124p.

LEE, V.; SCHNEIDER, H.; SCHELL, R. *Aplicações móveis: arquitetura, projeto e desenvolvimento*. São Paulo: Pearson, 2005, 352p.

LEMOS, André. *Cibercultura e Mobilidade. Razón y Palabra Comunicaciones Móviles*, n. 41, Out/Nov. 2004. México. Disponível em <<http://www.cem.itesm.mx/dacs/publicaciones/logos/anteriores/n41/alemos.html>> Acesso em: mar. 2005

_____. *Cibercultura Remix. Seminário Sentidos e Processos*. São Paulo, Itaú Cultural, agosto de 2005. Disponível em: <<http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemos/cibercultura%20remix.pdf>> Acesso em: fev. 2006

_____. *Cidade e Mobilidade. Telefones Celulares, funções pós-massivas e territórios informacionais. Matrizes*, USP, v. 1, n.1, São Paulo, 2007, pp.121-137.

LING, Rich. *New Tech, New Ties*. Cambridge: MIT Press, 2008. 240p.

_____. *The Mediation of Ritual Interaction via the Mobile Telephony*. In: KATZ, J. E. (org.) *Handbook of Mobile Communication Studies*. Cambridge, MA: MIT Press. 2008. p.165-176.

_____. *The mobile connection: The cell phone's impact on society*. San Francisco: Morgan Kaufmann, 2004. 244p.

MAFFESOLI, Michel. A comunicação sem fim: teoria pós-moderna da comunicação. In: Da SILVA, J. M.; MARTINS, F. M. *A Genealogia do Virtual: comunicação, cultura e tecnologias do imaginário*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2004. p.20-32.

_____. *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. Rio de Janeiro: Record, 2001. 205p.

MANN, Steve. Wearable computing as means for personal empowerment. Discurso de Abertura da *First International Conference on Wearable Computing (ICWC)* Mai 12-13, Fairfax, VA, 1998. Disponível em: < <http://wearcam.org/icwckeynote.html>> Acesso em: mar. 2009.

MANOVICH, Lev. The poetics of augmented space. *Visual Communication*. v.5 n.2, Jun. 2006, p.219-240.

MANTOVANI, Camila Maciel C. Alves. Info-entretenimento na telefonia celular: informação, mobilidade e interação social em um novo espaço de fluxos. Belo Horizonte, 2006. 152 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

_____. O Deslocamento do receptor. *Revista Texto Livre: Linguagem e Tecnologia*, v. 1, n. 2, 2008. Disponível em <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/textolivre/article/view/13>> Acesso em: jul. 2008

MARTÍN-BARBERO, Jesús. América Latina e os anos recentes. In: SOUSA, Mauro Wilton de (org). *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense, 1995. p.39-68.

MERRICK, R; GORLENKO, L., No wires attached: Usability challenges in the connected mobile world. *IBM Systems Journal*, vol. 42, no. 4, 2003. Disponível em <<http://csis.pace.edu/~ctappert/dps/d861-07/team1-a1.pdf>> Acesso em: out. 2004

MEYROWITZ, Joshua. Global nomads in the digital veldt. *Revista FAMECOS*. Porto Alegre, nº 24, julho 2004, p.23-30.

MOLZ, J. G. Connectivity, collaboration, search. In: BÜSCHER, M., URRY, J. WITCHGER, K. (org). *Mobile Methods*. London: Routledge, 2010. p.88-103.

MOURA, Maria Aparecida, MANTOVANI, Camila. Fluxos informacionais e agregação just-in-time: interações sociais mediadas pelo celular. *Revista TEXTOS de la*

CiberSociedad, Temática Variada, n. 6, 2005 <Disponível em: <http://www.cibersociedad.net/textos/articulo.php?art=74>> Acesso em: abr. 2005.

MUNIER, Brigitte. L'influence des nouvelles technologies multimédias sur les formes de sociabilité. *Communications & languages*. n.140, junho 2004.

MYERSON, G. *Heidegger, Habermas and the Mobile Phone*. Cambridge Icon Books, 2001. 80p.

NASCIMENTO, Eurípedes C. do. *Nomadismos Contemporâneos: um estudo sobre errantes trecheiros*. São Paulo: Editora UNESP, 2008. 124p.

ORTIZ, Renato. *Mundialização e Cultura*. 2ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994. 234p.

PELLEGRINO, Giuseppina. Discourses on Mobility and Technological Mediation: The Texture of Ubiquitous Interaction. *PsychNology Journal*, 2007, v.5, n. 1, p.59-81.

_____. Introduction: Studying (Im)mobility through a Politics of Proximity. In: PELLEGRINO, Giuseppina (Org.), *The Politics of Proximity: Mobility and Immobility in Practice*. Farnham: Ashgate Publishing, 2011. Disponível em: <http://www.ashgate.com/pdf/SamplePages/Politics_of_Proximity_Intro.pdf> Acesso em: abr. 2011

PETERS, S. M. Information mobility: the behavioural technoscape, Centre for Mobilities Research: *Alternative Mobility Futures* (Lancaster) 2004. Disponível em: <<http://www.lums.lancs.ac.uk/publications/viewpdf/000269>>. Acesso em: set. 2008.

PLANT, Sadie. On the mobile. *The effects of mobile telephones on social and individual life*. Motorola Inc. 28 out. 2001. Disponível em: <<http://www.motorola.com/mot/documents/0,1028,296,00.pdf>> Acesso em: jul. 2005

PORTOCARRERO, Vera (org.). *Filosofia, história e sociologia das ciências I: abordagens contemporâneas*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1994. 272p.

RECUERO, Raquel da Cunha. Redes sociais na Internet: considerações iniciais. ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA DA XXVII INTERCOM, 4., Porto Alegre, RS, 2004. Anais... Porto Alegre, RS. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/recuero-raquelredes-sociais-na-internet.pdf>>. Acesso em: out. 2009

RHEINGOLD, Howard. Mobile Media and Political Collective Action. In: KATZ, J. E. (org.) *Handbook of Mobile Communication Studies*. Cambridge, MA: MIT Press. 2008. p.225-239.

SANTAELLA, Lucia. *Linguagens Líquidas na era da Mobilidade*. São Paulo: Ed. Paulus, 2007. 472p.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2008. 384p.

_____. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003. 174p.

SHELLER, M., URRY, J. The new mobilities paradigm. In: *Environment and Planning*, v.38, n.2, 2006. 207-226p. Disponível em: <http://www.ias.uni-bayreuth.de/resources/africa_discussion_forum/ws08-09/new_mobilities_paradigm_sheller_urry.pdf> Acesso em: jul. 2009

SIMMEL, Georg. *Questões Fundamentais da Sociologia*. Indivíduo e Sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. 119p.

SOUSA, Mauro Wilton de. Recepção e comunicação: a busca do sujeito. In: SOUSA, Mauro Wilton de (org). *Sujeito, o lado oculto do receptor*. São Paulo: Brasiliense, 1995. p.13-38.

SOUZA E SILVA, Adriana Araújo. Are Cell Phones New Media? Hybrid communities and collective authorship. *trAce Online Writing Center*. 29 out. 2004b. Disponível em: <<http://trace.ntu.ac.uk/Opinion/index.cfm?article=121>> Acesso em: jan. 2006.

_____. *Interfaces móveis de comunicação e subjetividade contemporânea: de ambientes de multiusuários como espaços (virtuais) a espaços (híbridos) como ambientes de multiusuários*. 2004. 371f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura – Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Escola de Comunicação, CFCH), Rio de Janeiro, 2004.

STONE, Linda (2009). *Beyond Simple Multi-Tasking: Continuous Partial Attention*. Disponível em: <<http://lindastone.net/2009/11/30/beyond-simple-multi-tasking-continuous-partial-attention>> Acesso em: dez. 2010

URRY, John. *Mobilities*. London: Routledge, 2007. 335p.

_____. Mobility and Proximity. *Sociology*, v.36, n.2, Mai. 2002. p.255-274.

WAJCMAN, Judy. Addressing Technological Change: The Challenge to Social Theory. *Current Sociology*, v.50, n.3. Disponível em: <<http://csi.sagepub.com/cgi/content/abstract/50/3/347>> Acesso em: fevereiro 2009.

WEISER, Mark. Hot Topics: Ubiquitous Computing. *IEEE Computer*, Outubro, 1993.

_____. The world is not a desktop. *Interactions*, Jan 1994; pp. 7-8. Disponível em <<http://www.ubiq.com/hypertext/weiser/WeiserPapers.html>> Acesso em: mar. 2007

WOUTERS, Paul. What is the matter with e-Science? - thinking aloud about informatisation in knowledge creation. *Pantaneto Forum*, ed.23, 2006. Disponível em: <<http://www.pantaneto.co.uk/issue23/wouters.htm>>. Acesso em: jul. 2009.

Wulf, W. (1993) The collaborative opportunity. In: *Science Magazine*, 13 August, 1993. vol. 261, p. 854-855.

ANEXO I - GUIA DE DISCUSSÃO GRUPO-FOCO

Tópicos explorados nos grupos de discussão realizados em 2007, 2010 e 2011

Parte 1 - Você e seu dispositivo móvel

1. Qual a importância do celular em seu dia a dia?
2. Quais atividades você faz com maior frequência usando seu celular? (espontaneamente e, depois, explorar os itens a seguir)
 - a. Fazer e receber chamadas
 - b. Mensagens de texto/fotomensagem (SMS/MMS)
 - c. Tirar fotos (câmera)
 - d. Multimídia (MP3/Rádio, Vídeos/TV)
 - e. Acessar a Internet
 - f. Acessar as redes sociais (2010, 2011)
3. Em quais lugares / situações você utiliza/leva seu celular?
4. Por que você comprou seu aparelho celular atual?
5. Existe algum aspecto do seu aparelho celular de que você gosta em particular? Por quê?
6. Existe algum aspecto do seu aparelho celular de que você não gosta em particular? Por quê?

Parte 2 – Escolhendo um novo aparelho

7. Imagine que você irá trocar de celular. O que você leva em consideração na hora de comprar um aparelho? Que funcionalidades ou características você considera fundamentais?

- a. Formato
 - b. Tamanho/peso
 - c. Aparência/design
 - d. Cor
 - e. Material
 - f. Elementos da interface
 - g. Tamanho da tela
 - h. Botões/teclas de navegação
 - i. Configuração do menu
8. Quais funcionalidades você deseja ter no seu novo celular?
9. Quanto você estaria disposto a pagar por um novo aparelho?
10. A marca do aparelho influencia no momento da compra?

ANEXO II – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

Tópicos explorados nas entrevistas

1. Perfil:

- a. Profissão;
- b. Idade;
- c. Onde mora;
- d. Estado civil.

2. Caracterização em relação ao uso de dispositivos móveis:

- a. Possui celular? Qual? Tem pacote de Internet móvel? Descreva os principais usos.
- b. Possui computador portátil? Descreva os principais usos.
- c. Quanto tempo passa conectado? De onde: casa ou trabalho? Ou em movimento?

3. Caracterização em relação ao movimento:

- a. Como é a sua rotina?
- b. Quando foi sua última “viagem”/movimento físico?
- c. Qual a motivação do seu movimento físico? (trabalho, lazer, saúde, estudo, familiar, mudança...)
- d. Qual o principal meio de transporte utilizado?
- e. Que tipo de tecnologia usa preferencialmente quando está em movimento? Por quê?
- f. Quais as principais mudanças percebidas em relação à forma como se move (física e informacionalmente) nos últimos anos?

Pontos de atenção

- Relação do movimento com a informação (consumo e produção).
- Qual a característica dos fluxos? (Caracterização da mobilidade por fluxos informacionais.)
- Quais as motivações principais para acessar e/ou produzir informações?
- Quem são os principais atores da rede de interação construída em movimento?